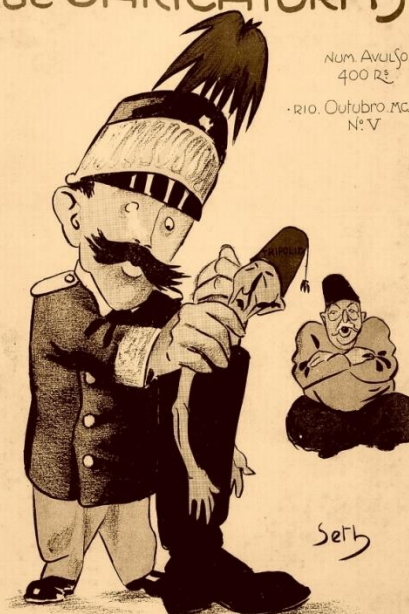


ALBUM de CARICATURAS

NUM. AVULSO 400 RS

RIO, Outubro, MCMXI, Nº V



— Non abbia paura!


 Coleção
 Documentos
 89

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA

CENTRO DE
 LITERATURAS
 E CULTURAS
 LUSÓFONAS
 E EUROPEIAS

CLEPUL
 Faculdade de Letras da
 Universidade de Lisboa

FCT
 Fundação
 para a Ciência
 e a Tecnologia



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

DOIS CONFLITOS BÉLICOS
INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA
IMPrensa ILUSTRADA
BRASILEIRA





Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPREENSA ILUSTRADA BRASILEIRA



- 89 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2024

Ficha Técnica

Título: Dois conflitos bélicos internacionais nas páginas da imprensa ilustrada brasileira

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 89

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: O MALHO. Rio de Janeiro, 5 mar. 1904.; e ÁLBUM DE CARICATURAS. Rio de Janeiro, out. 1911

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Abril de 2024

ISBN – 978-65-5306-002-9

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

ÍNDICE

Guerra Russo-Nipônica / 9

Guerra Ítalo-Turca / 87

GUERRA RUSSO-NIPÔNICA

Um ambiente de atritos entre os expansionismos nacionais, endurecimento da competição econômica e financeira, rivalidades nacionais, com alianças e quebra de alianças, agravava-se a partir de um fundo de nacionalismo, de chauvinismo e de racismo. Levando em conta as rivalidades, a concorrência, os atritos, os enfrentamentos, os interesses industriais e financeiros, a expansão de ímpetos patrióticos, além de outros fatores, desencadeou-se a expansão imperialista de final do século XX e início da centúria seguinte, vindo tais processos a constituir a gênese da I Guerra Mundial¹. Nesse sentido, os enfrentamentos bélicos dos primórdios do século XX, tendo por pano de fundo as disputas imperialistas, representaram fatores que agudizaram a instabilidade internacional e significaram um caminho sem volta em direção à conflagração mundial. Um desses conflitos foi a Guerra Russo-Nipônica.

Ao optar por um nacionalismo voltado para o futuro e o progresso, o Japão escolheu o caminho da independência pela reforma, estabelecendo tal intento como um projeto marcado pela continuidade, o qual é encampado pelo próprio imperador, que, ao tomar a iniciativa do movimento, venceu forças reacionárias e empreendeu a modernização do país, de modo a livrá-lo da tutela europeia ou estadunidense². Em meio às ações imperialistas europeias, o Japão exercia tal papel no Extremo-Oriente, com a conquista à China da Coreia e de Taiwan, em

¹ BEAUD, Michel. *História do capitalismo de 1500 anos nossos dias*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 233 e 236.

² RÉMOND, René. *O século XIX (1815-1914)*. São Paulo: Cultrix, 1990. p. 196.

1895, vindo a ampliar seus domínios, mais tarde, às custas da Rússia, com a vitória no confronto de 1904-1905. O problema dos impérios obsoletos da Europa era que eles estavam simultaneamente em dois campos, ou seja, avançado e atrasado, forte e fraco, lobo e cordeiro, permanecendo os impérios antigos apenas no das vítimas. Eles pareciam destinados à ruína, conquista ou dependência, salvo se pudessem aprender com os imperialistas ocidentais o que os tornava tão poderosos. Assim, ainda ao final do século XIX, tal fenômeno tornou-se perfeitamente claro, de modo que a maioria dos Estados maiores e dos dirigentes do antigo mundo dos impérios, buscou, em graus diversos, assimilar o que eles consideravam como as lições do Ocidente, mas apenas o Japão foi bem-sucedido nessa tarefa difícil, sendo que, em 1900, viria a tornar-se um lobo entre os lobos, começando a ser tratado como igual quando começou a ganhar guerras³. Em tais circunstâncias ficaram caracterizados os destinos da Guerra Russo-Japonesa. O Japão passou por um rápido surto industrial, particularmente depois das guerras contra a China e a Rússia, das quais tirou proveito de substanciais indenizações de guerra. O avanço industrial e imperialista japonês esteve subordinado ao desejo de resistir aos países ocidentais e, em seguida, vencê-los, com suas próprias armas. O seu projeto era o de excluir os ocidentais do Extremo Oriente e, tendo em vista a incapacidade dos outros países asiáticos de fazê-lo, o Japão se encarregou da tarefa e, ao

³ HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 90, 119 e 387.

mesmo tempo, consideraria cada vez mais o conjunto extremo-oriental como uma reserva de caça⁴.

Por outro lado, no caso de regimes inseguros, mas prudentes, normalmente eles evitavam políticas externas temerárias, mas a Rússia czarista enveredou pelo caminho por meio do qual questionava como uma grande potência, ainda que com pés de barro, deixaria de insistir em desempenhar o que ela sentia ser o papel que lhe cabia na conquista imperial. De acordo com tal perspectiva, o território escolhido foi o Extremo Oriente, tanto que a ferrovia transiberiana fora, em boa medida, construída para penetrar em tal região. Entretanto, a conquista russa esbarrou na expansão japonesa, ambas às custas da China, tendo o Império Russo subestimado o Estado Nipônico. Nesse quadro, a Guerra Russo-Japonesa de 1904-1905 foi um rápido e humilhante desastre para a Rússia, ressaltando a fraqueza do czarismo, ainda mais com o desencadear das ondas revolucionárias cada vez mais intensas, promovendo inclusive a aceleração das negociações de paz, embora, antes mesmo do término do conflito bélico, já estourara a Revolução de 1905⁵. Apesar do enorme contingente do exército russo, com um milhão de homens em tempo de paz, o número de militares disponíveis para o conflito no Extremo Oriente era bastante reduzido, ainda mais no momento do brusco ataque japonês. Além disso, a Transiberiana não conseguia transportar soldados o suficiente e a frota russa se encontrava dividida em três esquadras. Já o Japão contava com tropas

⁴ NERÉ, Jacques. *História contemporânea*. São Paulo: DIFEL, 1975. p. 335.

⁵ HOBSBAWM, 1989. p. 410.

motivadas e selecionadas, formadas em quase sua totalidade por profissionais e, quanto à frota, com todas as forças reunidas, era bastante superior a cada uma das esquadras russas, tanto em material, como em evoluções e em vontade de vencer. Assim, ao final, ocorreria a vitória nipônica, tendo o czar russo de abandonar, com a Manchúria e a Coreia, as suas ambições no Extremo Oriente⁶. Tal guerra constituiu um conflito distante e mal compreendido pela massa, que não podia ser popular, trazendo também uma tomada de consciência dos soldados de sua utilidade e força. Além disso, ela reteve muito longe do centro da Rússia grande parte das forças sobre as quais se apoiava normalmente o governo e, enfim a derrota militar russa pôs em relevo, mais uma vez, a fraqueza profunda do regime, de modo que, a partir de então, os abalos se produziram simultânea ou sucessivamente em todos os níveis e nas regiões mais diferentes⁷.

A Guerra Russo-Nipônica desenvolveu-se entre fevereiro de 1904, com o ataque japonês a Porto Arthur e a conseqüente reação russa, até setembro de 1905, com a assinatura da paz. Tal confronto encontrou significativo eco em meio à imprensa mundial, tendo repercussão também no seio do jornalismo brasileiro. Uma das publicações que cobriu o enfrentamento bélico foi a recém-criada *O Malho*, revista que marcou a vida política brasileira do século XX, com a prática de um jornalismo crítico-opinativo, que abordava desde o cotidiano urbano brasileiro, mormente o do Rio de Janeiro, até os eventos que marcavam

⁶ JOUREIN, Albert. *Prólogo ao nosso século (1871-1918)*. Lisboa: Dom Quixote, 1981. p. 259 e 261.

⁷ NERÉ, 1975. p. 289.

a conjuntura internacional. Como publicação ilustrada, *O Malho* desenvolveu ao longo de sua existência um grande primor gráfico, de modo que a iconográfica tornou-se uma de suas marcas editoriais, fosse por meio de fotorreportagens, fosse com a utilização em larga escala da arte caricatural, mesclando assim a cobertura em moldes informativos, mas também satírico-humorísticos expressos por meio da caricatura. O estudo das representações imagéticas apresentadas pela revista carioca a respeito da Guerra Russo-Japonesa, ao longo do seu primeiro terço, ou seja, entre fevereiro de 1904 e agosto de 1905, constitui o objetivo deste capítulo.

O Malho foi uma das mais longevas revistas ilustradas e humorísticas publicadas no Rio de Janeiro, tendo circulado entre 1902 e 1953. A partir do título estampado em sua capa, a publicação pretendia “malhar” a sociedade, apontando suas mazelas e defeitos, vindo a criticá-la, censurá-la, escarnecê-la, zombá-la e fazer troça para com ela. Desde o início sua redação empreendeu um esforço no sentido de torná-la uma edição profundamente popular⁸ e, com base em tal escopo, chegou a ser uma das mais prestigiosas revistas de crítica⁹, com sua distribuição não se restringindo ao âmbito carioca, mas se espalhando por grande parte do país. A partir de seu norte editorial, pretendia levar ao homem da rua o espetáculo dos figurões, proclamando em alto e bom som o que o povo imaginava de fato que fosse o pensamento de cada um dos fantoches do imenso

⁸ MONTEIRO LOBATO, José Bento Renato. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1946. p. 20-21.

⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 301.

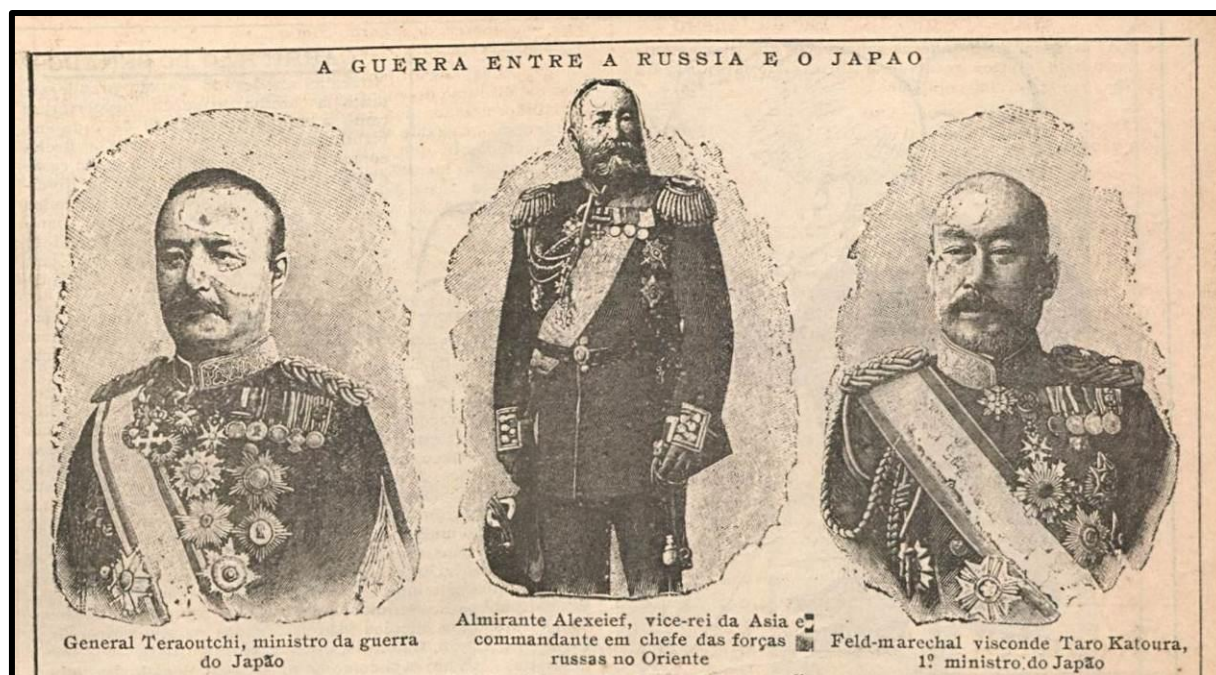
palco da politicagem nacional¹⁰. Seu olhar recaía sobre todo o Brasil, com o foco centrado na capital federal, uma vez que o Rio de Janeiro constituía o maior exemplo da modernidade nacional, síntese daquilo que seria o país em dia com o mundo¹¹. Em seu frontispício se dizia um semanário humorístico, artístico e literário, destacando que igualmente se dedicaria à política e a assuntos diversos. Ao apresentar-se, figurativamente dizia que sustentaria a missão de utilizar a bigorna, batendo-lhe a ferro na sua oficina, enfatizando, com ironia, que manteria a “tranquila consciência”, visando a concorrer “eficazmente para o melhoramento” da “raça humana”. Almejava também contribuir para “todos os elementos” de “desenvolvimento do riso” e, novamente em referência ao seu título, demarcava que, em meio a tantas “tristezas e lamentações”, faria soar “cantante o bimbalar” de “sons alegres” nas bigornas (O MALHO, 20 set. 1902).

Uma das primeiras referências de *O Malho* à conjuntura geopolítica que marcou o conflito entre russos e japoneses ocorreu mesmo antes do desencadear do enfrentamento bélico, em pequena nota na qual tratava jocosamente os interesses imperialistas na região que motivou o conflito, ao dizer que “a Rússia protege a Coreia, o Japão protege a Coreia, a Inglaterra quer proteger a Coreia, todo o mundo quer proteger a Coreia”, em clara alusão aos interesses explícitos e implícitos do imperialismo (O MALHO, 30 jan. 1904). Uma vez iniciadas as beligerâncias, a revista apresentou “A Guerra entre a Rússia e o

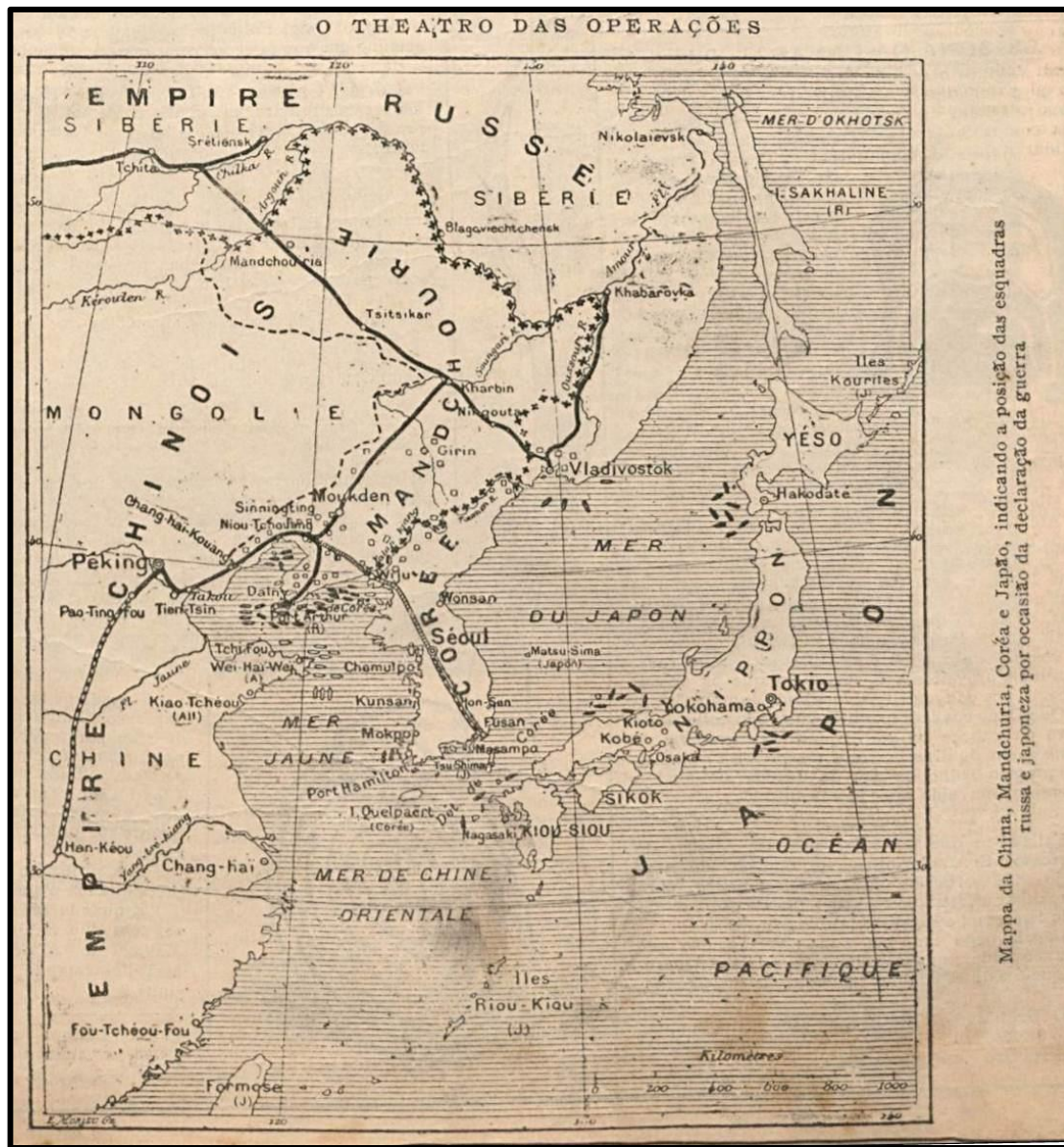
¹⁰ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 146.

¹¹ SILVA, Marcos A. da. *Caricata República: Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1990. p. 12-13.

Japão”, com as fotografias de personagens envolvidos na guerra e um mapa que representava “o teatro das operações”. A publicação ilustrada realizava também um gracejo, envolvendo um trocadilho, ao destacar que, “na peleja, ver-se-á que o Japão não admite descomposturas moscovitas nem sabão russo”, sendo “por estas e outras” que “muita gente já se moscou de Moscou”. O tom humorístico também aparecia em caricatura na qual um indivíduo afirmava ter importado um pequeno animal da Rússia, ficando por isso conhecido como o “doutor da mula russa” (O MALHO, 13 fev. 1904).



DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA



Mapa da China, Mandchuria, Coréa e Japão, indicando a posição das esquadras russa e japonesa por ocasião da declaração da guerra



Mais uma vez com comicidade, o periódico se referia a um certo desentendimento ocorrido no âmbito teatral carioca, comentando jocosamente que “o público, ansioso, ofegante, impacientíssimo, aguarda a solução deste conflito, que deixa a perder de vista o do Extremo Oriente, entre a Rússia e o Japão”. Mantendo a pauta cômica, foi publicada a caricatura de um indivíduo que fazia desafio “a algum japonês” residente no Rio, realizando um jogo de palavras, ao dizer que o mesmo iria “ver o ruço” com ele. A folha ainda teceu outra observação jocosa acerca do comportamento internacional perante o confronto bélico, afirmando que “todas as potências da Europa, da Ásia, da África, da América e da Oceania, mais ou menos adiantadas e mais ou menos atrasadas, declararam que são neutras no conflito russo-japonês”, vindo a complementar em toada pilhérica que “a Suzana, que também é uma potência, igualmente se declarou neutra ante esse conflito”, explicando que, “neutro neste caso quer dizer não ter voz ativa nem passiva, ou tê-las ambas ao mesmo tempo”, sendo “assim a neutralidade das nações, ante a Rússia e o Japão”. Repetindo a estratégia dos trocadilhos, o semanário destacava que “a Rússia vai ver o china seco com essa história da pendenga com o Japão” e, “como o negócio é com a China (não confundir com o negócio da China), pode-se dizer que a Rússia está no arroz e ri amarelo junto ao Rio Amarelo” e tudo “isto porque o império do oriente é neto do sol e filho da lua”; concluindo que todos iriam ver “que toda a brincadeira da Coreia acaba numa dança de S. Guido internacional”. Em outro desenho, um homem afirmava ter apostado no Japão, e uma vez ganhando, poderia tomar uma bebedeira (O MALHO, 20 fev. 1904).



DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



O impacto das notícias sobre a Guerra Russo-Nipônico e o interesse do público a respeito das mesmas foram significativos, tanto que o periódico carioca chegou a realizar uma atividade editorial interativa junto de seus leitores. Nessa linha, o hebdomadário dizia que, “exatamente como se dá neste momento por toda parte, em todo o orbe civilizado, também no Brasil inteiro as vistas estão geralmente voltadas para o Extremo Oriente”, no qual “se desenrola a tragédia sangrenta da guerra entre as duas poderosas nações”. Definia assim que “o conflito russo-japonês prende as atenções”, tanto que “todos” acompanhavam “com verdadeira ansiedade os sucessos desse morticínio, buscando avidamente ler as notícias vindas do teatro da luta”, aplaudindo ou maldizendo “o sucesso, segundo a preferência ou as simpatias por este ou aquele beligerante”. Diante disso, informava que, frente ao confronto, “muito naturalmente se estabeleceram os partidos” entre os dois lados do enfrentamento. Levando em conta tal circunstância, “*O Malho* resolveu abrir um escrutínio para que se apure a opinião dominante entre nós”, ou seja, “se a maioria é japonesa ou se é russa”. Segundo a folha, seria “curioso e interessante não só conhecer o número dos votos”, como “também as razões em que se baseiam as simpatias e as preferências por esta ou aquela nação”. Ficava “assim aberto o escrutínio sobre o conflito do Extremo Oriente” (O MALHO, 20 fev. 1904). Ao longo de uma série de edições seguintes, a publicação ilustrada carioca passou a apresentar os resultados parciais da enquete.

Incorrendo novamente na abordagem bem humorada, o periódico tratava comicamente a posição neutra do Brasil diante do confronto bélico extremo-

oriental, destacando que “o governo brasileiro já declarou a sua neutralidade no conflito russo-japonês”. Com ironia, a folha comentava que aquilo se dera “felizmente”, pois, “coitado do contendor, se nos visse tomar as dores pelo outro: estava frito”, com o navio *Tamandaré* dando “um passeio até o Extremo Oriente”, de maneira que, “agora com a nossa neutralidade a Rússia e o Japão vão brigar mais à vontade”. O semanário reiterava o interesse público por informes acerca do enfrentamento, ao publicar na forma de versos que chegara a precisar fixar uma tabuleta, a qual daria diariamente à cidade “notícias sobre a guerra intensa e preta, que enche o mundo de pasmo e ansiedade”. Tais repercussões eram também demonstradas por meio de caricatura que mostrava o pasmo de um leitor com observação dos informes jornalísticos (O MALHO, 27 fev. 1904). Em outra edição *O Malho* dedicou sua capa à abordagem do confronto entre japoneses e russos, sendo os contendores representados em seus trajes típicos, ou ao menos com indumentárias pelas quais eram reconhecidos no Brasil, em postura belicosa, cada qual com um martelo identificando seu país. Ao fundo apareciam estilizadas as bandeiras de cada uma das nações e a posição dos dois personagens que compunham a ilustração, lembrava de certo modo a das figuras nas cartas do baralho, trazendo assim a comparação entre a guerra e um jogo de interesses. Novamente lançando mão de versos, o periódico fazia troça, oferecendo uma “princesa russa” que estaria no Brasil, para “fazer a guerra” contra o Japão. O escrutínio continuava acontecendo e sobre ele uma caricatura mostrava dois homens conversando, um deles se declarando “pela Rússia”, surgindo em meio ao diálogo o jogo de palavras entre “escovado”, surrado e “russo” (O MALHO, 5 mar. 1904).



DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA

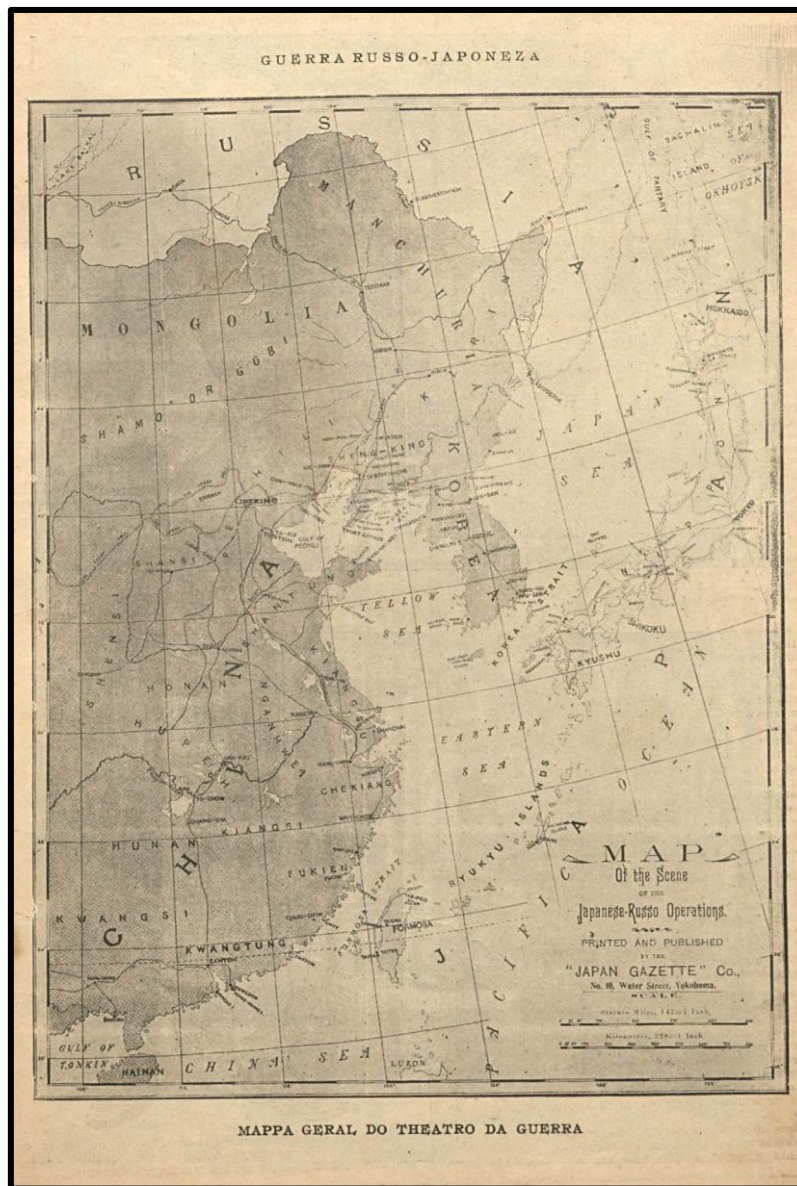


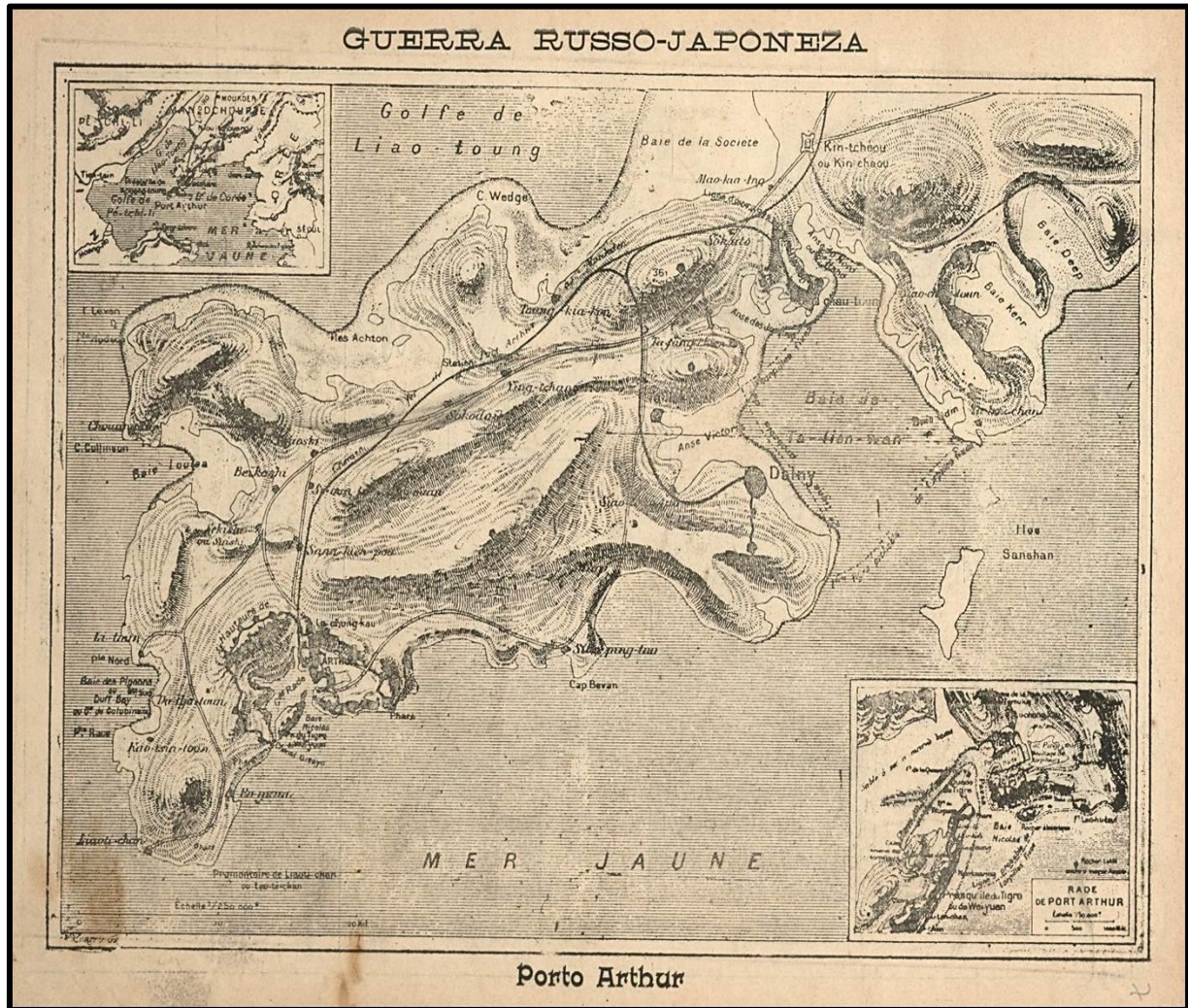


As discussões com tomada de posição perante os lados em conflito permaneciam repercutindo no Brasil, tanto que a publicação ilustrada insistiu no assunto, trazendo caricatura sobre “os partidários”, que debatiam quanto aos rumos da guerra, voltando à chacota do trocadilho entre Moscou e “moscou”, do verbo moscar, referente a um desaparecimento ou fuga (O MALHO, 12 mar. 1904). Nas edições seguintes de março e abril de 1904, ocorreram pequenas incursões ao conflito, mas a principal abordagem acerca do mesmo deu-se por meio da continuidade da divulgação dos resultados do “escrutínio russo-japonês”. Houve também a publicação do “mapa geral do teatro da guerra” e de um mapa sobre Porto Arthur, o epicentro que levou à eclosão do confronto (O MALHO, 16 abr. 1904). Em outra representação caricatural, um japonês estaria a perguntar o motivo de também não poder ter o acompanhamento de um “oficial brasileiro” (O MALHO, 30 abr. 1904). Em conjunto caricatural, o periódico tratava da “Guerra da Rússia com o Japão”, por meio do enfrentamento entre o “grande urso do Norte” e um japonês, bem como mostrou as repercussões do conflito em meio ao jornalismo do Rio de Janeiro. Outro desenho trouxe “o desastre na esquadra japonesa”, com a presença de militares russos exultantes (O MALHO, 28 maio 1904).

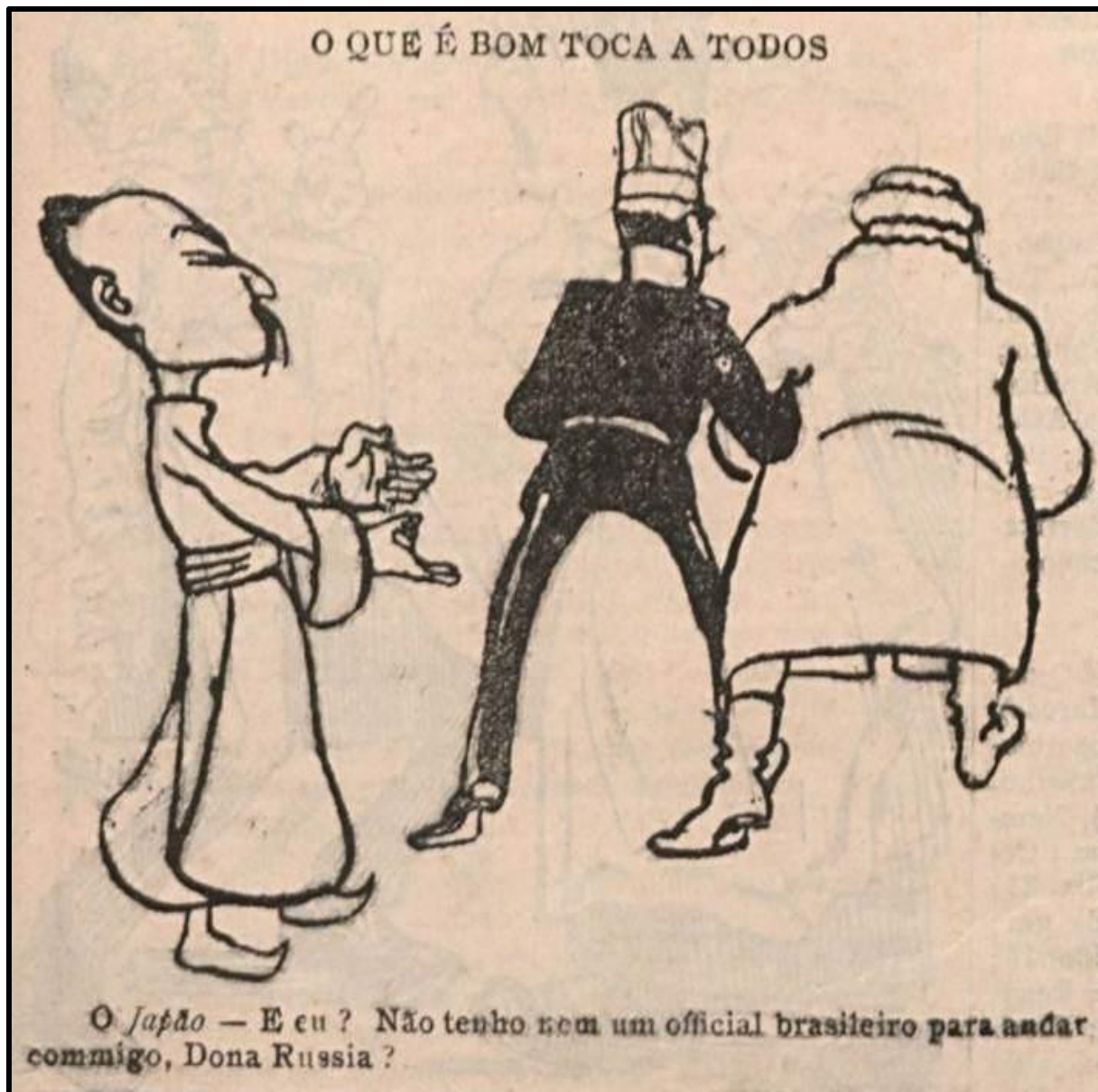


DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA





DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA





DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA

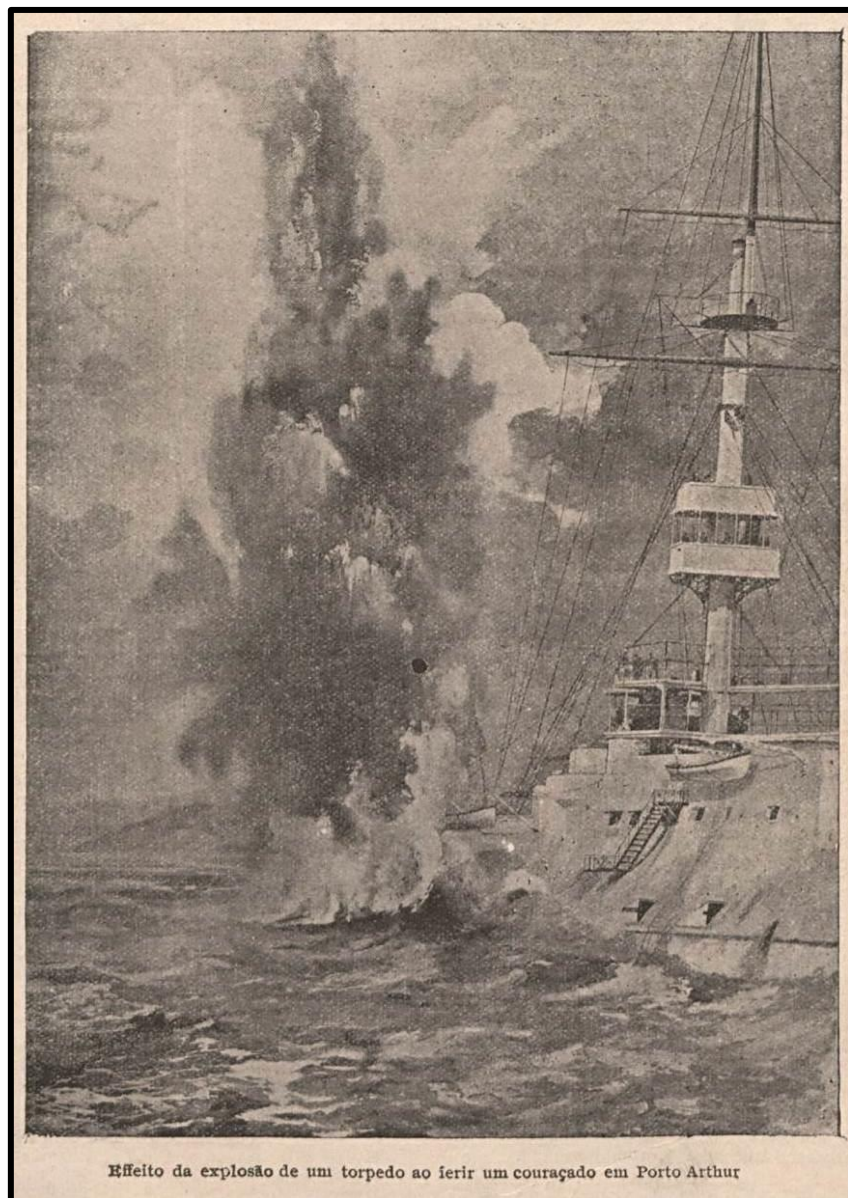


Mais adiante, o periódico anunciava aos seus leitores uma cobertura imagética mais ampla a respeito do confronto entre japoneses e russos. Nesse

sentido, informava que, “atendendo a solicitações de amigos de *O Malho*, leitores, assinantes e agentes, resolvemos iniciar a vulgarização gráfica de fatos e personagens postos em evidência pela guerra da Rússia com o Japão”. Dizia que para tal fim recorreria “às melhores fontes e ao processo de reprodução mais adequado, de maneira a oferecer ao público desta capital e dos Estados aquilo que, sem dúvida alguma, satisfará a sua justa curiosidade”. Constava assim que “a luta gigantesca entre as duas grandes potências militares continua a interessar extraordinariamente o espírito público”, de modo que “*O Malho* faltaria a um dos seus mais sagrados deveres se não fizesse o que faz”. Cumprindo o anunciado, a folha apresentou os retratos de diversos militares russos e nipônicos, além de cenas de batalha envolvendo os efeitos da explosão de um torpedo em um couraçado, e, na Manchúria, oficiais russos sendo atacados e cossacos combatendo (O MALHO, 11 jun. 1904).



DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA





DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA





No número seguinte, a publicação ilustrada reiterava sua proposta quanto à abordagem do evento bélico no Extremo Oriente, garantindo que continuaria “a tratar da guerra da Rússia com o Japão, traspassando para as nossas colunas episódios e personagens que aquela medonha luta tem posto em evidência”, de maneira que continuaria “a proporcionar ao grande público um pratinho do que ele gosta a não mais poder”. Tal cobertura trouxe retratos dos governantes e de militares de ambos os países, além da cena de uma batalha naval, fotografias de belonaves e movimentos bélicos (O MALHO, 18 jun. 1904). Já em outra edição, era retratado novo cenário do conflito bélico, com mais um enfrentamento naval, que representava o “primeiro ataque japonês em Porto Arthur”. Também aparecia a partida das tropas russas de São Petersburgo e retratos de várias personalidades nipônicas e russas, assim como outras cenas de batalha e navios de guerra de ambos os países (O MALHO, 25 jun. 1904). O anúncio voltaria a se repetir com o destaque para a continuação da publicação de “reproduções fotográficas interessantes” acerca de “assuntos relativos da guerra da Rússia com o Japão, vulgarizando assim entre nós o que outros centros artísticos mais adiantados têm julgado digno dessa vulgarização”. Ressaltando “o espírito religioso dominante na Rússia”, a folha mostrava “a prece antes da batalha” em meio aos militares deste país. Apareceram ainda várias cenas do cotidiano da guerra e de fatos a ela vinculados, além da manutenção dos retratos de oficiais. Foi estampada também uma ilustração “para crianças de todas as idades”, trazendo uma face que, vista pelo prisma normal trazia a representação de um russo, mas, se virada para a posição inversa, apresentava a efígie de um japonês (O MALHO, 2 jul. 1904).

GUERRA RUSSO-JAPONEZA



NICOLÃO II
Imperador da Russia

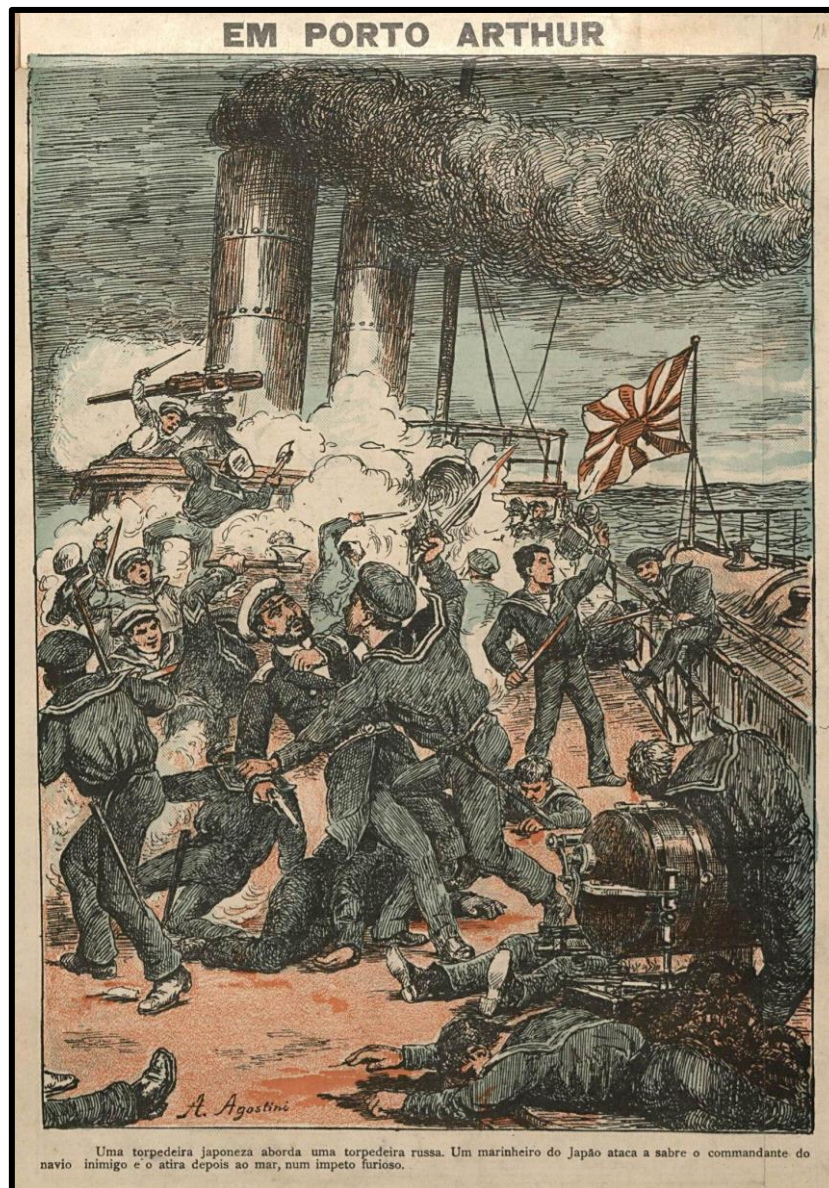


Mutsu-Ito
Imperador do Japão



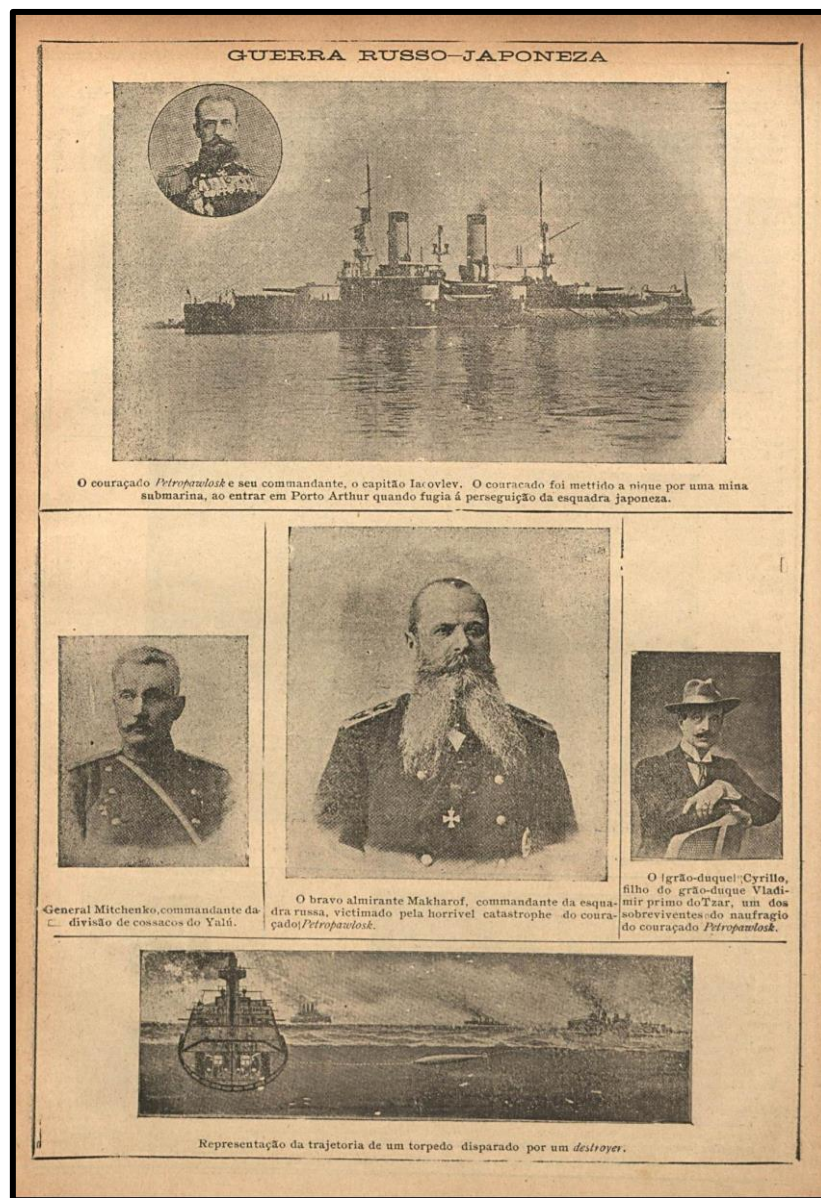
GENERAL STOESSEL
o bravo commandante de Porto
Arthur

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA





DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

GUERRA RUSSO-JAPONEZA



Capitão Radineff, commandante do couraçado *Paring* mettido a pique pelos japonezes em Chemulpo.



Um comboio russo ao atravessar a Siberia conduzindo canhões para o extremo Oriente.



As tropas russas com destino á Mandchuria atravessam sobre o gelo o lago Baikal.



Soldados japonezes, em caminho da estação de Tokio, com destino ao theatro da guerra.



O principe Jaime de Bourbon servindo no exercito russo.

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

GUERRA RUSSO-JAPONEZA



A partida de S. Petersburgo de tropas russas com destino ao teatro da guerra



Soldado de cavallaria japoneza



Almirante Barão Inouye, commandante da estação naval de Tokusaga, e um dos homens mais populares no Japão



O primeiro ministro da Coreia



O ministro do Japão na Russia ao tempo da declaração de guerra



O general Kourpatkine, no seu gabinete de trabalho



Capitão Hichi, commandante do Mikasa

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA



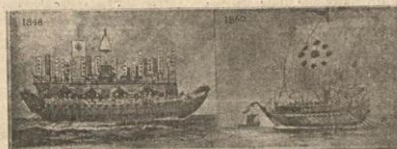
A artilharia russa em marcha na Manchuria



Navios russos recebendo carvão e munições para a guerra

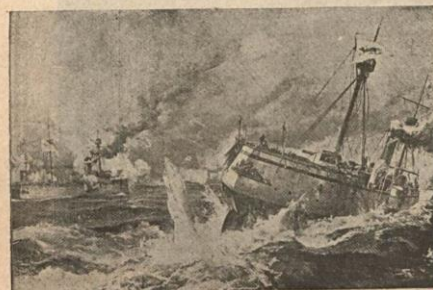


O almirante Ito, comandante da esquadra japonesa na guerra com a China



Um navio de guerra japonês em 1848

Um navio de guerra japonês pertencente ao príncipe Wasima em 1860



O combate naval de Yalu, em que um torpedeiro japonês posou a pique o grande navio chinês *Ting Saen* em 1895

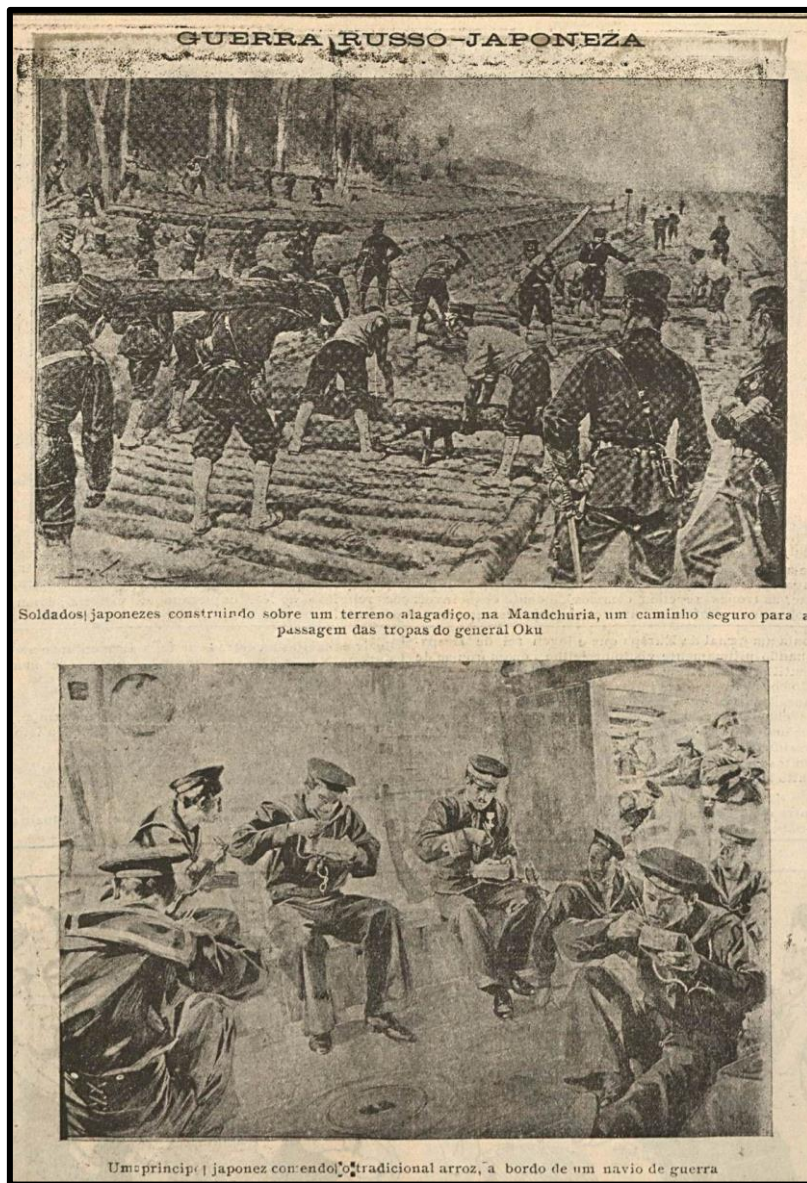


General Terachi, ministro da guerra do Japão



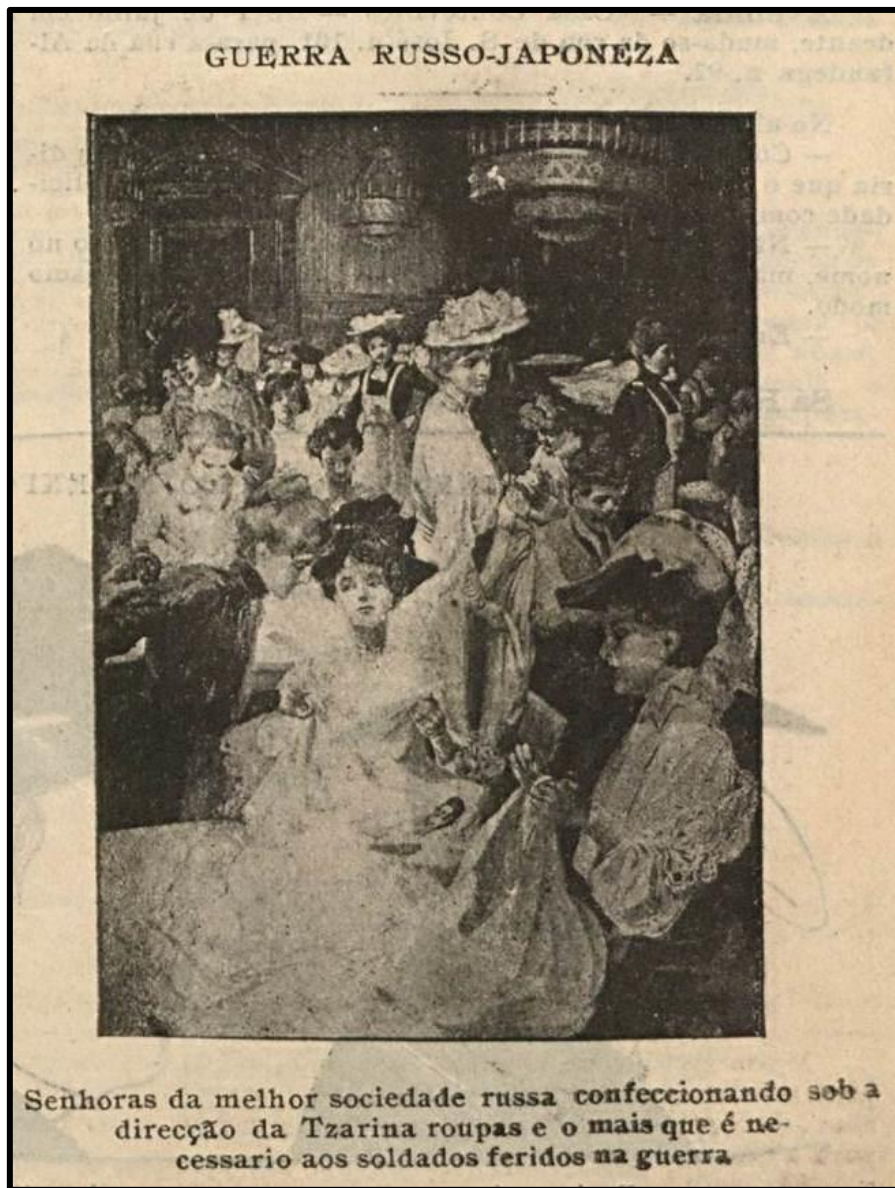
A PRECE ANTES DA BATALHA : É' conhecido o espirito religioso dominante na Russia; entre os militares, então, mais se accentua esse traço do caracter moscovita. Ao partirem de S. Petersburgo para o theatro da guerra as tropas do czar invocam a protecção do Altissimo e são abençoadas pelo sacerdote maximo da grande capital. Antes de entrarem em combate, as tropas repetem commoivamente essas invocações religiosas ao céo, implorando a victoria; é um desses actos solemnes e profundamente tocantes que esta gravura representa.

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA





DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



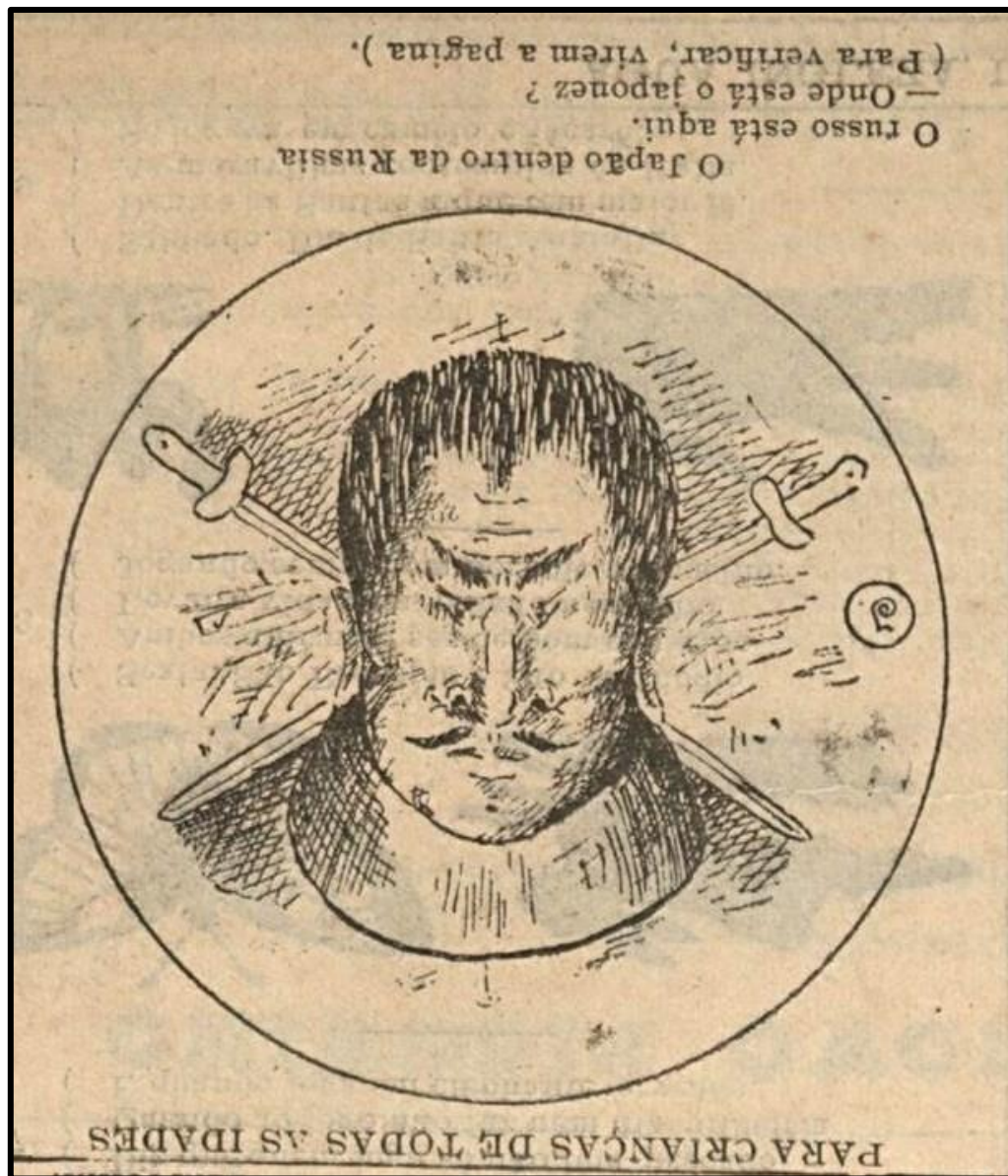


DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA





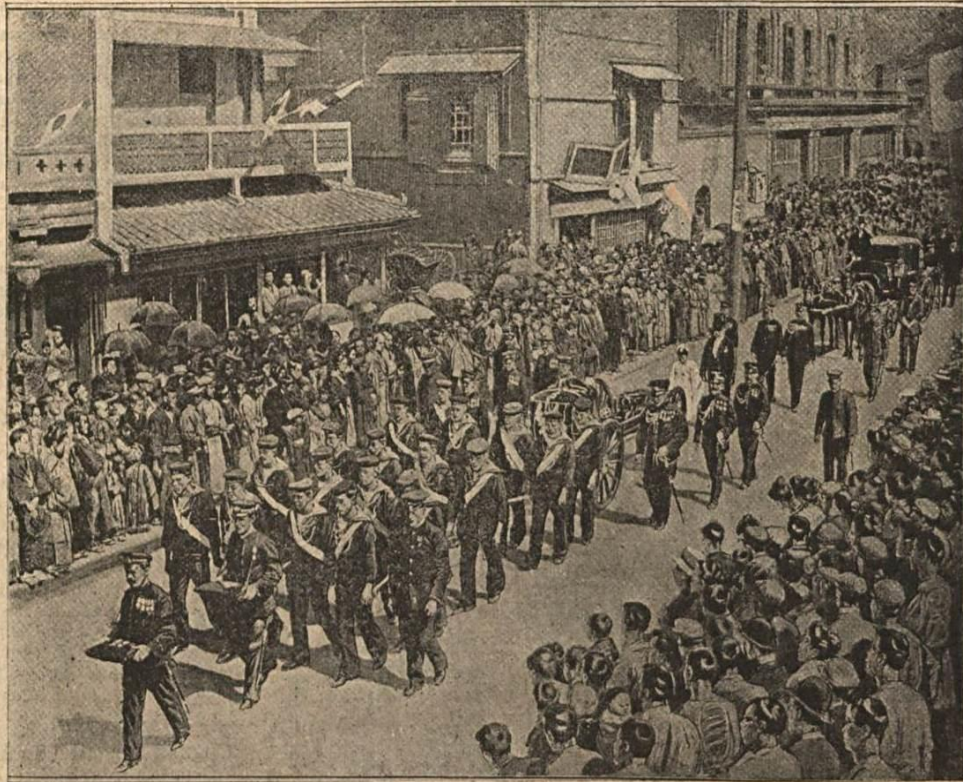
DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



A partir de julho, a abordagem do confronto entre japoneses e russos concentrou-se ainda mais na fotorreportagem acompanhada de pequenas notas explicativas, acerca de operações no teatro de guerra e informes e curiosidades sobre acontecimentos nos respectivos países que se enfrentavam na guerra. Foi o caso da solenidade que marcou o enterro dos restos mortais de um militar nipônico; o tratamento dado pelos japoneses a um inimigo ferido; um mapa dos Portos Arthur e Dalny; um comando do Estado Maior russo; soldados japoneses, um deles gravemente ferido, posando para fotografia; o retrato de um oficial russo e a vista de um desfile militar no Japão (O MALHO, 9 jul. 1904). Outros destaques iconográficos foram um conjunto de russos feridos; combatentes russos feridos e tropas de reforço; uma cena de batalha, com a construção de ponte por parte dos japoneses; e o desenho de uma sentinela avançada nipônica em um ponto arriscado (O MALHO, 16 jul. 1904). Uma outra edição trouxe mais registros, como um correio de Porto Arthur surpreendido pelos japoneses, descrevendo o sítio promovido por estes em tal localidade; a preparação dos russos para a defesa de Porto Arthur; uma descrição do haraquiri entre os nipônicos, referindo-se aos “costumes japoneses”, quanto aos “voluntários da morte”; as dificuldades de transporte de uma bateria russa; uma passagem dos nipônicos sob “fogo extraordinário” e o exame de pedaços de granadas russas procedido por oficiais japoneses (O MALHO, 23 jul. 1904).

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA

GUERRA RUSSA-JAPONESA



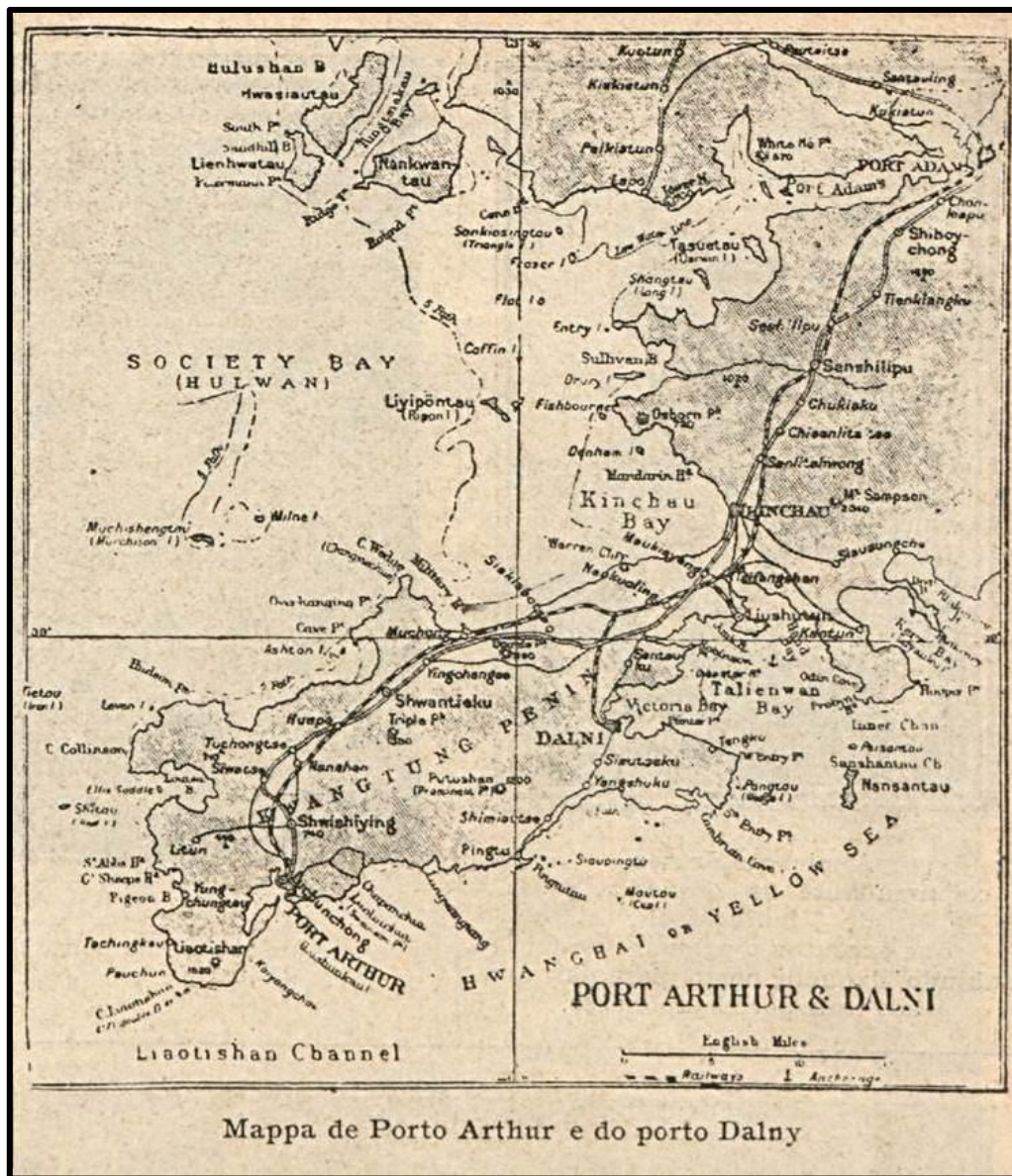
O enterro dos fragmentos do corpo do intrepido comman lante Hirosé.

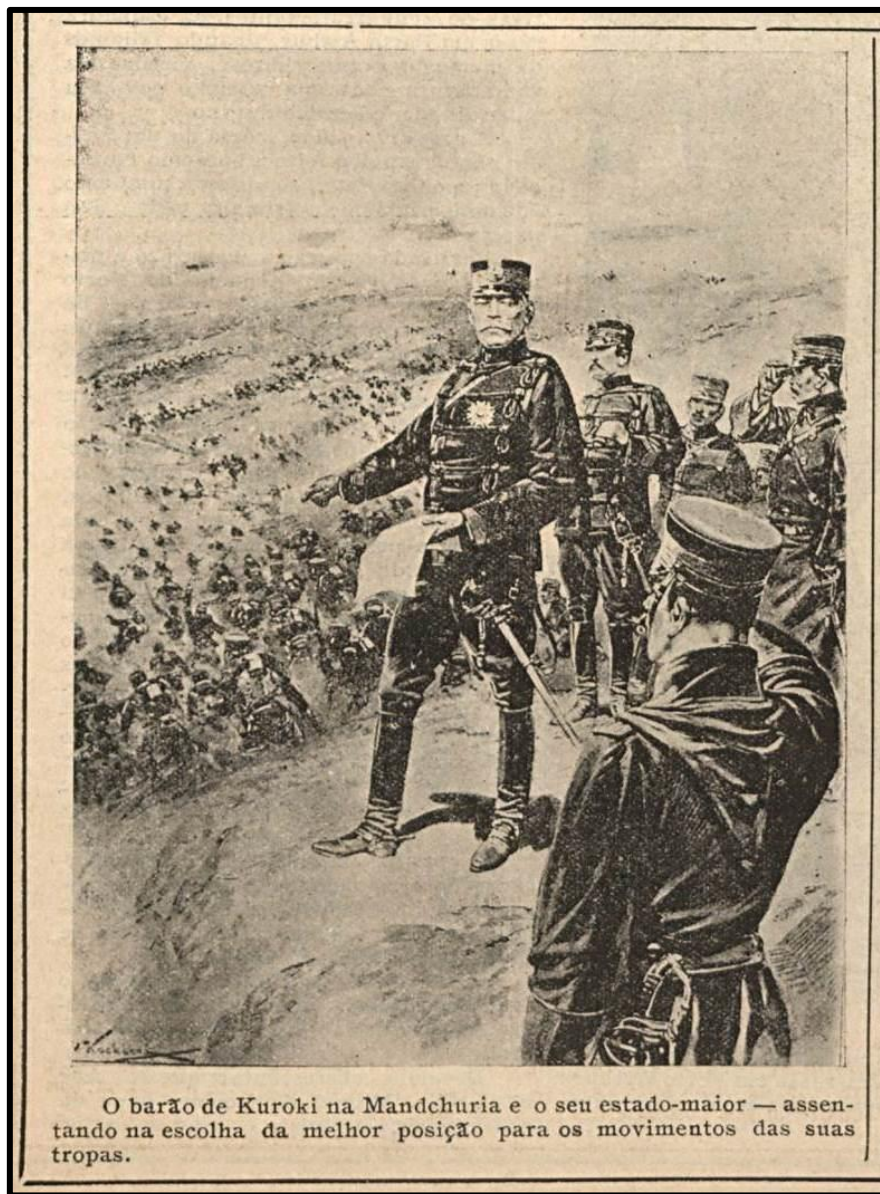
Em seguida á morte gloriosa do commandante do *Fakui maru*, cuja narração já fizemos no nosso numero 92, foram enviados para a capital do Japão os fragmentos do corpo do *maior heróe japonês*, consistindo em pequenos pedaços de craneo, não excedentes ao tamanho de um *penny*. O governo ordenou a cerimonia do enterramento desses restantes despojos, organisando-se um prestito solemne que desfilou por entre compacta e respeitosa multidão. A' frente desse cortejo, officiaes japonezes conduziam as medalhas e condecorações de bravura alcançadas pelo glorioso Hirosé. Em seguida uma carreta tirada por ma'inheiros levava a urna funeraria onde se achavam os fragmentos do heróe. Viam-se após, pessoas de familia do grande morto, seguidas do elemento official do Mikado, representando o imperador.

Uma verdadeira apothese, essa tocante homenagem funebre ao moço guerreiro e poeta, cuja heroicidade poderá ser igualada, nunca porém excedida.



DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA





O barão de Kuroki na Mandchuria e o seu estado-maior — assentando na escolha da melhor posição para os movimentos das suas tropas.

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA

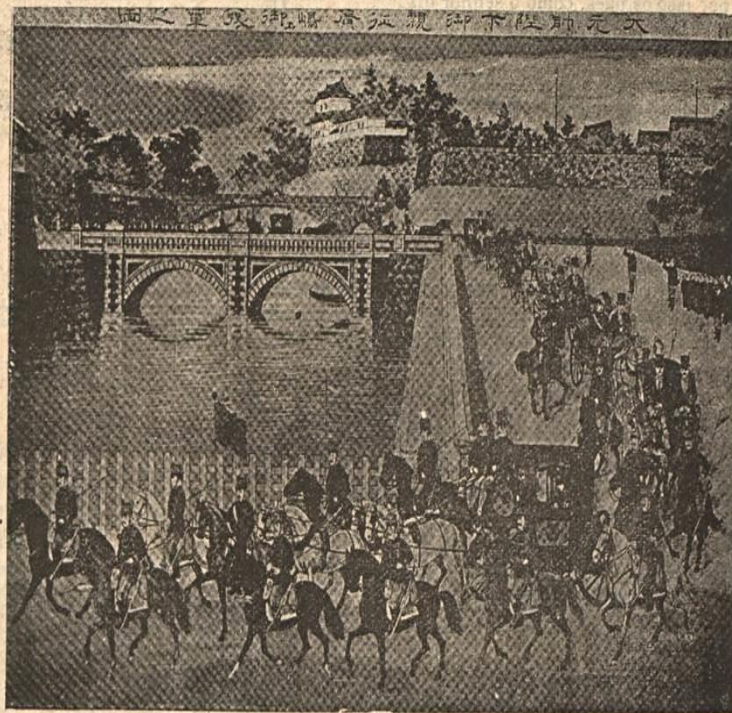


HEROISMO JAPONEZ. — Equipagem salva, do navio *Hokoku maru* que tomou parte na tentativa de «engarramento» da esquadra russa em Porto Arthur : um dos marinheiros gravemente ferido, prestes a morrer, faz-se envolver numa esteira para ser photographado.

GUERRA RUSSO-JAPONEZA



Almirante Jessen
commandante da esquadra russa
de Vladivostock,
que executou o primeiro *raid*,
sahindo daquelle porto para dar caça
aos transportes japonezes.



Vista de uma ponte de Yedo, capital do Japão. A passagem da
commitiva do Mikado.

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



GUERRA RUSSO-JAPONEZA

Um cruzamento na *gare* de Moukden : os feridos russos dos combates de Yalú e as tropas de reforço para Liáo-Yang



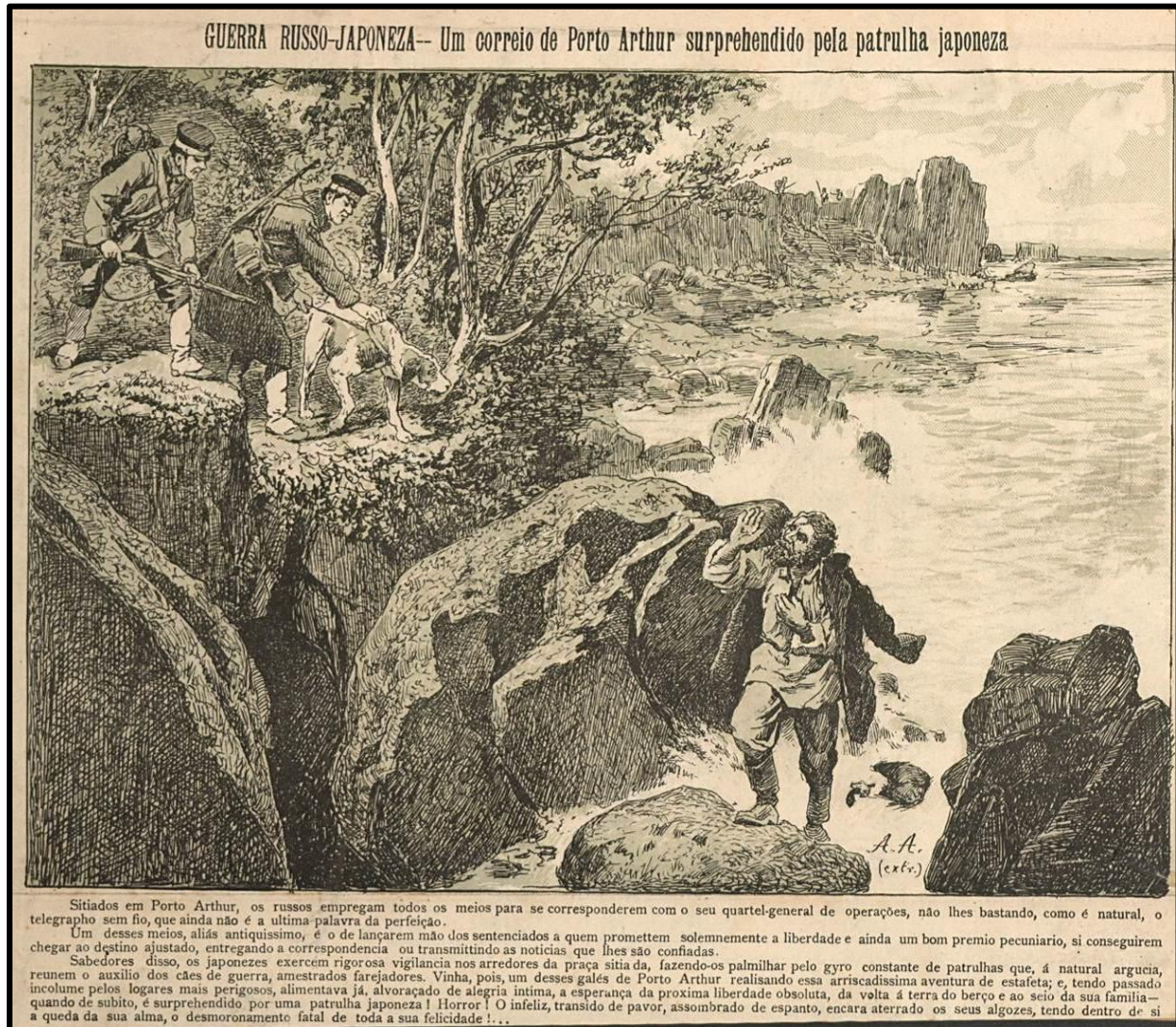
Os combates ao longo do Yalú foram dos mais encarniçados. Contaram-se por milhares as baixas produzidas de parte a parte. A Cruz Vermelha da Rússia, na sua piedosa missão de salvar o maior numero de combatentes, organizou immediatamente as suas ambulancias afim de transportar a logar seguro essa grande quantidade de feridos. A gravura acima representa um episodio altamente impressionante. E' que, á *gare* da estação de Moukden chegara um comboio com as tropas russas de reforço, que dalli seguiram para Liáo-Yang e chegara precisamente no momento do embarque dos seus bravos camaradas feridos e mutilados e, que eram apeiados das ambulancias com infinitos cuidados... Espectaculo angustioso e terrivel, que lhes devia ter produzido uma impressão aterradora, vendo aquelles destroços da lueta gigantesca, e ouvindo-lhes os longos gemidos de dôr, elles, que marchavam para a mesma lueta, embora cheios do mais patriotico entusiasmo !

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA





DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA

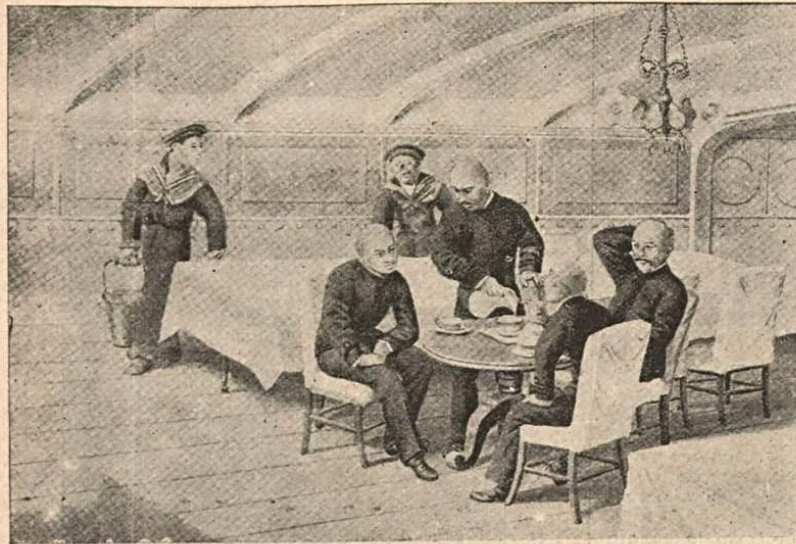




Os russos preparando a defesa de Porto Arthur
Fortes contra o ataque dos japonezes—A construção de cercas de arame contra as sortidas
prováveis da cavallaria inimiga.

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA

COSTUMES JAPONEZES — OS VOLUNTARIOS DA MORTE



Ha no Japão um costume muito antigo: Quando um japonês é insultado ou se considera deshonrado, ou quando praticã uma acção má, faz justiça por suas proprias mãos, que consiste, quasi sempre, em se suicidar, abrindo o ventre, etc., etc. Por muito barbaro que isso nos pareça, não podemos negar que essa sensibilidade moral encerra uma profunda lição de honra, de amor proprio, de intensa dignidade.

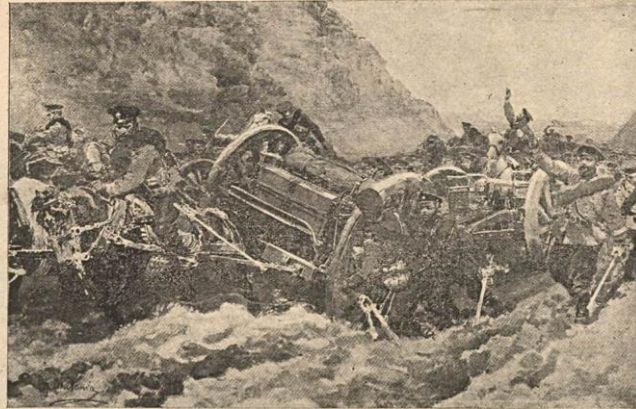
Hoje, com o decorrer do tempo e o contacto da civilização occidental esses costumes estão algo *adoçados*, mas nem por isso os japonezes consideram menos o *direito* que têm de se punirem por motivos de honra que elles — bem ou mal, julgam offendida.

Um exemplo frisante foi o que nos deu uma das tentativas fracassadas, do engarramento da esquadra russa em Porto Arthur. Os officiaes dos brulottes que não conseguiram realisar inteiramente as ordens do almirante Togo, apesar da bravura de que deram provas irrecusaveis, reuniram-se e resolveram castigar-se dessa *feia acção*, raspando totalmente a cabeça. A presente gravura representa alguns desses officiaes a bordo do seu navio, e assignalados voluntariamente por esse castigo, que, si não foi a morte, materialmente falando, foi um auto-reconhecimento de deshonra, equivalente a uma morte moral.

Eis por que esses officiaes, que tiveram a hombridade de se punir tão rudemente, são chamados *os voluntarios da morte*, como aquelles que suprimem realmente a propria existencia,

Confessemos que, si tudo isto se nos afigura extraordinario, não deixa de ser uma lição para nós outros, habituados a ver falhar a justiça publica, e até Divina (!) sobre a cabeça de réos confessos...

GUERRA RUSSO-JAPONEZA



Na Mandchuria — As dificuldades do transporte de um bateria russa *

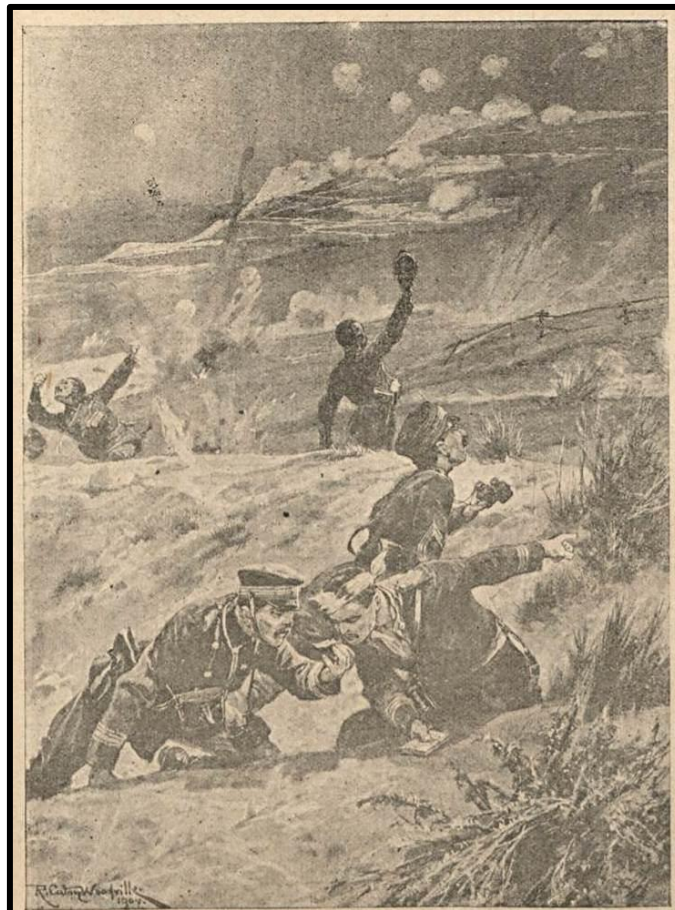
A mobilização das forças, especialmente da artilharia, das munições, dos apetrechos bellicos, de tudo emfim quanto depende do transporte tirado por animais é uma das cousas mais importantes e mais difíceis numa guerra como a do Extremo Oriente, em que ha avencer grandes distancias atravez de um solo muitas vezes irregular e repleto de obstaculos naturaes. A presente gravura, esplendida de movimento e de expressão, representa uma bateria russa em dificuldades para chegar a seu destino. O caminho deparara-se horroroso; a bateria quer transpor o tremedal de gelo; as pesadas carretas enterram as rodas; os cavallos escumam de cansaço; á voz energica do official, os soldados fazem esforços desesperados para arrancarem os transportes. Emfim, um mundo de dificuldades só vencidas á custa de muita abnegação dos soldados do Czar.



A passagem do Yalú. Os japonezes alcançam a margem opposta debaixo de um fogo extraordinario, feito pelos russos.

A' construcção da ponte sobre o rio Yalú, que demos no passado numero, seguiu-se a passagem das tropas japonezas por sobre essa ponte construida sobre barcaças. Os russos redobram de esforços para impedir esse passo arrojado dos seus inimigos, mas, a despeito das granadas que rebentavam mortíferas em derredor, os bravos japonezes atiraram-se para a frente com toda a coragem e sangue frio, de que têm dado tão eloquentes provas. A estrada fluctuante juncava-se de cadaveres, mas as tropas do Mikado colheram por fim os laureis de mais essa grande e assignalada victoria.

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA

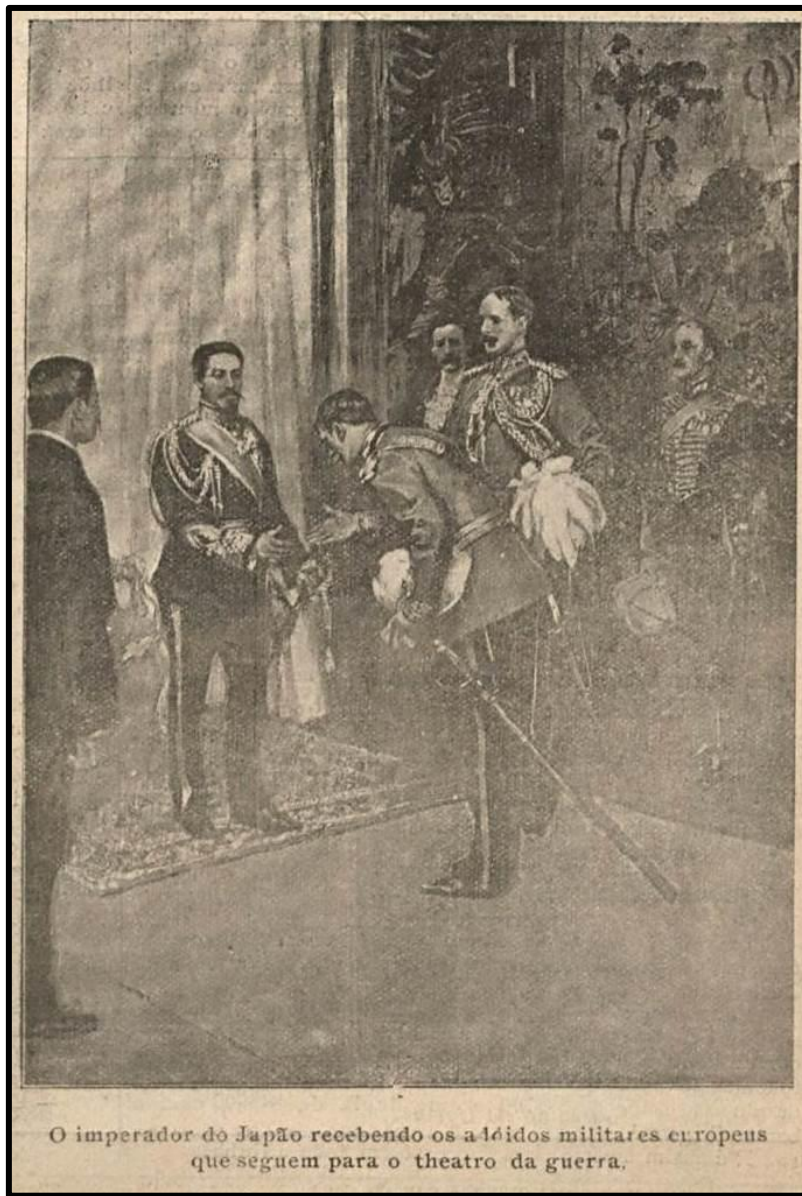


Officiaes japonezes no campo de batalha examinando os pedaços de granadas russas para conhecerem o calibre dos canhões de que elles estão se servindo.

Mais uma prova dessa qualidade notabilissima que tem distinguido os japonezes, na guerra que sustentam contra a Russia — o sangue frio — é a gravura acima em que se vêem alguns officiaes apanhando pedaços de granadas, a fim de por elles calcularem o calibre dos canhões inimigos. Esse estudo, feito no proprio campo da batalha, expondo a vida a um termo apparentemente inglorio, revela nos japonezes o decidido esforço de conhecerem mathematicamente os recursos das baterias inimigas — com as quaes têm de enfrentar no decurso da sua marcha em demanda dos pontos estratégicos.

A prática do fotojornalismo permanecia como a essência da cobertura da Guerra Russo-Nipônica nas páginas de *O Malho*. Nesse sentido foi divulgada a recepção de adidos militares europeus por parte do imperador japonês; o tratamento dado por um enfermeiro nipônico a um ferido russo; os combatentes lutando até mesmo dentro da água e uma belonave japonesa atingida por um torpedo (O MALHO, 30 jul. 1904). Em outro conjunto de fotografias aparecia uma retirada dos russos do campo de batalha; era apresentado também “um japonês famoso”, em referência a um militar que inventara uma mina, o qual posava para foto junto de sua família; na série sobre “costumes japoneses”, era apresentada a forma como se dava esmolas no Japão. As manifestações revoltosas em território russo, tendo em vista os insucessos na guerra e a impopularidade do czarismo, foram igualmente destacadas pela revista, por meio do desenho de um atentado (O MALHO, 6 ago. 1904). Na edição que marcava o seu centésimo número, o periódico ilustrado carioca não deixou de abordar o enfrentamento bélico que se desencadeava no Extremo Oriente, dando ênfase a cenas como os cossacos russos repelidos durante um reconhecimento; um passatempo em tempo de guerra, com russos praticando uma dança tradicional; um lado lúgubre da guerra, com o deslocamento de feridos; a fotografia de um oficial japonês; um militar nipônico apresentando aos adidos uma tática empregada em combate; o custo de uma vitória, com a retirada dos mortos por parte das tropas japonesas; e um ataque da esquadra japonesa a Porto Arthur defendido pelos russos (O MALHO, 13 ago. 1904).

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



DEPOIS DO COMBATE DO YALÚ

Um enfermeiro japonês conduzindo um ferido russo para a ambulancia.

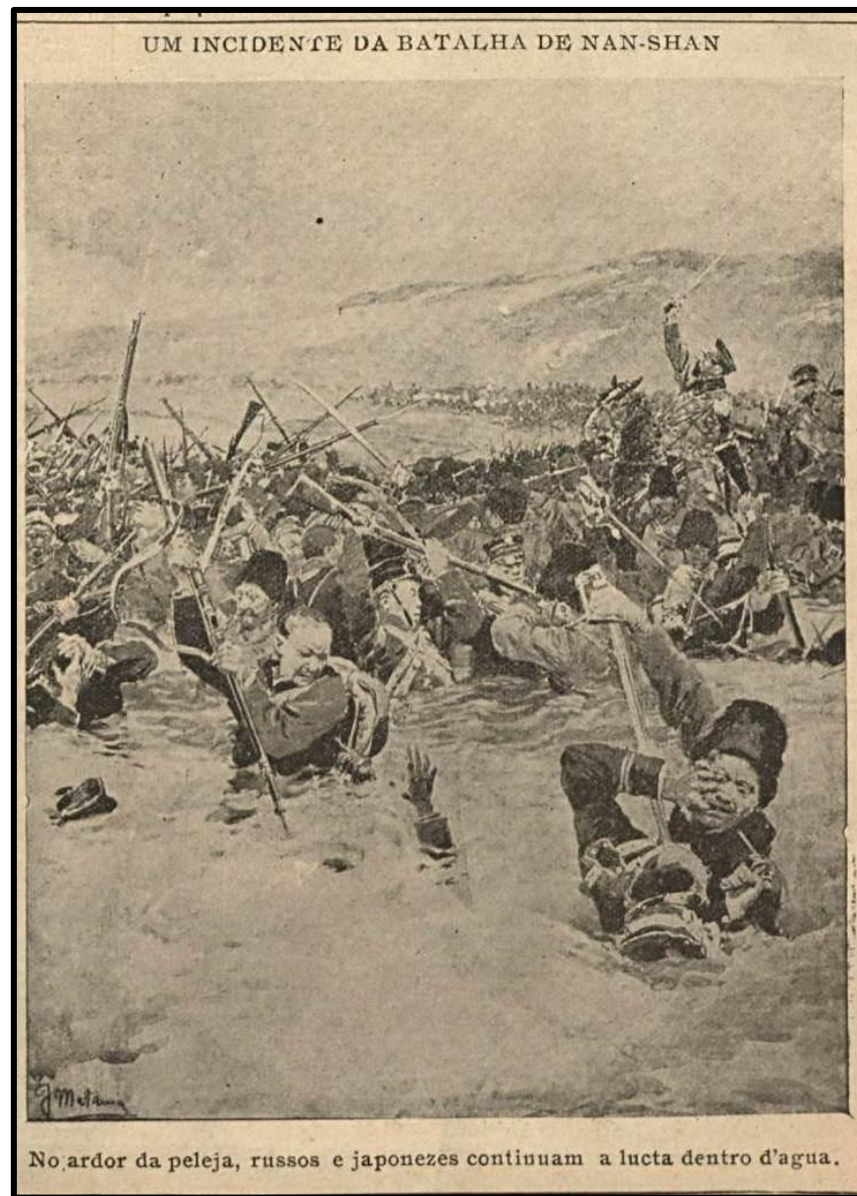


Eis aqui um quadro profundamente tocante na simplicidade das suas linhas :

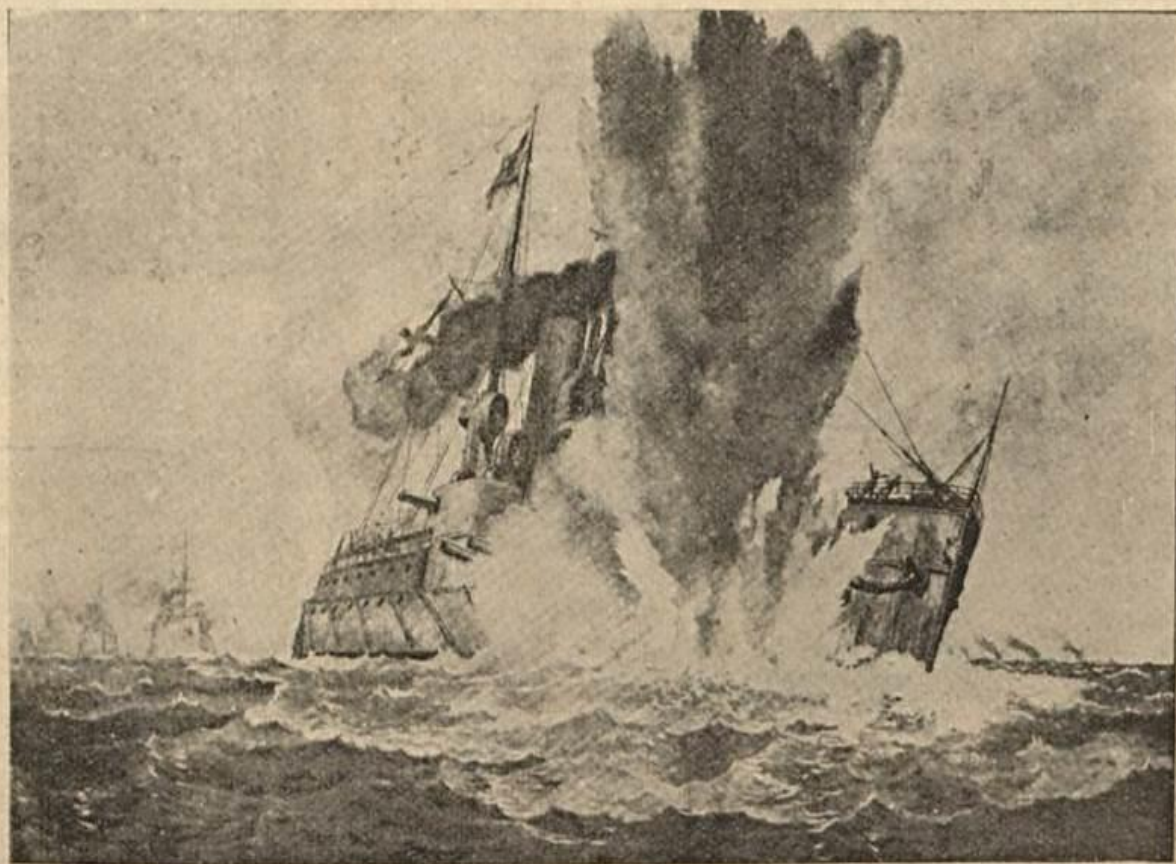
Um enfermeiro japonês, depois de, sumariamente, pensar os ferimentos do soldado russo, vendo que o ferido não pôde caminhar, tolhido pela dor, agarra-o ás costas e o transporta para a mais proxima ambulancia.

Russos e japonezes combatem-se ferocidade, numa sanha de tigres, esfaçalhando-se mutuamente. Durante a lucta, ao que dizem fidedignos correspondentes, anima-os uma raiva insana, um furor de carniceira, um resquite de crueldade que revolta o coração ainda o mais imperdornido. Mas, terminado o combate, cai a febre destruidora que os fez delirar, recebe a consciencia humanitaria e contra as victimas da lucta singrenta nenhuma inimidade subsiste!...Mysterio- os contrastes do coração humano! E'lo invisivel que apparece, irmanando-lhes as pulsações! Sopros originariamente divino, que os alenta!...

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



EM ALTO MAR



Um navio de guerra japonês atingido por um torpedo
da esquadra russa

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA



UM JAFONEZ FAMOSO



1.º tenente Oda, o inventor da mina que fez explodir o «Petropawlosk», em que morreu o almirante Mak. roff

Não faltará quem veja no official japonês um inimigo da *paz universal*, essa famosa utopia cada vez mais distante dos nossos dias... Outros, ao contrario, verão naquelle rosto pensativo o soldado da liberdade da sua patria, pois que, destruir os instrumentos aggressivos dos inimigos della, é dar-lhe pelo menos a liberdade de diminuir os attentados contra ella. Questão, pois, de ponto de vista. O que, porém, ninguem pode negar é que o 1.º tenente Oda, celebrizou o seu nome, embora tal celebridade seja diversamente apreciada pelo Tzar da Russia e pelo Imperador do Japão...

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA



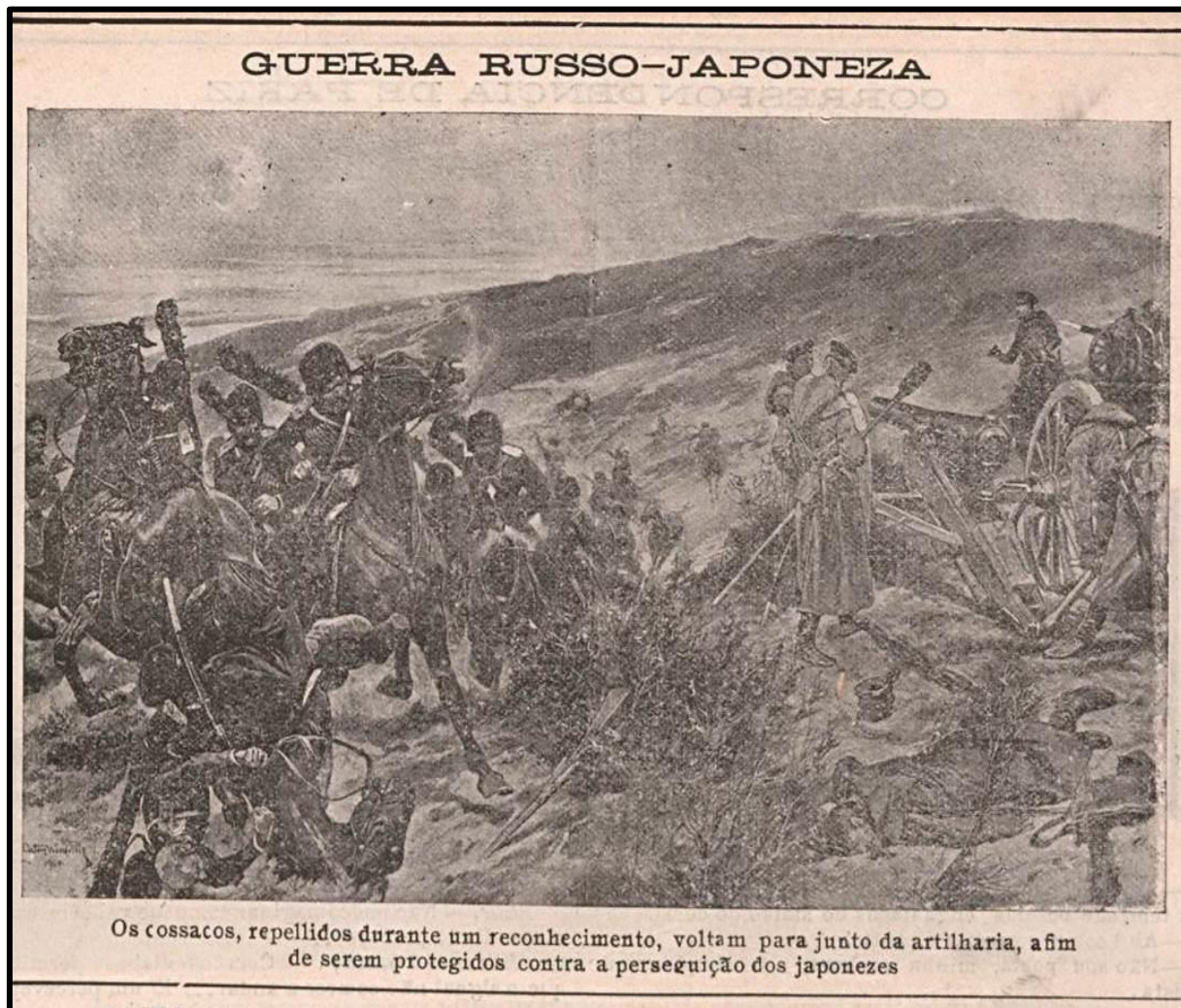
EM S. PETERSBURGO—Assassinato do Sr. Plehwe, ministro do interior ⁽¹⁾



O Sr. Plehwe dirigia-se para a estação da estrada de ferro, quando, ao approximar-se a sua carruagem de uma ponte, um individuo que sahira do restaurant «Terminus» atirou uma bomba de dynamite que explodio debaixo do vehiculo. Os effeitos foram terriveis: o ministro, o cocheiro, os cavalos e o carro foram despedaçados e atirados a grande distancia. Um horror!

(1) Representação graphica das noticias aqui recebidas no dia 29 de Julho.

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



GUERRA RUSSO-JAPONEZA



Passatempo em tempo de guerra. Uma dança nacional de russos numa estação da estrada Transiberiana

A guerra não é tão feia como se pinta. Si o fosse, os soldados do Czar deixariam de achar graça em um divertimento a que, em geral, só se entregam os que não têm grandes preocupações de espirito. Ou, então, o facto representado por esta gravura prova uma calma japonesa devêras admiravel...



O lado lugubre da guerra — Russos feridos voltando a Liú-lang

Muitos morrem no caminho, soffrendo horrores, feridos e estropiados. Raros chegam ao ponto do destino. Um quadro pavoroso...



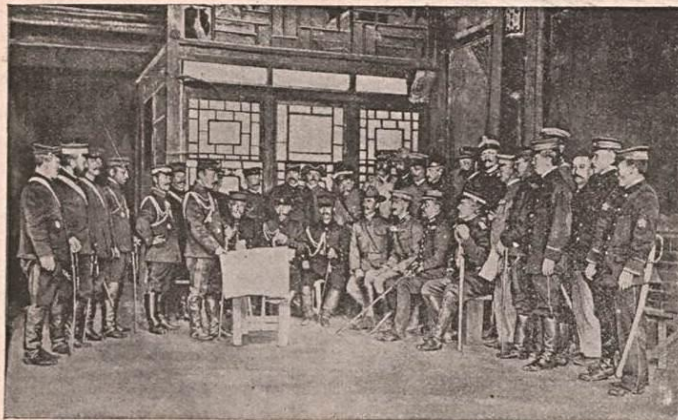
O marechal Oyama, commandante das forças japonezas que sitiavam Porto-Arthur

E' o mesmo que ha dez annos fez o cerco de Porto-Arthur que pertencia á China e que os japonezes tomaram

E', portanto, um general que já tem a mão assente no officio, e o Mikado, confiando-lhe agora tão importante missão, deu uma prova d'aquelle bom-senso que é a melhor sabedoria das nações...

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA

GUERRA RUSSO-JAPONEZA



Um official japonês explica aos addidos militares junto ao exercito combatente a tactica empregada em um combate contra os russos



Quanto custou a victoria japoneza em Nan-Shan
Os japonezes retirando os seus mortos do emmaranhamento das cercas de arame farpado que guarneciam as alturas de Nan-Shan, praça que elles tomaram, depois de um combate renhidissimo



Dessa maneira, as pautas editoriais de *O Malho* levaram em conta também a política internacional, que não escapou ao registro noticioso textual e iconográfico do periódico. Tal enfoque não seria diferente em relação à Guerra Russo-Nipônica, a qual levou a primeira a um grande desastre militar e naval, que decidiu os seus destinos, pois custou a refazer-se do golpe desfechado pelo

Império do Sol Nascente¹², ao mesmo tempo em que o Japão deu um passo decisivo para o sua consolidação como país imperialista. A caricatura, uma das seivas editoriais do semanário foi utilizada para abordar o evento bélico, mas a fotorreportagem tornou-se o destaque na cobertura do confronto. A relevância do tema foi tamanha que levou o periódico a realizar uma enquete na qual os leitores deveriam manifestar suas preferências em relação aos dois lados em oposição, estabelecendo uma estratégia de interação com o público e revelando o interesse pelo assunto, tendo em vista a mobilização para a expressão de opiniões. Assim, ao longo do primeiro terço da Guerra Russo-Japonesa, no período entre fevereiro e agosto de 1904 – prosseguindo a fazê-lo nos momentos posteriores, até o término do enfrentamento – *O Malho* não mediu recursos para trazer informes sobre o teatro de operações, mormente no que tange à oferta de material iconográfico, demarcando o alcance que possuía uma guerra realizada do outro lado do mundo, em meio aos consumidores do hebdomadário.

¹² LIMA, 1963. v. 1, p. 247 e 261.

GUERRA ÍTALO-TURCA

As pretensões italianas sobre território do Império Turco localizado no norte da África constituíram mais um capítulo das disputas imperialistas travadas entre os países europeus. Em meio às disputas internacionais, havia a ânsia pela transformação em potência mundial, que tinha relações com o prestígio da nação, o equilíbrio político europeu e a influência que a nação poderia e deveria exercer no contexto mundial, desenvolvendo-se a partir daí a expansão imperialista, pois o temor que uma potência estrangeira ameaçasse uma possessão colonial estimulava a conquista de uma fronteira mais extensa¹³. Na linha dos progressos da industrialização, vários países recuperavam rapidamente a força no sistema internacional, levando a uma situação de concorrência internacional exacerbada que produziu a vaga imperialista da virada do século XIX ao XX e que lançou as bases para os conflitos político-militares que levariam à deflagração da I Guerra Mundial¹⁴.

Nas últimas décadas do século, XIX, às tradicionais potências coloniais juntam-se novos competidores, em um contexto pelo qual, para os Estados recentemente unificados parecia que a posse de um império colonial seria um atributo da independência e símbolo de poder, além de promover um recrudescimento no amor-próprio nacional¹⁵. Nesse quadro, as nações de unificação mais tardia passaram a buscar também adquirir quinhões coloniais,

¹³ BRUIT, Héctor H. *O imperialismo*. 3.ed. São Paulo: Atual; Campinas: Editora da UNICAMP, 1988. p. 8.

¹⁴ KRIPPENDORFF, Ekkerhart. *História das relações internacionais*. Lisboa: Antídoto, 1979. p. 129-131.

¹⁵ RÉMOND, René. *O século XIX (1815-1914)*. São Paulo: Cultrix, 1990. p. 189.

agravando o quadro de conflitos entre os países europeus imperialistas. Este foi o caso da Itália, que insistiu em tomar extensões decididamente desinteressantes de desertos e montanhas africanas, no intuito de dar respaldo à sua posição de grande potência. De acordo com tal perspectiva, o fracasso na tentativa de conquista da Etiópia em 1896, constituiu uma derrota humilhante e prejudicou tal posição, vindo a reforçar a perspectiva pela qual a Itália se tratava do mais fraco dos Estados imperiais, de maneira que, nas disputas hegemônicas de então, não houve maior preocupação com as tergiversações dos italianos, que só foram alocados como uma “grande nação” por cortesia internacional¹⁶. O ataque à Turquia pela Itália nada anunciava de bom no domínio das relações internacionais, uma vez que a esta era signatária tanto da ata de Berlim, que garantia a integridade do Império Otomano, como das convenções de Haia, levando a uma série de crescentes desacertos entre as potências europeias¹⁷. A Guerra Ítalo-Turca trouxe consigo a comprovação do intrincado quadro internacional europeu, no qual o confronto entre as potências estava latente. A ocupação da Líbia pela Itália e as posteriores derrotas turcas para os pequenos países balcânicos demonstraram o progressivo desmoronamento do Império Turco, que viria a praticamente ser empurrado para fora da Europa¹⁸.

O Império Otomano sobrevivia tendo em vista as alianças com outras potências, como no caso da Grã-Bretanha, que se batia pela integridade turca

¹⁶ HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 89, 102-103, 226 e 433.

¹⁷ JOUREIN, Albert. *Prólogo ao nosso século (1871-1918)*. Lisboa: Dom Quixote, 1981. p. 271.

¹⁸ HOBBSAWM, 1989. p. 443.

pelo seu papel de cobrir, à distância, a segurança de suas linhas de comunicação com a Índia, de modo que tal Império, jogando com as pressões contrárias que se neutralizavam, conseguiu de algum modo sobreviver até 1912. Entretanto, a salvaguarda de sua independência e a preservação de sua integridade territorial não conseguiram pô-lo ao abrigo de uma penetração mais insidiosa. Com sua administração arcaica, seus princípios medievais e um exército de ocupação defeituoso, O Império Turco encontrava-se em decadência e sob dependência do Ocidente, ficando praticamente obrigado a deixar o campo livre para os empreendimentos europeus. Qualquer projeto modernizador de reforma das instituições dependeria do apoio e/ou da imposição estrangeira. Desse modo, passou a ver-se na necessidade de aceitar uma espécie de protetorado do Ocidente e, mediante os empréstimos concedidos e com o descalabro de suas finanças, esse Império passava a um regime de tutela econômico-financeira e tributária, vendo-se desapossado do controle de seus próprios recursos, o que lhe obrigaria cada vez mais a fazer concessões de portos e estradas de ferro ao capital internacional¹⁹. Desde o início das ações militares, que marcaram o conflito internacional, em setembro de 1911 até as tratativas para a paz, concluídas em outubro de 1912, houve significativo interesse da imprensa brasileira em divulgar o confronto entre italianos e turcos, como foi o caso das revistas ilustradas.

Em 1911, a conjuntura histórica brasileira era caracterizada pela consolidação do modelo oligárquico que caracterizou o período conhecido como

¹⁹ RÉMOND, René. *O século XIX (1815-1914)*. São Paulo: Cultrix, 1990.p. 193-194

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA

República Velha. A política dos governadores era a estratégia para o controle do poder das oligarquias, através das articulações entre os políticos dominantes nas esferas federal, estaduais e locais, em uma rede de acordos e conluíus que garantia de modo geral constantes vitórias eleitorais para as candidaturas situacionistas. No campo econômico, a estrutura fundamental permanecia a ser o padrão agroexportador de produtos primários, tendo o café como protagonista. Em termos sociais, as oligarquias agrárias eram as predominantes, com segmentos burgueses em ascensão e setores intermediários em crescimento quantitativo, mas sem acesso ao poder político, havendo ainda uma massa de trabalhadores rurais e um operariado urbano que recrudescia, sem quaisquer garantias ou direitos, uma vez que, à época, a questão social era observada governamentalmente como um caso de polícia, ou seja, a repressão pura e simples. Do ponto de vista ideológico havia a preeminência do liberalismo, tendo servido as repúblicas estadunidense e francesa como exemplos para a formação do Estado Nacional, além da presença de outros princípios mais rarefeitos, como o positivismo e o jacobinismo.

Estabilizada a economia, após as crises financeiras e cambiais e dos enfrentamentos bélicos oriundos das revoltas e guerras civis dos tempos iniciais, a República Brasileira passava por certo progresso econômico, afirmando-se os grupos que controlavam o aparelho do Estado, os quais intentavam trazer um certo verniz de modernização ao país, seguindo os padrões dos povos ditos civilizados, ou seja, as potências capitalistas de então. Exemplificativamente foram promovidas reformas urbanas, que traziam um

novo esquadrinhamento para diversas cidades, mormente as de grande porte. Também seguindo o modelo internacional, o Brasil passava por mais uma etapa de amplo desenvolvimento das atividades jornalísticas, com a presença de periódicos desde as pequenas cidades até os grandes centros urbanos. Foi nessas localidades maiores que o jornalismo ganhou ainda maior notoriedade, com as folhas impressas, como o único meio de comunicação social da época, orientando padrões de consumo e de conduta. Dentre essas urbes, esteve o Rio de Janeiro, capital do país e epicentro cultural do qual irradiava os moldes comportamentais de então, inclusive aqueles vinculados à produção e à leitura de impressos. Também aparecia São Paulo, sede administrativa do Estado homônimo, que constituiu um dos principais centros políticos do país, bem como representava a oligarquia mais ascendente, ligada às práticas agroexportadoras e à cafeicultura.

No conjunto da imprensa brasileira, um gênero jornalístico passou por uma etapa de ampla expansão, caindo no gosto do público leitor, sendo representado pelas revistas, em sua maioria vinculadas ao periodismo ilustrado. Diferentemente dos jornais, as revistas tinham formatos diferenciados, mantinham um padrão gráfico bastante rebuscado, notadamente pela presença da capa e da contracapa, a inserção, em geral em grande escala, de conteúdo imagético, bem como contavam com um maior número de páginas, havendo também a possibilidade da impressão colorida e, na maior parte das vezes, elas estabelecendo construções textuais mais concisas e diretas, entremeadas com a iconografia. Ainda em comparação com os jornais diários, as magazines eram

normalmente semanais, quinzenais ou mensais, servindo para uma revista, ou seja, uma revisão, do período coberto de acordo com a sua periodicidade.

Naqueles primeiros anos do século XX, a imprensa brasileira passava por uma fase inicial de afirmação do jornalismo denominado de empresarial, em um contexto no qual as revistas ganharam bastante expressão, algumas delas chegando a atingir circulação nacional²⁰. Nesse momento, a edição de revistas caracterizou-se por uma introdução de novas técnicas de impressão, assim como uma redefinição no perfil do mercado editorial, ávido por informações atualizadas. Tais fatores foram definitivos para a mudança no padrão estético e informativo das revistas, levando em conta o destaque para a notícia, a interpretação dos fatos nacionais e internacionais e as fotografias, em grande formato, que lhes eram associadas²¹. A circulação de tal gênero jornalístico em muito se alicerçou na presença da ilustração, em um quadro pelo qual a imprensa ilustrada ganhava terreno, levando em conta que as gravuras não só embelezavam o texto, tornando-o mais atrativo, mas também ajudavam na sua compreensão, identificando melhor o leitor com o fato descrito²². Desse modo, as revistas traziam registros iconográficos que serviam para distrair seus leitores e

²⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 371-372.

²¹ MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006. p. 376.

²² TENGARRINHA, José. *Nova história da imprensa portuguesa (das origens a 1865)*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013. p. 865.

transportá-los para outros lugares, mas também ajudaram na formação e na educação de segmentos populacionais que precisavam de informações específicas, mas que não queriam ou não tinham condições de dedicar-se aos livros²³. Elas eram versáteis como instrumento de comunicação e propaganda, e constantemente se renovavam e se expandiam, atraindo novas faixas de público²⁴.

O conteúdo apresentado pelas revistas deve ser associado às condições materiais e/ou técnicas que presidiram seu lançamento, aos objetivos propostos, ao público a que se destinava e às relações estabelecidas com o mercado, já que essas opções colaboram para compreender outras, como formato, tipo de papel, qualidade da impressão, padrão da capa/página inicial, periodicidade, perenidade, lugar ocupado pela publicidade, bem como a presença ou ausência de material iconográfico, sua natureza, formas de utilização e padrões estéticos. Nessa linha, a estrutura interna das magazines é dotada de historicidade e as alterações aí observadas resultam de complexa interação entre técnicas de impressão disponíveis, valores e necessidades sociais. No rol das revistas ficavam reunidas e disciplinadas forças e instrumentos de combate e intervenção no espaço público, oferecendo oportunidades privilegiadas para explicitar e dotar de densidade os embates em torno de projetos políticos e

²³ SCALZO, Marília. *Jornalismo em revista*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 13-14.

²⁴ BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo – século XX*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 327.

questões artístico-literárias que, longe de esgotarem-se em si mesmas, dialogavam intensamente com os dilemas do tempo²⁵.

Com as revistas eram anunciados verdadeiros tempos modernos no seio das páginas impressas de tais veículos que se renovavam, sinalizando e imprimindo uma nova mentalidade²⁶. Para a edição das revistas ficava reservada a especificidade de temas, a intenção de aprofundamento e a oferta de lazer tendo em vista os diferentes segmentos sociais. Elas atendiam a interesses diversos, não apenas como mercadorias, mas ainda como veículos de divulgação de valores, ideias e interesses²⁷. Na sua modalidade específica de impresso ligeiro, a revista beneficiou-se profundamente de uma circunstância literária, técnica e mercadológica, que lhe foi favorável. Esse gênero jornalístico constituía um periodismo veiculador de textos ligeiros, de consumo imediato, permitindo e até privilegiando a coexistência de vários pontos de vista. Dessa maneira, multiplicaram-se revistas de dimensões múltiplas, concebidas por homens de negócios e voltadas para públicos já delineados, estabelecendo impressos de maior vigência ou grande tiragem, que tinham à frente homens que bancavam tal tipo de negócio, comprometidos com a busca do lucro, afinados com as fórmulas de sucesso mercantil. Esses periódicos

²⁵ LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011. p. 2-3.

²⁶ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 101.

²⁷ COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 105.

caracterizaram-se pela síntese e pela informação, de modo que ficava demarcada a premissa de passar em revista temas, informações, estados de alma, enfim, toda uma prática e produção cultural de época, de forma a corroborar a característica mais forte do periódico de “espelhar o presente”²⁸.

Os progressos tecnológicos foram um diferencial para o aprimoramento da edição das revistas, notadamente no que tange à inserção de registros fotográficos, em profusão cada vez maior, chegando até mesmo ao predomínio das fotorreportagens. Nesse sentido, as revistas da época em pauta contavam, graças ao apuro da reprodução gráfica, com meios para incluir, de forma direta, a fotografia. De acordo com tal perspectiva, os instantâneos da vida urbana ditavam moda e comportamentos, bem ao gosto da burguesia e das emergentes camadas médias, que se viam retratadas nas bem cuidadas páginas dos periódicos. Tais publicações eram dirigidas ao público urbano, ávido por novidades, e traziam textos ligeiros e muitas imagens, fórmula que se renovou e alcançou circulação nacional²⁹. Na prática da fotorreportagem ficava estabelecida uma linguagem jornalística visual, correspondente a uma série não linguística ou paralinguística, de modo que, cada vez que uma imagem, estando sozinha ou associada a outros elementos, transmitida ou não pelo mesmo canal,

²⁸ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008. p. 142, 144, 145 e 148.

²⁹ LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013. p. 112.

passa a ser destinada a um público, mais ou menos complexo, mais ou menos coletivo, ficando estabelecida uma mensagem jornalística³⁰. A prática do fotojornalismo partia do princípio da existência da fotografia como meio de comunicação, que poderia trazer a ilusória crença de que “a câmera não mente”, ou seja, que de algum modo ela representa a verdade “real”³¹.

Em tal contexto, as revistas compuseram o perfil de uma época em que as imagens fotográficas predominavam, constando tais edições como seu principal veículo de divulgação, de forma que, mediante uma composição editorial adaptada a seu próprio tempo e às tendências internacionais, criava modas e impunha comportamentos. Na qualidade de janelas que se abriam para o mundo retratado na foto, as revistas contribuíram para a generalização do mito da verdade fotográfica, e, ao mesmo tempo, por meio de suas crônicas e notas sociais, impunham valores, normas e criavam realidades. Em um determinado contexto histórico-cultural, as narrativas convencionais no fotojornalismo contribuíam para que se fornecesse significado social a determinados acontecimentos em detrimento de outros, de maneira a promover-se, por conseguinte, aqueles, e não estes, à categoria de notícias, vindo a concorrer para dar aparência de ordem ao caos que é a erupção aleatória de episódio, conferindo inteligibilidade ao real³².

³⁰ PELTZER, Gonzalo. *Jornalismo iconográfico*. Lisboa: Planeta Editora, 1992. p. 82.

³¹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 82.

³² MAUAD, 2006. p. 371-372 e 382.

Além dos registros fotográficos, outra representação iconográfica bastante utilizada pelas revistas foi a vinculada à arte caricatural. Ao adquirir uma dimensão social, a caricatura se torna uma arte autônoma, voltando-se ao espírito crítico que passa a julgar a sociedade nos seus mais variados setores³³. De modo a demarcar a força da caricatura, foi necessário o desprendimento de artistas e humoristas para brincar com a mágica da criação, ao fazer bonecos divertidos e interrogá-los sobre o seu caráter e sobre a sua alma³⁴. A caricatura se consolidou, estabelecida como uma das formas de expressão da imprensa e, nesse quadro, o caricaturista, ao registrar o momento histórico, o fato político significativo do dia, vem a compor, de certa maneira, um aspecto da personalidade de seu jornal, identificando uma tendência e firmando uma posição³⁵. A arte caricatural oferece uma contribuição fundamental ao debate político, desmistificando o poder e incentivando o envolvimento de pessoas comuns nos assuntos de Estado³⁶.

A caricatura expressa por meio da imprensa correspondia à prática de um jornalismo joco-sério, ou seja, mesmo que associado a óptica do humor, não deixa de, a partir da criticidade, também trazer uma abordagem séria. A arte caricatural assim age como uma espécie de bobo da corte – alegoria utilizada

³³ MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 304.

³⁴ GOMBRICH, E. H. *Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 364.

³⁵ LUSTOSA, Isabel. Humor e política na Primeira República. In: *Revista USP*, set., out. e nov. 1989, p. 64.

³⁶ BURKE, Peter. *Testemunho ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 121.

recorrentemente para representar os próprios caricaturistas –, no sentido daquele que “diz em tom duro as coisas agradáveis e em tom jocosos as terríveis”³⁷. Nesse sentido, a caricatura, por meio do humor, pode ser considerada como uma chave para compreender os códigos culturais e as percepções do passado³⁸. Tal arte, por meio do humor e do riso correspondente, também pode ser muito libertadora, lembrando a ação do bobo da corte, associada ao riso subversivo, o qual ridiculariza aqueles que estão no poder e não difere muito do riso revelado pelos senhores do desgoverno³⁹.

A partir da fórmula que constituía uma cópia dos magazines europeus e do avanço das técnicas de impressão, o jornalismo em revista brasileiro encontrou um caminho para atingir maior número de leitores e, assim, conseguir se manter. Em princípios do século XX, na denominada *Belle Époque*, ocorreu uma série de transformações científicas e tecnológicas que iriam refletir na vida cotidiana e na remodelação das cidades. Nesse quadro, as revistas acompanharam tal euforia, com centenas de títulos sendo lançados, a partir de inovações na indústria gráfica, as quais propiciaram um nível de requinte visual antes inimaginável. Nessa época, o Rio de Janeiro possuía o maior parque gráfico do país, no qual viriam a proliferar publicações de todos os

³⁷ CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Moraes, 1984. p. 120.

³⁸ BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman. Prefácio. In: BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman (orgs.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 11.

³⁹ BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman. Introdução: humor e história. In: BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman (orgs.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 15 e 23.

gêneros, fenômeno que se repetiria, ainda que em escala proporcionalmente menor, em outras das maiores localidades brasileiras. Nesse momento a imprensa começava a se profissionalizar, acompanhado a evolução da nascente industrialização nacional, uma vez que, para fundar e manter uma revista era necessário unir, a um só tempo, técnica e capital⁴⁰. A diversificada abordagem dessas publicações envolvia temáticas várias, como as de fundamentação política, social, econômica, ideológica, religiosa e cultural, e/ou ainda as destinadas ao cotidiano e ao mundanismo. O enfoque era predominantemente voltado aos assuntos no âmbito nacional, mas também direcionavam suas matérias textuais e representações iconográficas ao contexto internacional, como foi o caso da cobertura das magazines cariocas e paulistanas realizada em relação à Guerra Ítalo-Turca, nos meses finais de 1911, a partir do espocar do conflito, e ao término de 1912, por ocasião da pacificação.

Uma dessas publicações foi a *Revista da Semana*, que surgiu em 1900, no Rio de Janeiro, na condição de “suplemento ilustrado do *Jornal do Brasil*”, na qual permaneceu até 1915. Trazia como grande destaque as ilustrações de suas páginas, como resultado de aprimoramento técnico que começava a se implantar no Brasil. Sua circulação foi bastante perene, durando até 1959, e vindo a atingir uma ampla distribuição por várias regiões brasileiras, permanecendo como uma das mais importantes publicações do país. Desempenhou um papel pioneiro, principalmente na divulgação das atualidades sociais, políticas e policiais, tornando-se leve, alegre, elegante, com as

⁴⁰ SCALZO, 2016. p. 28-29.

ilustrações de alguns dos principais artistas de então vinculados a tal ramo. De 1915 em diante, seria ainda mais elegante e feminina, já com outra feição, vindo a superar alguns dos periódicos seus contemporâneos, mais efêmeros, e disputar com algumas das mais importantes magazines do Brasil as preferências do público da época⁴¹.

Nos primeiros tempos de circulação, a *Revista da Semana* anunciava como seus escopos: “fotografias, vistas instantâneas, desenhos e caricaturas”. Em 1921, ostentava no frontispício a distinção de ter sido “premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911”. Em um de seus aniversários, saudava a continuidade “de uma jornada venturosa”, orgulhando-se de mais um “triunfo de uma iniciativa, expressa no grande formato dado às edições semanais”. Tal evolução constituiria passo importante na direção da “reafirmação constante de uma transformação completa, que logrou alçar” a revista “ao nível dos maiores semanários do mundo, mas que, não obstante disso, deve ascender ainda, através de todas as possibilidades, num crescente anseio de perfeição”. A partir de “novas proporções”, garantia que, “sem abandonar a sua feição tradicional, sempre requintadamente elevada, logo abordou e debateu as grandiosas questões do momento”. A respeito de algumas de suas seções, comentava que as mesmas obtiveram “sucessos relativos à força, à cultura e à graça, e constituíram de *per si* programa suficientemente vasto para a existência de valiosas publicações especiais sobre os assuntos tratados por cada uma delas”. Além disso, buscava garantir que empregaria os

⁴¹ SODRÉ, 2007. p. 274, 297, 301 e 326.

maiores esforços “para dotar o Brasil com uma publicação digna da sua grandeza e dos seus merecidos foros de cultura”⁴².

A abordagem da *Revista da Semana* a respeito do conflito entre italianos e turcos foi realizada predominantemente por meio das caricaturas. Uma delas refletia acerca da presença da temática bélica em meio ao cotidiano nacional, trazendo dois indivíduos que tratavam a guerra de um ponto de vista jocoso, demarcando que as causas do enfrentamento deram-se por motivo de conquistas sexuais⁴³. Na página de apresentação, a magazine buscava demonstrar as precariedades de ambos os adversários que se enfrentavam pelas terras norte-africanas, se referindo com ironia à informação de que o estado das tropas era excelente, ao mostrar os combatentes machucados e estropiados, sem qualquer condição de levar a luta em frente. Retornando aos reflexos cotidianos, em caricatura intitulada “Maçadas”, a revista apresentava dois homens que conversavam, dizendo-se fartos da discussão de assuntos de natureza internacional, dentre eles a Guerra Ítalo-Turca, com a proposta de que deixassem de se preocupar com tais episódios, vindo a cuidar da própria vida⁴⁴. Em outra representação iconográfica, o periódico dava uma versão antropomorfizada do mapa da Bacia do Mediterrâneo, epicentro do conflito em questão, com a presença de John Bull – simbolizando a Grã-Bretanha – que se

⁴² REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 31 dez. 1921.

⁴³ REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 28 out. 1911.

⁴⁴ REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 4 nov. 1911.

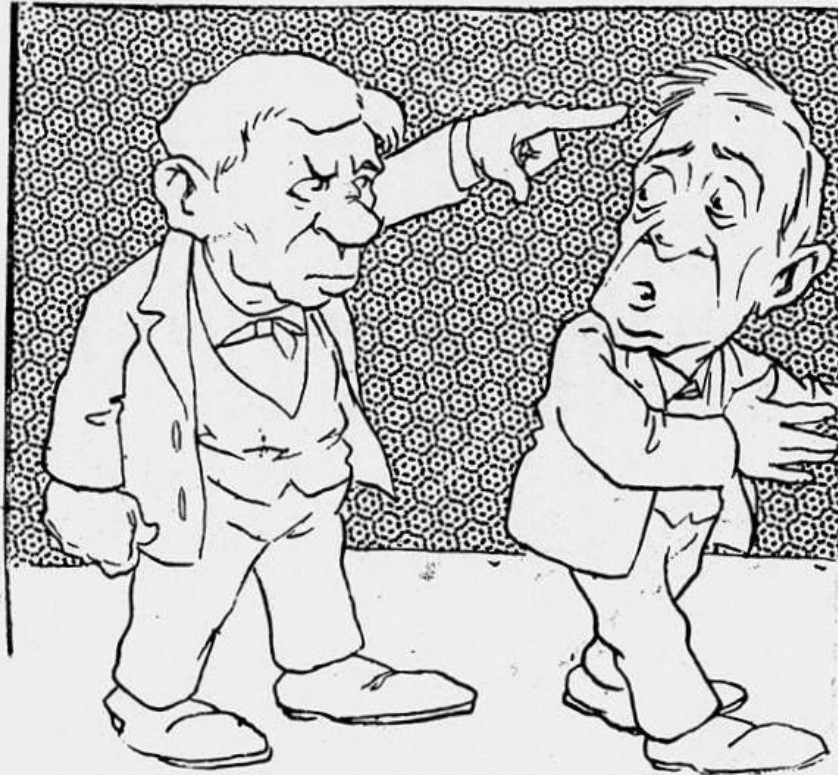
DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA

apropriava de um local norte-africano, enquanto a Itália e a Turquia, por meio de seus governantes estilizados, olhavam-se desafiadoramente⁴⁵.



⁴⁵ REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 11 nov. 1911.

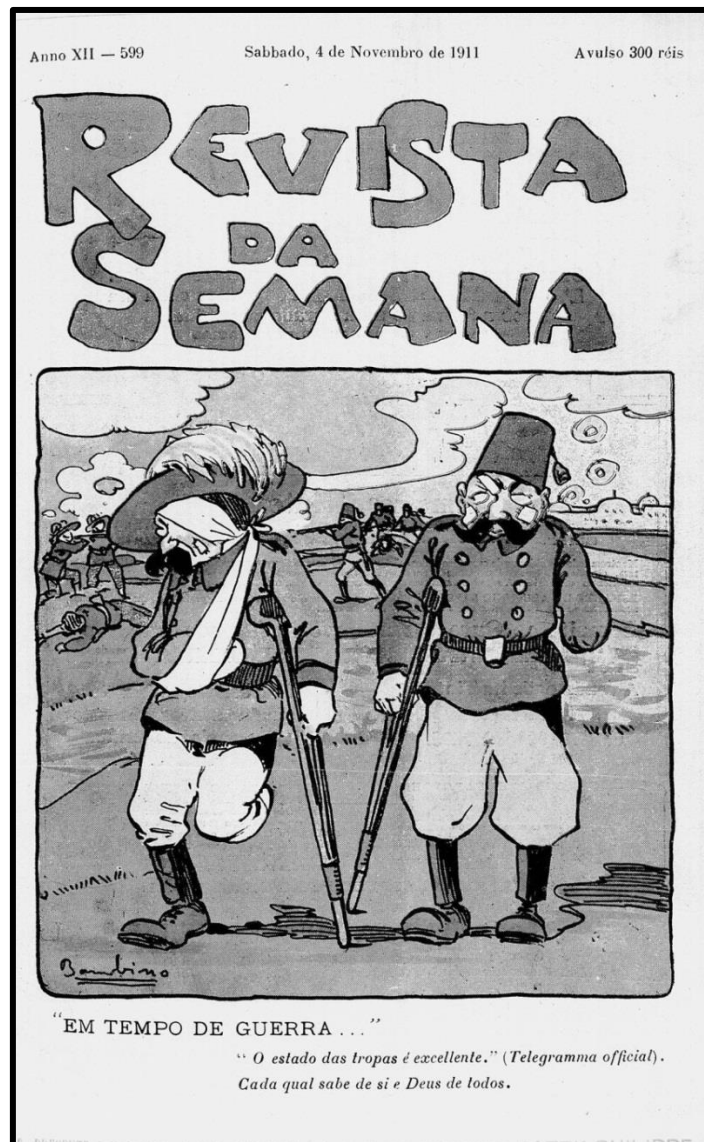
MASSADAS...



— Basta, senhor ! Nem situação em Portugal, nem guerra Italo-Turco, nem revolução na China. Basta de amolações ! Eu já nem posso dormir com tanta coisa por acabar !

— Tens razão. O melhor será cuidar da nossa vida. Só isso é que nos deve preocupar...

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA





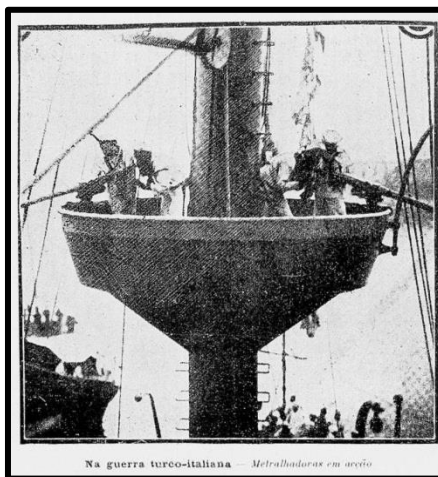
LÁ FÓRA — Topographia physionomica da encrenca

Com uma incursão ao campo das curiosidades, a magazine carioca se referia a um episódio inusitado da guerra, noticiando que “têm sido feitas várias ofertas à Itália, para a compra” de um iate de propriedade de um ex-sultão turco, que fora “convertido em torpedeiro pelos jovens turcos e aprisionado pelo couraçado *Marco Polo*”, havendo o pedido daquele governante ao rei italiano que conservasse a embarcação, no que foi atendido, sendo ordenado que “o barco se conserve em Taranto, para mais tarde ser entregue ao sultão destronado”⁴⁶. Na prática de um humor escatológico, a publicação exibia desenho que se passaria “Na Tripolitânia”, servindo como uma espécie de chamariz tendo em vista a questão em torno da guerra, mas que só servia para apresentar uma situação supostamente jocosa envolvendo os efeitos da ingestão de óleo de rícino por parte de camelos⁴⁷. Apesar de sua predileção pelas fotorreportagens, a *Revista da Semana* divulgou apenas um registro fotográfico denominado “Na Guerra Turco-Italiana”, a qual chamava a atenção do leitor para “metralhadoras em ação” durante o conflito⁴⁸.

⁴⁶ REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 11 nov. 1911.

⁴⁷ REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 18 nov. 1911.

⁴⁸ REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 23 dez. 1911.



A respeito do alcance noticioso do enfrentamento bélico, a magazine dizia que “a ocupação de Tripoli pelos italianos desperta a atenção pública para essas regiões”, complementando que as mesmas, no passado, “inspiravam o terror pelas multiplicadas e sinistras incursões dos ferozes piratas”, passando a discorrer sobre um episódio exemplificativo ocorrido no século XVII⁴⁹. Já por ocasião do encerramento do conflito, em meio às notícias sobre a Guerra dos Balcãs, a revista divulgava notas segundo as quais “a Turquia aceito as condições de paz propostas pela Itália” e “fez muito bem”, pois, “para não as aceitar seria preciso ser tapada como uma sublime porta”. Ainda se referia à pacificação como uma “situação excelente”, na qual “a Turquia aceitou as condições de paz e cedeu a Tripolitânia à Itália”, ação considerada como um “alto negócio”, de modo que a partir daí restaria “apenas à Itália apoderar-se da Tripolitânia”⁵⁰.

No rol das revistas brasileiras surgiu a *Leitura para todos*, editada no âmbito carioca, entre 1905 e 1930. Anunciava-se como “magazine mensal ilustrado” e, apesar do formato menor em relação a outras publicações do mesmo gênero, apresentava uma boa feitura gráfica. Na apresentação do novo periódico, ficava demarcado que “a empresa de *O Malho*, o jornal mais popular que já teve o Brasil, com uma tiragem de 35.000 exemplares”, a qual “tende a elevar-se rapidamente, circulando em todo o país e no estrangeiro”, passaria a publicar “mensalmente a *Leitura para todos*, revista que buscará cumprir o

⁴⁹ REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 30 dez. 1911.

⁵⁰ REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 26 out. 1912.

vasto programa a que a obriga o seu título, mas que, pelo seu feitio e pelo seu preço, é antes de tudo destinada às nossas classes populares”. Prometia constantes melhoramentos realizados a partir das modernas rotativas voltadas à sua impressão. De acordo com a sua proposta de atingir a popularidade, garantia que ofereceria um preço acessível, para a qualidade gráfica colocada à disposição do público⁵¹.

Segundo a redação, a revista estava destinada “a informar, instruir e deleitar a todo mundo, ocupando-se de tudo que a todos interessa”. Pretendia ser uma “revista de informação”, trazendo material iconográfico e um “texto claro e fácil, interessando-lhe “os fenômenos da natureza, os mecanismos industriais, as obras de arte, as noções científicas, os sistemas filosóficos, os sucessos históricos e políticos” e “as crises sociais e econômicas”. Garantia que em suas páginas haveria “rapidez na divulgação, imparcialidade na escolha dos assuntos, grande difusão, facilidade na exposição”, buscando enriquecer “o texto com uma profusão de desenhos e fotografias, que *mostrem* os fatos e expliquem as coisas, antes mesmo de lida a prosa fácil e leve que os acompanha”. Esclarecia ainda que “noutros tempos, as revistas eram para ser *lidas*, hoje são para ser *vistas*”, de modo que a *Leitura para todos* seria “a revista cinematógrafo”, sendo “as suas páginas a tela onde perpassará o mundo moderno, e onde se refletirão os gostos, os sucessos, as ideias, as tradições, os sonhos e os risos da alma brasileira”⁵².

⁵¹ A LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, nov. 1905.

⁵² A LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, nov. 1905.

A respeito do confronto bélico entre italianos e turcos, *A Leitura para todos* fez uma intensa cobertura. Na sua tradicional seção “O mês no estrangeiro”, onde abordava o noticiário internacional, a revista considerava a guerra como a “calamidade das calamidades”, vindo a referir-se ao “conflito entre a Turquia e a Itália por causa da Tripolitânia”. De acordo com a publicação carioca, os ítalos teriam julgado “que não era mau *estender* o seu território” e “aumentar os seus interesses que de há tanto tempo reivindicava em Trípoli”, considerando que “as ambições da Itália, agora postas em prática, já são conhecidas de longa data”, antecedendo até mesmo o nascimento do Estado Nacional, com a perspectiva de que vários locais do norte africano seriam suas “colônias naturais”. Sem conseguir alcançar tais ambições, tendo em vista a força das demais potências europeias, de maneira que teria restado “a Tripolitânia, com suas importantes riquezas naturais”, em relação a qual não pretendeu “perder a ocasião”. Para a revista, “as iniciativas” italianas poderiam ser consideradas como “difíceis e até perigosas”. Prognosticava que os atos dos latinos não contariam com “nenhuma oposição” da França, tendo em vista acordos demarcados anteriormente⁵³.

As manifestações de *A Leitura para todos* eram de ampla oposição às atividades imperialistas. Nesse sentido, considerava que a atitude italiana fora “uma verdadeira covardia”, igualmente a “de todas as nações que se digladiam”, exclamando que “em pleno século XX, o século das luzes e da ciência, parece incrível que a guerra ainda existe”. Nessa linha, questionava para que “servem

⁵³ A LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, out. 1911.

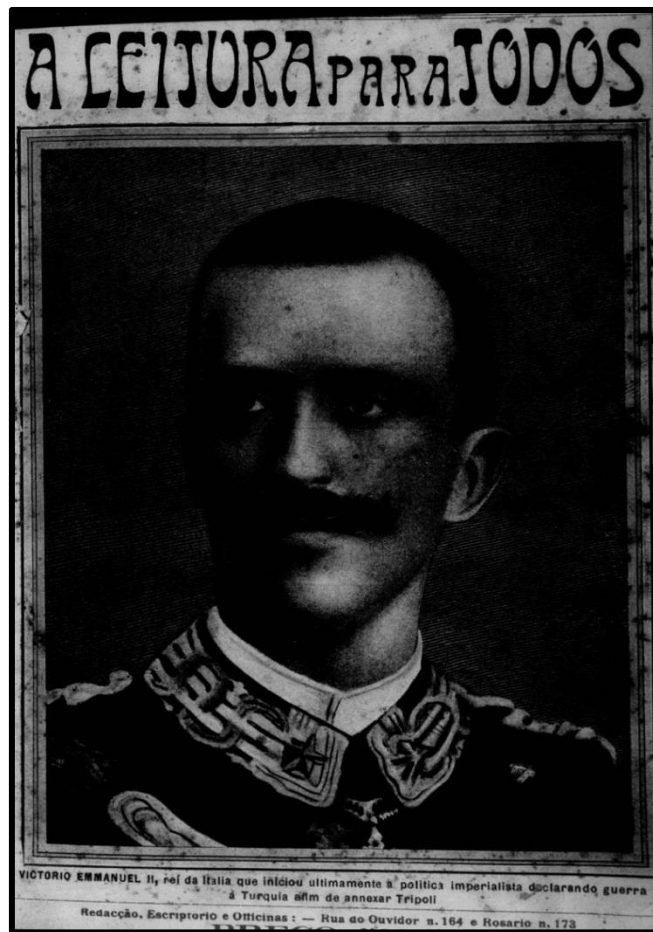
os congressos de paz” e “as negociações diplomáticas”, e mesmo “o comércio internacional que tanto aproxima o homem”, apontando que “longe vão os tempos de conquistas à mão armada”. Considerava que se tratava de “duas potências que se digladiam”, tendo “por teatro o mundo e seus habitantes por espectadores”, possuindo ambas “numerosas forças em pé de guerra, o que torna ainda mais encarniçada a luta”. A magazine se referia aos “contingentes de que a Itália” poderia “efetivamente dispor em caso de guerra”, trazendo dados quantitativos acerca de tais forças, assim como abordava em detalhes a formação dos exércitos turcos e sua organização⁵⁴.

Após descer às minúcias quanto às forças bélicas em jogo, a revista demarcava que “são esses milhares de vidas que se atiram aos azares da sorte, em meio de saraivada de balas, para lavar a afronta que receberam”, concluindo com o desejo de que não fosse aquela “guerra uma tremenda lição para a Itália”. Os registros iconográficos de *A Leitura para todos* na primeira edição na qual debateu a Guerra Ítalo-Turca concentraram-se nas personalidades que protagonizavam o conflito como o rei italiano, cuja efígie foi estampada na capa, sendo o mesmo descrito como aquele “que iniciou ultimamente a política imperialista, declarando guerra à Turquia a fim de anexar Trípoli”. Também foram apresentados retratos do “novo Ministro da Guerra turco”, apontado como “o principal chefe militar da revolução que deu à Turquia o regime constitucional”, e o grão vizir turco, escolhido “por ser resolutamente partidário

⁵⁴ A LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, out. 1911.

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA

da resistência contra a Itália”. A conteúdo imagético foi ainda complementado com a presença de um “major-general do exército turco”⁵⁵.



⁵⁵ A LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, out. 1911.



DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



Kiamil Pachá, indicado pelo Parlamento turco para o cargo de Grão Vizir, por ser resolutamente partidário da resistência contra a Italia.



No número correspondente ao mês seguinte, *A Leitura para todos* mais uma vez discorria sobre “O mês no estrangeiro”, abordagem que se concentrava na “Guerra Ítalo-Turca, na Revolução na China e no Conflito Franco-Alemão”, apontando que “guerras, revoluções, rebeliões, são estas as notícias de mais palpitante interesse, de maior atualidade”, que vinham do exterior, com “cenas que se vão desenrolando nesse grande palco de dimensões descomunais, que se chama o mundo”. Perante tal contexto, lamentava a presença daquele “monstro horrendo, que se ‘sustenta da fazenda, do sangue das vidas’”, o qual, “quase por toda a parte, escancara as suas medonhas fauces e tudo parece engolir”. Destacava que, “em pleno século XX, a guerra, semelhante a um grande vulcão vomitando chamas de sua enorme cratera, vai-se alastrando, ameaçando tudo aniquilar”. Apontava que a guerra tornar-se “o assunto do dia por toda a parte onde existe o homem civilizado” e “entre todas as classes sociais”, explicando que, apesar de grande quantidade de outros acontecimentos, como “catástrofes, festas, dramas e comédias da vida humana, tudo fica na penumbra, cedendo a primazia de lugar” para os conflitos bélicos que se estendiam⁵⁶.

Desse modo, a revista considerava que a paz transformara-se em “utopia”, sobrepujada pela “guerra, como todos os seus horrores”. Descrevia os principais movimentos bélicos no enfrentamento turco-italiano, referindo-se à “sangrenta refrega” e a um triunfo promovido pelos latinos, ao passo que os turcos estariam a lutar “com fanatismo e heroicidade”. Discorria ainda que a Itália concordaria com uma “indenização à Turquia, mas de modo nenhum aceita que ela

⁵⁶ A LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, nov. 1911.

mantenha a sua suserania em Trípoli”, permitindo “quando muito o consentimento de não intervir a Itália em matéria de seitas e crenças religiosas dos otomanos”. A personalização do conflito permanecia nos registros fotográficos, com a presença dos “soberanos em luta”, com o rei italiano e o sultão turco; além dos retratos dos “príncipes de sangue envolvidos na ação”; de um general italiano e um contra-almirante inglês, a serviço da Turquia; os ministros das relações exteriores italiano e turco; o ministro da guerra e um comandante de tropas da Itália. Tais elementos iconográficos eram complementados por dois cenários onde se desenvolvia a guerra e a aclamação do povo aos militares em Roma⁵⁷.

⁵⁷ A LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, nov. 1911.

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



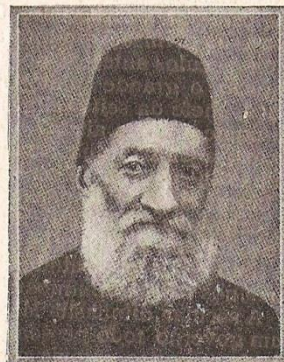
O general Caneva, commandante do exercito italiano na Tripolitania



O contra-almirante Hugh P. Williams, inglez servindo em comissão como commandante da esquadra turca.



O marquez de San Giuliano, ministro das relações exteriores na Italia



Kiamil Pachá, ministro das Relações Exteriores da Turquia

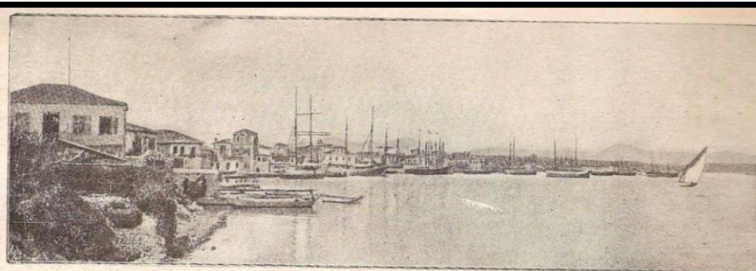
DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



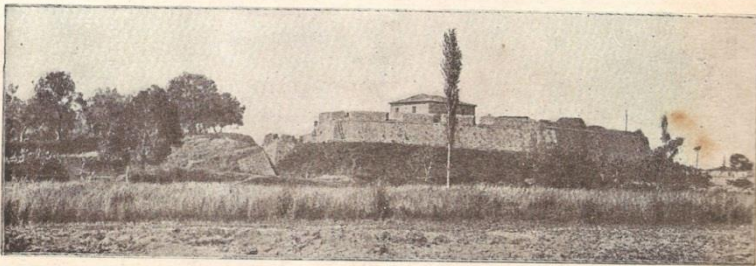
O general Spingardi, ministro da guerra da Italia



O capitão Cagni, antigo compangheiro do duque dos Abruzzos á expedição ao Polo Norte, commendante da primeira companhia de desembarque em Tripoli.



O porto de Preveza, aberto no litoral turco do golfo de Arta. O primeiro bombardeio pela esquadilha do duque dos Abruzzos, na vespera da declaração de guerra



A cidadella de Preveza, armada com um único canhão Krupp, que resistiu ao bombardeio e avariou uma torpedeira italiana, ferindo o respectivo commandante



Ao final de 1911, o periódico constatava que “continua a Guerra Ítalo-Turca, com grandes vantagens para a Itália e sem grandes e decisivos combates”, destacando que “as potências trabalham para que em breve se faça a paz, que tanto deseja a Sublime Porta e também deve desejar a Itália”. Em uma seção de encerramento anual, a revista publicava “O ano no estrangeiro: o ano diplomático, os tratados e as guerras”, na qual demarcava que, no “Mediterrâneo, os italianos disputam heroica e metodicamente, tendo desembarcado em Trípoli, antes de enfrentar as forças otomanas”, constituindo uma “conflagração

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA

européia prevista” antecipadamente no contexto das nações. No segmento iconográfico, a publicação divulgou dois exemplares de “cartão postal patriota muito espalhado ultimamente na Itália”⁵⁸.



⁵⁸ A LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, dez. 1911.



Com a reconciliação entre os dois contendores, *A Leitura para todos* dizia que “foi afinal assinada a paz entre a Itália e a Turquia”, tendo havido “quase um ano de lutas, de sacrifícios e de inauditos esforços” para que a Itália conseguisse “chegar ao que tanto ambicionava”, no sentido de tornar-se uma “potência colonial mediterrânea”. Considerava que tal conclusão “era questão de tempo e a

ocasião era a mais oportuna possível”, uma vez que “a Turquia tinha de ceder, como cedeu”. Demarcava que “a paz não foi, pode-se dizer, o resultado de uma conquista de guerra” e sim, “incontestavelmente, uma conquista diplomática”. Noticiava que “os jornais italianos salientam com grande entusiasmo o triunfo definitivo das aspirações da pátria, rejubilando com o fato de a Sublime Porta se ter inclinado diante das imposições” itálicas. Estes periódicos seriam “os mais otimistas”, pois, “outros, mais pessimistas, fazem uma pergunta difícil de responder”, permanecendo a dúvida se o tratado de paz resultaria na “posse definitiva para a Itália, da Tripolitânia e da Cirenaica”. Tal suspeita era considerada como “muito ponderável” e “muito aceitável”, tendo em vista que “a conquista pelas armas resumia-se na posse do litoral”, e “tudo” o que fosse além “era de uma dificuldade extrema para as forças italianas”, ainda mais para enfrentar “o fanatismo dos soldados turcos”. Assim concluía que, “seja como for, o que é certo é que a Itália está hoje ao norte da África, como potência, entre a Inglaterra e a França”, ao passo que “a Turquia se mostrou tão razoável nas negociações de paz”, por causa da “eminência da guerra que ela tinha de sustentar com os Balcãs”⁵⁹.

Quanto ao gênero jornalístico em pauta, foi editada em São Paulo, entre 1906 e 1926, com interrupções em sua circulação, *A Vida Moderna*⁶⁰, que se apresentava como “revista ilustrada, popular e de atualidades”. Constituiu um periódico que trouxe em suas páginas inovações técnicas e recursos

⁵⁹ A LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, out. 1912.

⁶⁰ PILAGALLO, Oscar. *História da imprensa paulista*. São Paulo: Três Estrelas, 2012. p. 324.

sofisticados, além de ter adotado um figurino com muitas imagens, modelos de arremedo da vanguarda internacional, rotogravuras e clichês⁶¹. Ao completar mais um de seus aniversários, a magazine lembrava que “somente quem conhece a vida dos jornais e especialmente dos semanários” do seu gênero, poderia “avaliar da soma de trabalho e de atividade, de energia e tenaz resistência despendidas” para a manutenção de suas edições contínuas. Garantia que “o favor crescente do público” servia para compensar tais “esforços”, de modo que a redação envidava todo o “possível para corresponder à estima dos leitores, melhorando de número para número, quer na sua parte literária, quer na sua feição artística”. Dizia contar com colaboradores caracterizados como “primoroso colorista”, “penetrante psicólogo”, “humorista observador” e “espirituosos caricaturistas”, que possuíam também “bom humor comunicativo”, “verve esfuziante do lápis”, “delicada ironia” e “fino senso estético”. Pretendia assim ser “uma publicação interessante e variada de informações sobre tudo que concerne à atividade intelectual do nosso meio e do estrangeiro”⁶².

Na abordagem do conflito armado entre turcos e italianos, *A Vida Moderna* optou pelo uso das caricaturas, como no caso de uma delas que estaria a refletir um momento do cotidiano, buscando revelar o clima tenso entre indivíduos pertencentes às colônias de cada um dos respectivos países em enfrentamento. Sob o título “Itália e Turquia”, a revista destacava que uma simples conversa,

⁶¹ MARTINS, 2008, p. 117 e 189.

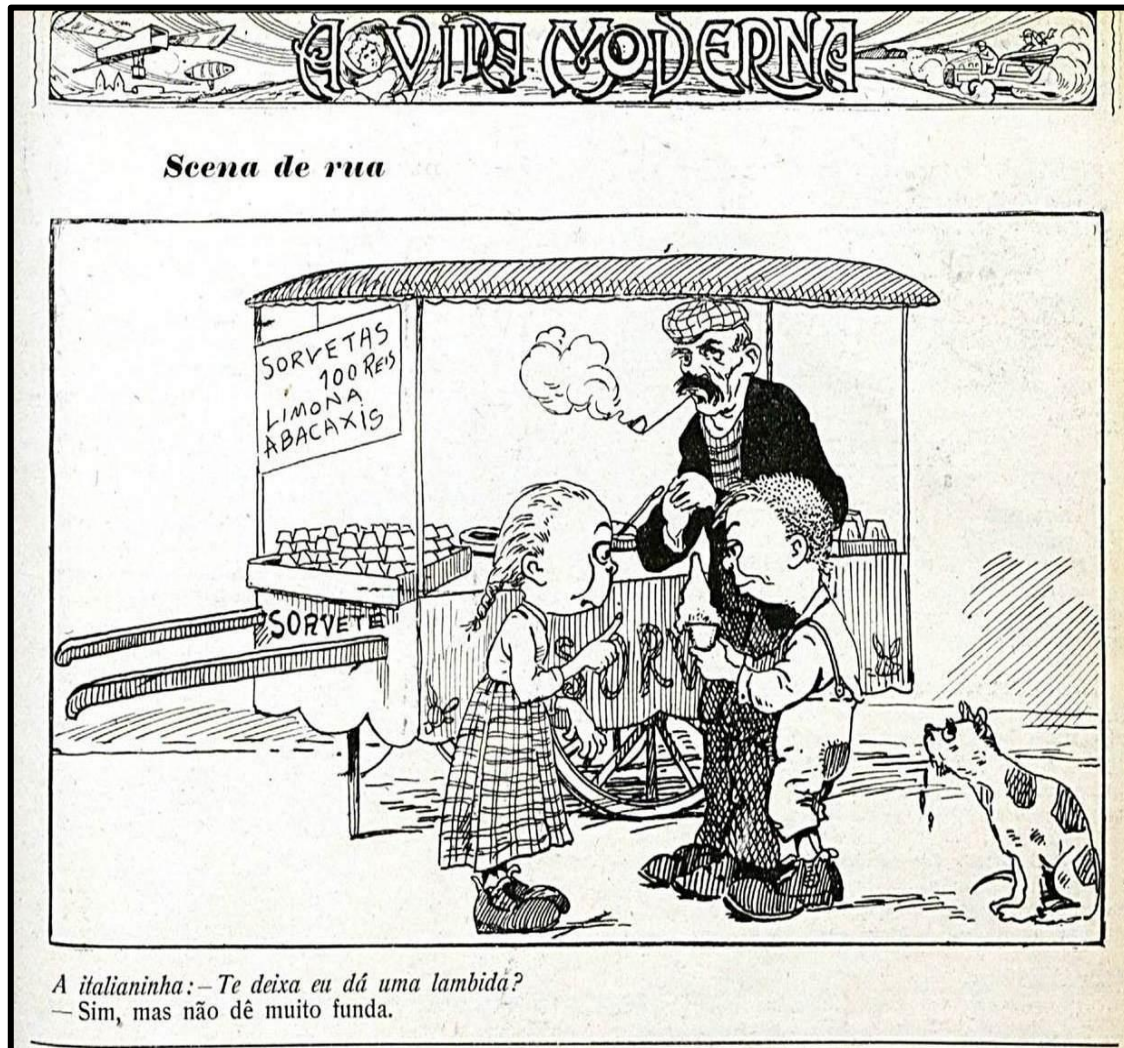
⁶² A VIDA MODERNA. São Paulo, 26 dez. 1912.

com a falta de compreensão quanto a uma simples palavra, poderia servir como estopim para o desentendimento entre as duas partes. Ainda no que tange aos episódios corriqueiros do dia a dia, em uma “Cena de rua”, o periódico traduzia o conflito internacional ocasionado por disputas territoriais, como uma criança italiana que pedia para lamber o sorvete de um menino turco, o qual até aceitava, mas retorquia que a incursão não deveria ser “muito funda”⁶³. Ao tratar do período da pacificação do enfrentamento bélico, a publicação paulistana divulgava um desenho com legenda breve: “Turco – Como pensam alguns...”, mostrando um cenário em que uma figura em trajes típicos representava a Turquia, que devorava soldados, em refeição acompanhada de pólvora, enquanto, ao largo, uma mulher, que simbolizava a Itália, observava a cena com um sorriso nos lábios, como sinal da satisfação pela vitória no confronto. Carregando na ironia, outra caricatura invocava no título a “Paz...”, referindo-se ao fim da guerra entre turcos e italianos, mas apresentando também a continuidade do ambiente de tensão internacional, com a Guerra dos Balcãs e a continuidade dos interesses imperialistas de vários países europeus, além dos Estados Unidos e a sua cobiça sobre territórios mexicanos⁶⁴.

⁶³ A VIDA MODERNA. São Paulo, 28 out. 1911.

⁶⁴ A VIDA MODERNA. São Paulo, 31 out. 1912.







Turco — Como pensam alguns ...

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



Intitulando-se como um “semanário alegre, político, crítico e esfuziante”, a revista *Fon-Fon* foi publicada no Rio de Janeiro, entre 1907 e 1958, vindo a conquistar um significativo público leitor⁶⁵. Explicitava que constituía uma publicação “ágil e leve”, que pretendia “fazer rir, alegrar a boa alma carinhosa” do “amado povo brasileiro, com a pilhéria fina e a troça educada, com a glosa inofensiva e gaiata dos velhos hábitos e dos velhos costumes, com o comentário leve às coisas da atualidade”⁶⁶. A redação do periódico chegou a apontar que *Fon-Fon* constituía “uma necessidade para desopilação dos fígados inflamados”⁶⁷. Manifestava seu intento de manter “esforços constantes para bem servir os leitores, informando-os de tudo, através da fotografia e do comentário breve e desapaixonado”⁶⁸. Considerava que tinha por admiradores de seu norte editorial aqueles “que cultivam o espírito, amam a arte, apreciam o bom tom e rendem homenagem às mulheres”. Demarcava que, ao longo do tempo, “caricaturou os políticos e criticou os administradores, fez graçolas e traquinadas”, ao passo que, “com os anos se fixou” em ser algo “maior, embora nada perca do seu chiste e da sua alegria”, de modo que, ao ser “mais linda”, passava a ter “melhor juízo”⁶⁹.

No que tange ao embate bélico italiano-turca, a *Fon-Fon* tecia comentários acerca da recepção das notícias do episódio no Brasil. De acordo com a

⁶⁵ SODRÉ, 2007. p. 301.

⁶⁶ FON-FON. Rio de Janeiro, 13 abr. 1907.

⁶⁷ FON-FON. Rio de Janeiro, 10 abr. 1909.

⁶⁸ FON-FON. Rio de Janeiro, 12 abr. 1919.

⁶⁹ FON-FON. Rio de Janeiro, 14 abr. 1928.

publicação, “aí vem mais uma frase firmada e pronta para assuntos de palestra de verão”, ou seja, “a guerra da Itália com a Turquia”, que “vem mesmo a calhar para preencher este propósito necessário”. A esse respeito, considerava que “a elegância diplomática na função da sua futilidade perene, terá floreiros discretos de frases para criticá-la e analisá-la”. Narrava que a “madame que foi à Europa, que fez a sua necessária estação estética italiana, lamentará qualquer suposto desastre da terra querida”. Em outro caso, uma “excelência venerável pelas suas funções burocráticas irá pedir, de manhã cedo antes do café, aos telegramas do *Jornal do Comércio*, a pauta sensata para uso externo das suas opiniões”. Além disso, “todos, sem querer, sem pensar, encontraremos na guerra turco-italiana, expressões de verdadeira salvação em momentos de palestra supérflua”. Enfatizava ainda que, diante do conflito, “cada um de nós emitirá a sua opinião, dirá as suas simpatias e se emocionará, de acordo com o próprio estado da alma e o próprio temperamento”⁷⁰.

A *Fon-Fon* ainda estamparia algumas caricaturas a respeito do enfrentamento ítalo-turco. Em uma delas, transplantava a guerra para o Brasil, mostrando dois integrantes respectivamente das colônias italiana e turca, os quais, sem abandonar suas funções mercantis, digladiavam-se entre si, visando a demonstrar “o conflito por estas bandas”. Já em outra, “A verdade sobre a questão tripolitana” era representada como um conflito entre cães, no qual o maior deles, designando a Itália, ameaçava outro, a Turquia, enquanto as outras potências europeias, como outros elementos caninos, ficavam ao largo, sem

⁷⁰ FON-FON. Rio de Janeiro, 7 out. 1911.

interferir⁷¹. Em outra construção caricatural, trazia “silhuetas”, com “a psicologia das nações”, retratando a Itália, referindo-se a detalhes do país, cujo representante apontava uma arma para o turco, em alusão ao enfrentamento bélico que estourara⁷². Seguindo a mesma linha, foi apresentada também a Turquia, em uma representação que demarcava o funeral do governante de tal nação, o qual era frequentado por várias das potências europeias⁷³. Já no período relacionado à pacificação, a revista trazia nova caricatura intitulada “Frase possível”, a qual intentava demonstrar as fraquezas da Turquia, forçada a assinar a paz com a Itália e vendo-se à frente de um novo fronte bélico com os países balcânicos. Na gravura, um indivíduo identificado com os turcos através de sua indumentária, buscava desembainhar a espada, mas tinha dificuldades, tendo em vista a tremura que tomava conta de suas pernas, diante do que ele reclamava que “estão todos a me tomar por cabeça... de turco”, em relação à expressão que trazia por sentido como aquele que acaba por assumir as culpas com ou sem fundamento⁷⁴.

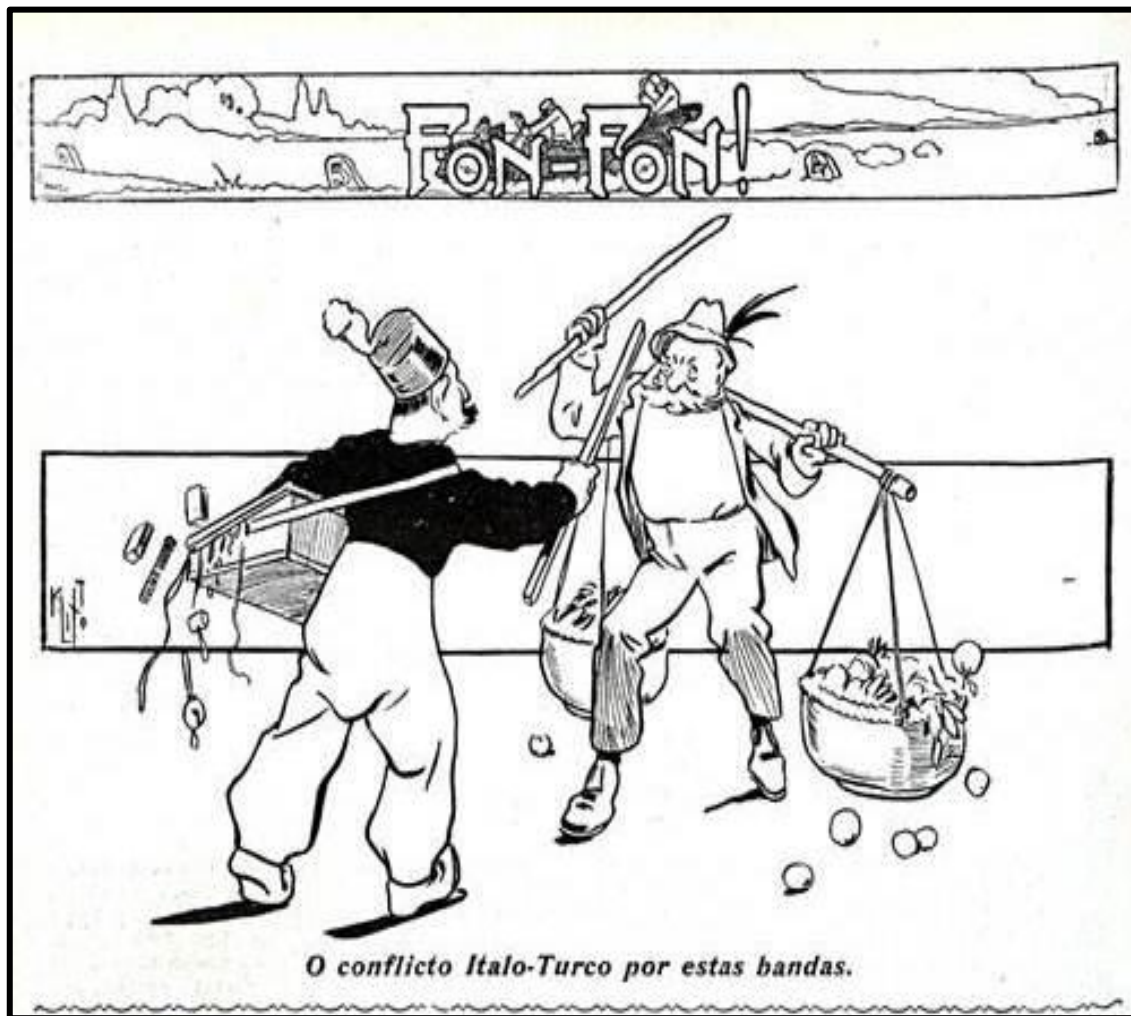
⁷¹ FON-FON. Rio de Janeiro, 14 out. 1911.

⁷² FON-FON. Rio de Janeiro, 21 out. 1911.

⁷³ FON-FON. Rio de Janeiro, 4 nov. 1911.

⁷⁴ FON-FON. Rio de Janeiro, 2 nov. 1912.

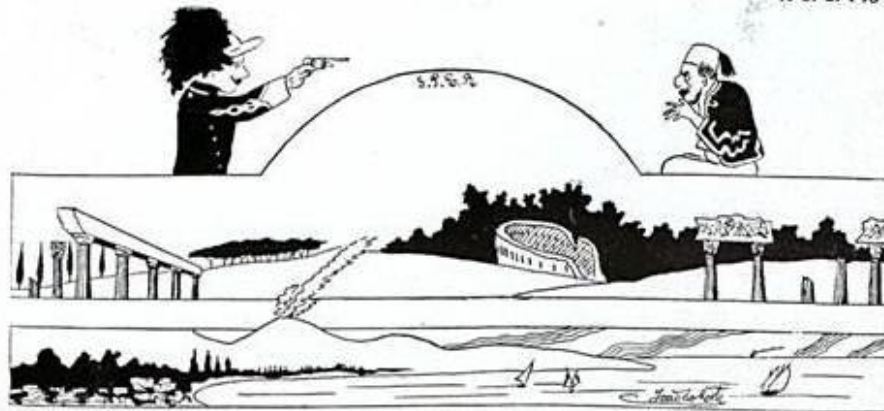
DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA





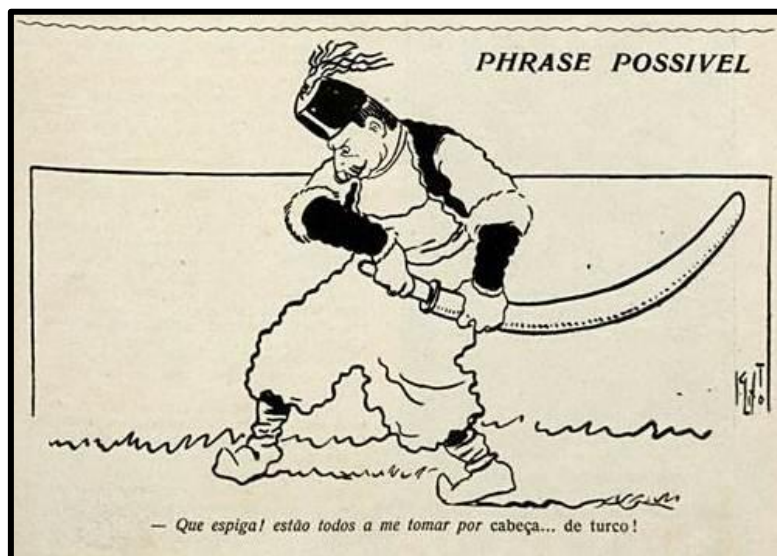
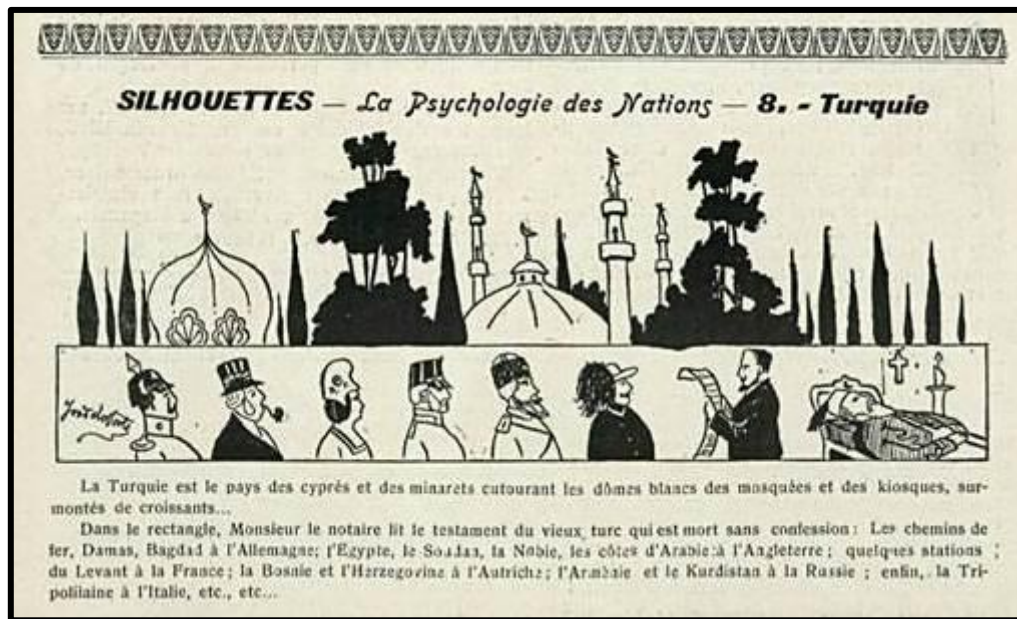
SILHOUETTES — La Psychologie des Nations — 5. — Italie.

A S. S. Pio X.



L'Italie est le doux «pays des fruits d'or», le pays au ciel d'azur où le Vesuve fume devant la mer bleue, les pays des ruines, des vieilles colonnes et des entablements qui balancent sur les chapiteaux tremblants — souvenirs du passé... Et maintenant le Bersagliere, malgré tout ça, dit au Turc, revolver au poing : «ôte toi de là que je m'y mette !»

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



Ainda no contexto de revistas esteve *A Ilustração Brasileira*, editada na capital brasileira desde 1909 e que veio a adquirir uma alta categoria em meio a suas congêneres⁷⁵. Circulou até 1958, passando por diversas interrupções ao longo de suas diferentes fases, a primeira de 1909 a 1915, a segunda entre as décadas de 1920 e 1930, e a terceira a partir de 1935, demarcadas não só pelas suspensões, como pelas transformações em seus projetos gráficos. Caracterizou-se pelo primor técnico, com a inclusão de fotografias, ilustrações e reproduções de obras de arte, além de apresentar uma significativa preocupação estética, sendo impressa em grande formato e em papel especial. Suas edições tiveram uma temática diversificada, com a inclusão de crônicas, poesias, contos, ilustrações, fotorreportagens, artes, letras, doutrinação política e religiosa, bem como a exaltação de personagens históricos, economia, crítica literária e de artes, comportamento, moda, decoração de residências e interiores, festas, recepções sociais, aspectos da sociedade, monumentos e espaço urbano, tanto no âmbito nacional quanto no internacional⁷⁶. Ao expor seu conteúdo programático, valorizava o fundamento iconográfico como base de seu norte editorial. Entre o poder da palavra e da imagem, o periódico demarcava a primazia desta em relação àquela, uma vez que o conteúdo imagético poderia representar uma suposta expressão da verdade acerca dos acontecimentos.

⁷⁵ SODRÉ, 2007. p. 302 e 326.

⁷⁶ LEHMKUHL, Luciene. Arte em revista: obras de arte publicadas na revista *Ilustração Brasileira*. In: VALLE, Arthur & DAZZI, Camila (orgs.). *Oitocentos - Arte Brasileira do Império à República*. Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ/DezenoveVinte, 2010. p. 330.; e LOPES, Lara. O cigarro em propaganda na revista *Ilustração Brasileira*: uma experiência estética. In: *Visualidades*, Goiânia v.13 n.1, jan-jun 2015, p. 282-283.

De acordo com tal característica, a publicação carioca destacava “o valor das ilustrações e, sobretudo, das ilustrações pela fotogravura”, na qual haveria “o mérito de se suprimir o intermediário humano, que, para bem ou para mal, sempre falsifica um pouco a realidade”. A redação garantia que suas edições teriam “grande número de documentos gráficos pedidos à fotogravura”, os quais seriam “mesmo a maioria”, sem que deixasse faltar “também a arte de grandes manejadores do lápis, que as melhores revistas da Europa disputam avidamente e a que os melhores escritores confiam suas obras para serem ilustradas”. Reforçando seu escopo, dizia que “ninguém se queixará de não ver a realidade tal qual é, quando a veja através dos olhos de tais artistas”, uma vez que “eles sabem vestir de beleza, mesmo as cenas mais banais”⁷⁷. A apresentação da revista destacava ainda que “*A Ilustração* merecerá o seu nome do modo o mais largo possível”, não se cingindo “às ocorrências nacionais, nem às estrangeiras”, propondo-se a tratar “de todas as que possam ter qualquer interesse, dentro ou fora do país, sejam de que natureza forem”. Revelava que era “do seu programa dar a conhecer os fatos do Brasil aos seus amigos do exterior”, bem como “dar a conhecer no Brasil o que se passa no estrangeiro”, constituindo “uma das suas preocupações sempre a de fazer o confronto entre umas e outras”. Segundo o periódico, tal procedimento seria realizado a partir da preponderância do uso da ilustração, de modo que, ao invés de “todo o aparato grave, solene e enfastiante dos discursos, das prédicas, dos raciocínios longos e, às vezes, pouco probantes, quando são inábeis”, optaria pelos “documentos gráficos”, os quais poderiam

⁷⁷ A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 1º jun. 1909.

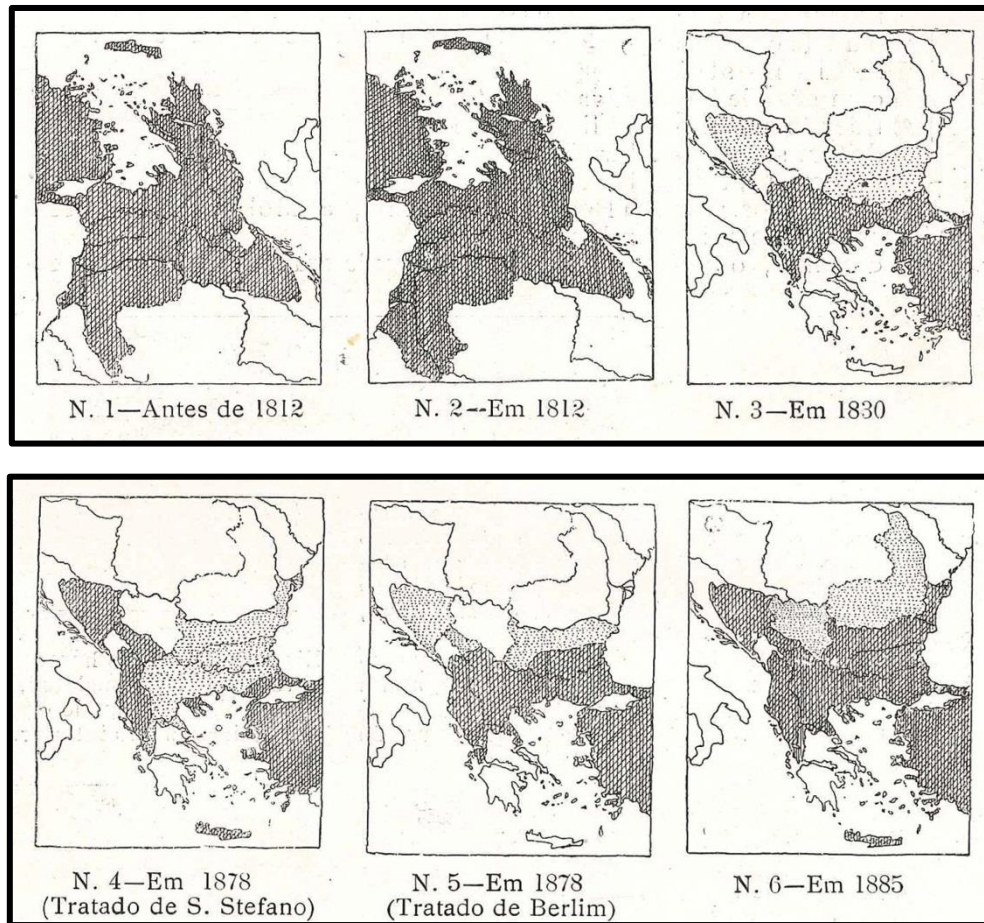
proporcionar o “prazer” da “contemplação” e da “breve leitura de qualquer legenda de poucas linhas”⁷⁸.

A Ilustração Brasileira fez uma das mais completas coberturas acerca da Guerra Ítalo-Turca. Na seção “Correio da Europa”, a revista tratou do confronto, explicando que “a curiosidade do mundo deslocou-se do ocidente para o oriente, onde a Turquia se mostra mais doente do que nunca”. Dizia que estava “reaberta a velha questão dos Balcãs, que tem sido no decorrer de um século a mutilação sistemática e constante do Império Otomano”. Para comprovar a crise do país que ficava na fronteira entre a Europa e a Ásia, a magazine publicou uma “série de pequenos mapas numerados” que serviam para mostrar “com grande nitidez de que modo tem sido posta em prática, aos poucos, mas com teimosia incessante, o velho desejo apregoado pelos preconceitos de raça e de religião”, sintetizado na premissa de que “é preciso expulsar os turcos da Europa”. Assim, tais representações cartográficas apresentavam a fragmentação do antigo poderoso império, com a constante perda de territórios desde os primórdios do século XIX até o início dos Novecentos, bem como de outras pretensões que ainda havia em relação a avanços nas fronteiras do país. Além dos mapas, a revista trazia registros iconográficos de personalidades turcas como “um dos heróis da Revolução Constitucional”, o grão vizir “partidário da resistência” aos italianos, o ministro da guerra turco, o embaixador turco em Paris, além de tipos de uniformes de um coronel de infantaria, de um major-general e de soldados

⁷⁸ A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 1º jun. 1909.

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA

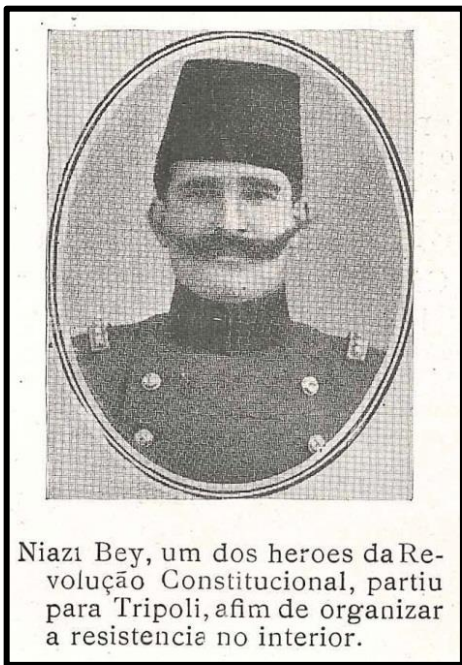
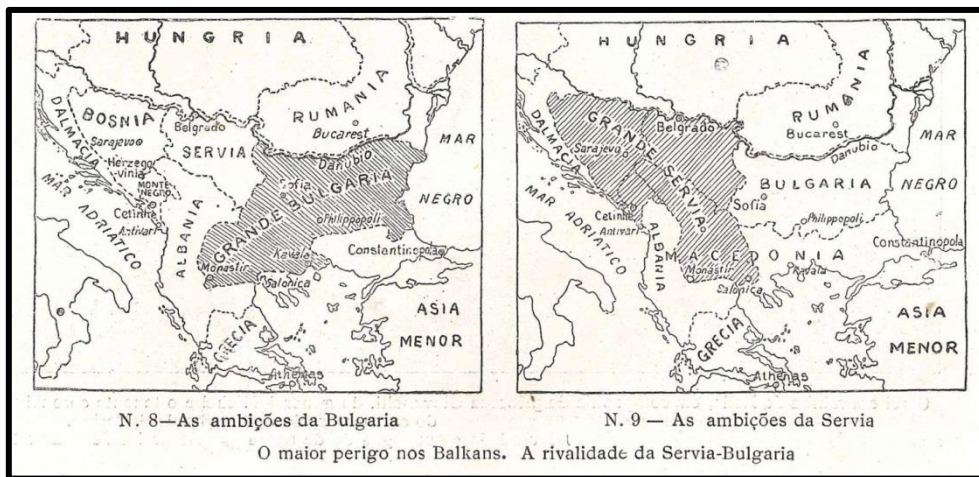
turcos. Também compunha o conjunto imagético, o registro da família real italiana comparecendo a uma solenidade comemorativa⁷⁹.



⁷⁹ A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 16 out. 1911.



DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



A ILUSTRACÃO BRAZILEIRA



Mahmond Cheoket Pachá.—Novo ministro da Guerra Turco. Foi o principal chefe militar da revolução, que deu á Turquia o regimen constitucional

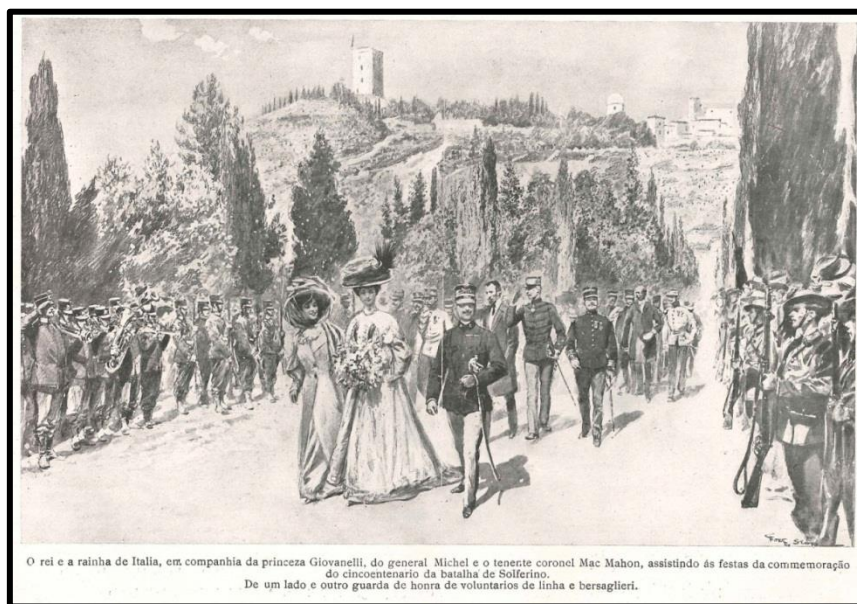
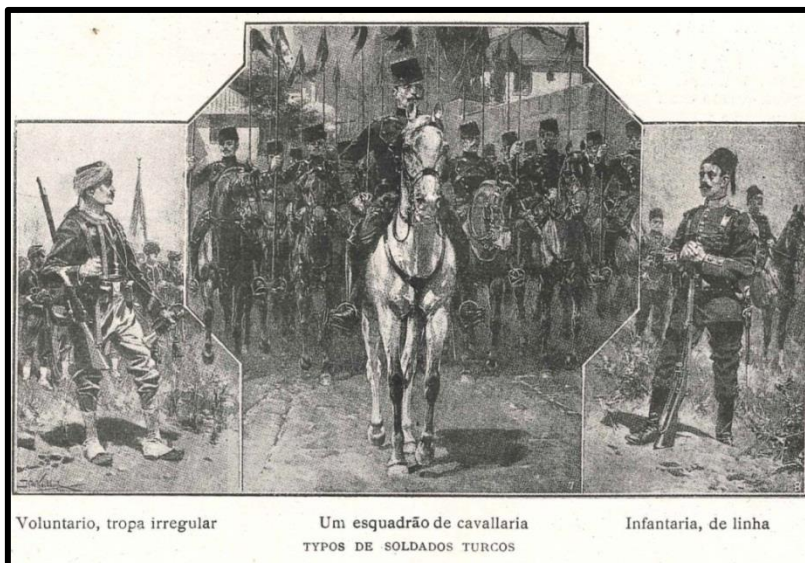


Nanne Pachá, embaixador turco em Paris. Era um dos mais ardentes inimigos da Triplice Aliança; desejava uma «entente» que ligasse França-Russia e Turquia.

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA

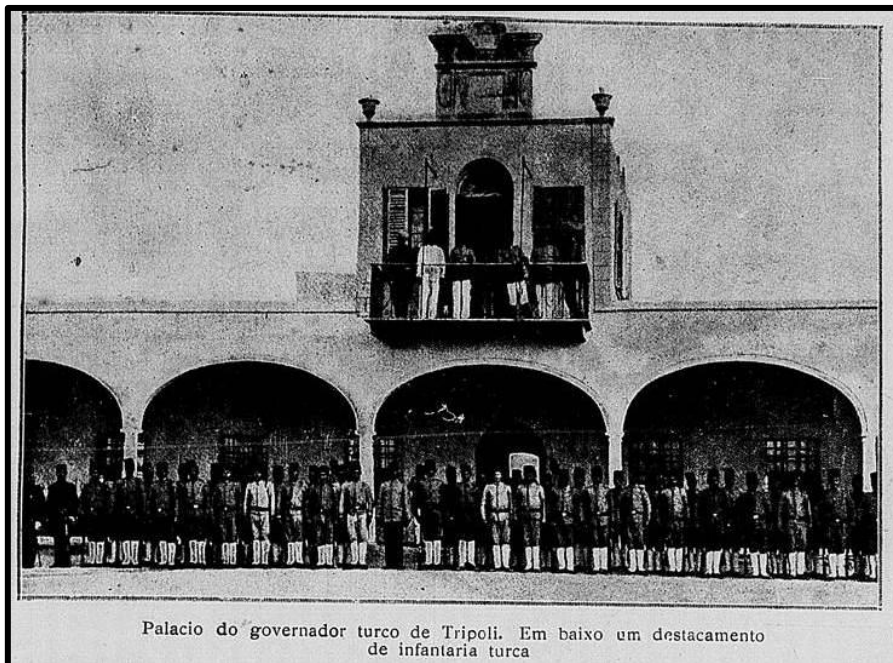


FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Em outra edição, *A Ilustração Brasileira* não chegou a trazer notas sobre o conflito limitando-se a dois registros fotográficos, mostrando um palácio governamental em Trípoli e o retrato do comandante geral da esquadra italiana no cenário da guerra. Demonstrando a curiosidade em torno do confronto bélico, a revista apresentou matéria especial sobre os “Homens e coisas da Turquia”, apontando os “povos do islã, representantes da religião de Maomé em todo o mundo”. A publicação explicitava que “o sultão da Turquia, agora atacado pela Itália, com a anuência da Europa, é o chefe supremo da religião muçulmana”, demarcando que os seguidores de tal credo “contam-se por milhões, espalhados por todos os continentes, com exceção da América”. Constatava assim que, “se o fanatismo religioso despertasse com as afrontas constantes feitas ao sucessor de Maomé, a Europa teria contra si todos os povos” designados em arrolamento e representados iconograficamente⁸⁰.

⁸⁰ A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 1º nov. 1911.



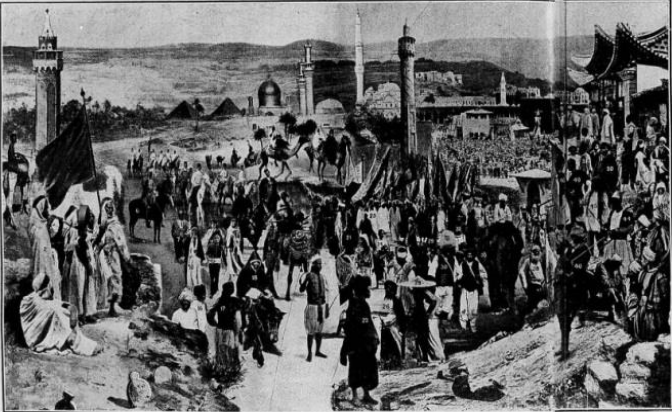
DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA

Seção especial à ILUSTRAÇÃO BRAZILEIRA

N. 20 - 1 de Novembro de 1911

HOMENS E COUSAS DA TURQUIA


OS POVOS DO ISLAN, REPRESENTANTES DA RELIGIÃO DE MAHOMET EM TODO O MUNDO




O Sulão da Turquia, agora exilado pela Itália, com a benção da Europa, e o chefe supremo da religião muçulmana. Os muçulmanos contam-se por milhões, espalhados por todos os continentes (com excepção da América).

He o fascinação religiosa despertada com as af-
finitas costumes feitos ao successor de Mahomet, a
Europa nota entre os todos os povos reunidos
na composição ao lado e que são os seguintes:


1. BOMBURO	28. CHEFE MULLAHADO
2. MOULO	29. MULANA DO SHIH DA
3. ANGELO	30. PAKIA
4. SAKIA	31. SAKIAH (TURCO)
5. CAVALLEIRO SULTANO	32. SAKIAH
6. SAKIAH	33. SAKIAH
7. POKAN-SAKIAH	34. SAKIAH
8. SAKIAH	35. SAKIAH
9. SAKIAH SULTAN	36. SAKIAH
10. SAKIAH	37. SAKIAH
11. SAKIAH	38. SAKIAH
12. SAKIAH	39. SAKIAH
13. SAKIAH	40. SAKIAH
14. SAKIAH	41. SAKIAH
15. SAKIAH	42. SAKIAH
16. SAKIAH	43. SAKIAH
17. SAKIAH	44. SAKIAH
18. SAKIAH	45. SAKIAH
19. SAKIAH	46. SAKIAH
20. SAKIAH	47. SAKIAH
21. SAKIAH	48. SAKIAH
22. SAKIAH	49. SAKIAH
23. SAKIAH	50. SAKIAH
24. SAKIAH	51. SAKIAH
25. SAKIAH	52. SAKIAH
26. SAKIAH	53. SAKIAH
27. SAKIAH	54. SAKIAH




O General Hussein Hasan Paçali, comandante do 1.º Corpo de Exército Turco




O SULTÃO MAHMUD V, VISITANDO ALGUEMANTA A SPARTA DE EDE



CONSTATANDO A PROIBIÇÃO DE ENTRADE A 2000 METROS



O GENERAL HUSSEIN PAÇALI - COMANDANTE DO 1.º CORPO DE EXERCITO TURCO



O SULTÃO MAHMUD V, VISITANDO ALGUEMANTA A SPARTA DE EDE

Novamente na seção “Correio da Europa”, a revista informava sobre “O bombardeio de Trípoli”, demarcando as incertezas quanto às informações até então obtidas, ao afirmar que “chegam afinal notícias autênticas do bombardeio de Trípoli, tantas vezes e de tantos modos descrito pelos telegramas”; enquanto, “ao mesmo tempo, a Itália voltava uma parte de seus esforços para a Cirenaica”,

passando a discorrer minuciosamente sobre os episódios no teatro de operações. Apesar do avanço latino, a publicação especificava que a Itália teria “que empregar esforços gigantescos no solo da África”, passando a descrever detalhes geográficos e topográficos do “território de Trípoli”. Referia-se também às dificuldades enfrentadas pelos turcos na manutenção de um esforço bélico em tal região, mas contrapunha que “as tropas italianas podem ser indubitavelmente superiores em número e armamento”, entretanto teriam de enfrentar “até os confins do território, adversários bem armados, com a vantagem de estarem em território conhecido, acostumados ao clima e podendo se contentar com algumas tâmaras para sua subsistência”⁸¹.

A revista carioca observava também que, naqueles últimos dias, “quase toda a Itália de sul a norte, assistiu com assombro à manifestação de entusiasmo do povo da península”, uma vez que, “a única ideia, a única preocupação de todos italianos é a guerra”. Descrevia que “a alma da multidão pulsa em delírio” e “os jornais são disputados, as notícias comentadas nas ruas em altos brados”, além do que, “o povo se aglomera diante das vitrinas onde são expostos mapas de Trípoli”, vindo todos a pensar nas forças latinas em combate e nas potenciais riquezas a ser exploradas, aparecendo “perguntas, apreciações e suposições” as “mais extravagantes” a respeito das terras que se pretendia conquistar. Diante disso, concluía que “o entusiasmo do povo da Itália é indescritível”, sonhando com “a reconstituição do antigo Império Romano”. As fotorreportagens e gravuras traziam autoridades públicas e militares dos dois

⁸¹ A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 16 nov. 1911.

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA

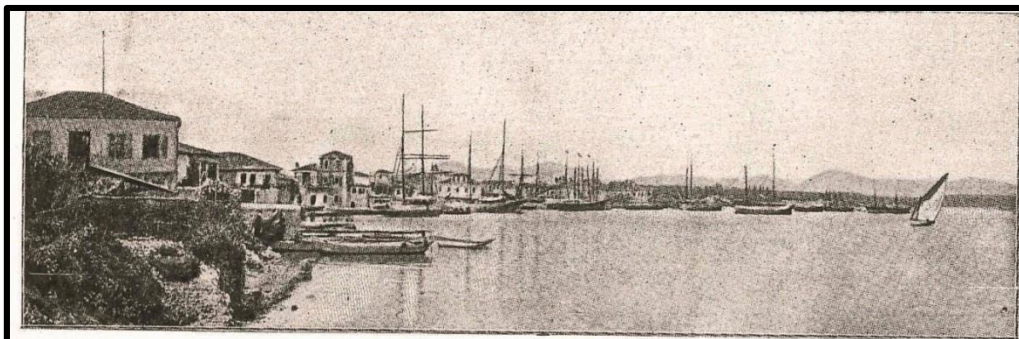
lados em conflito e ainda cenas urbanas, tropas turcas em treinamento, a mobilização dos exércitos e representações do entusiasmo italiano diante da guerra⁸².



⁸² A ILUSTRÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 16 nov. 1911.



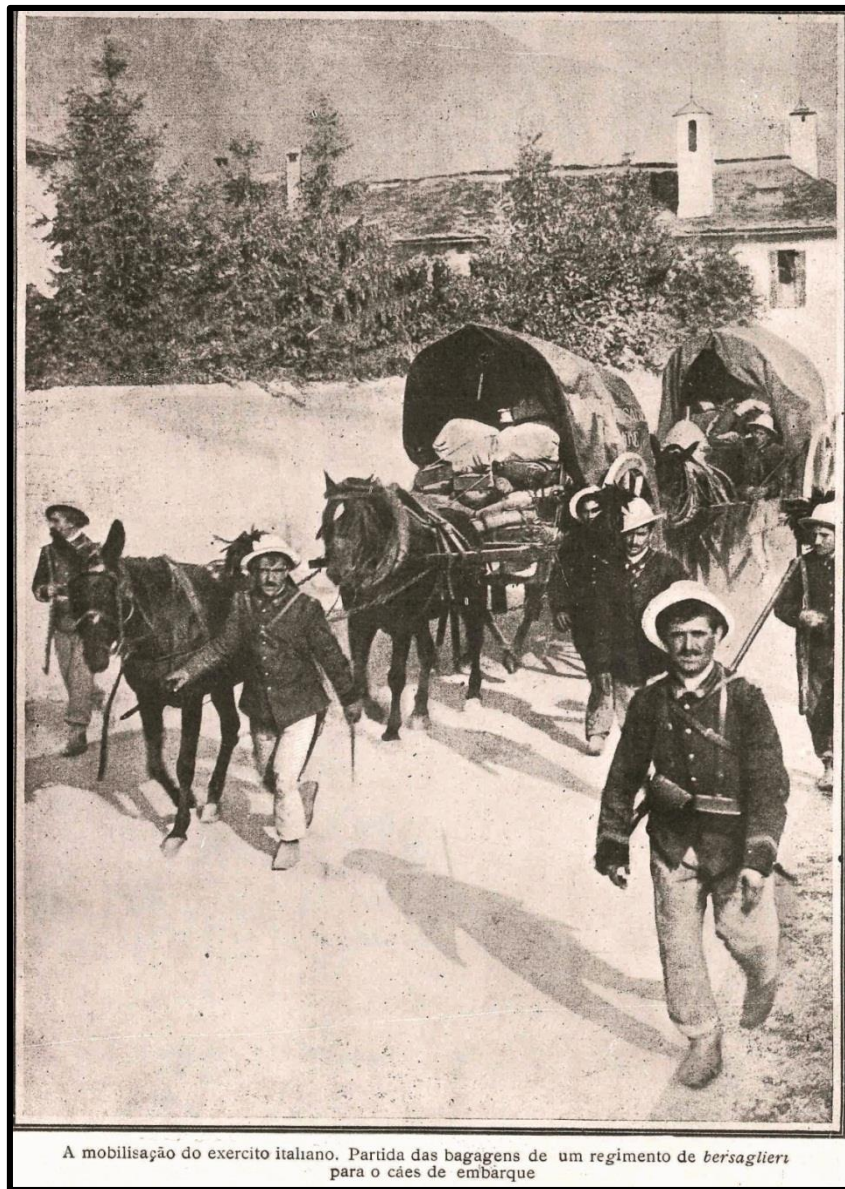
DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



O porto de Preveza, aberto no littoral turco do golfo de Arta. O primeiro bombardeado pela esquadilha do duque dos Abruzzos, na vespera da declaração de guerra.

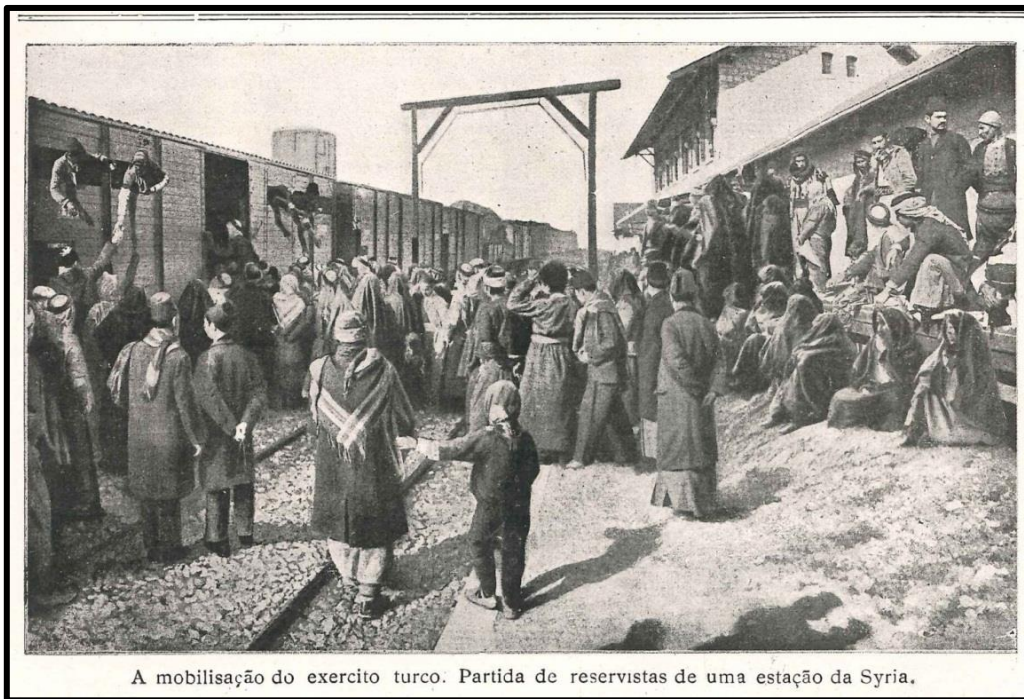


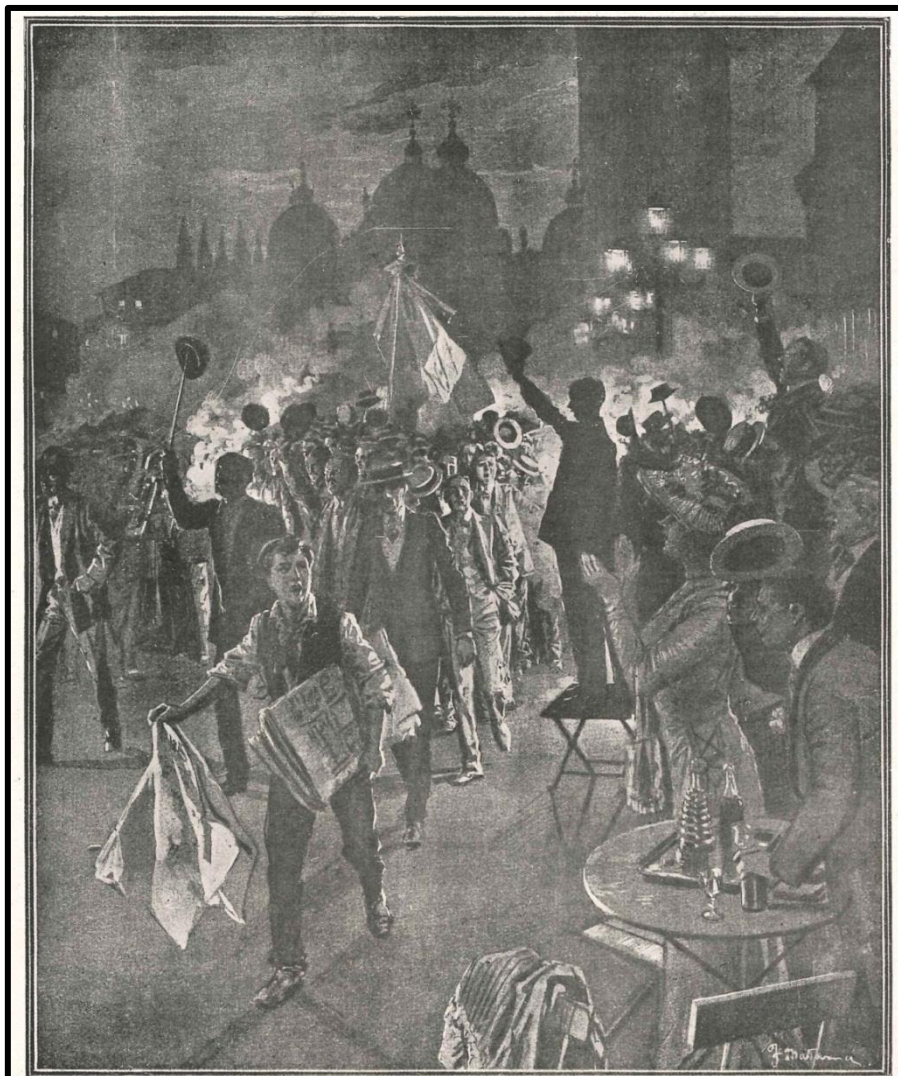
Uma companhia turca em marcha.



A mobilização do exercito italiano. Partida das bagagens de um regimento de *bersaglieri* para o câes de embarque

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA





O entusiasmo na Italia. Aspecto da praça de S. Marcos (Veneza) na noite em que chegaram as notícias da declaração de guerra.

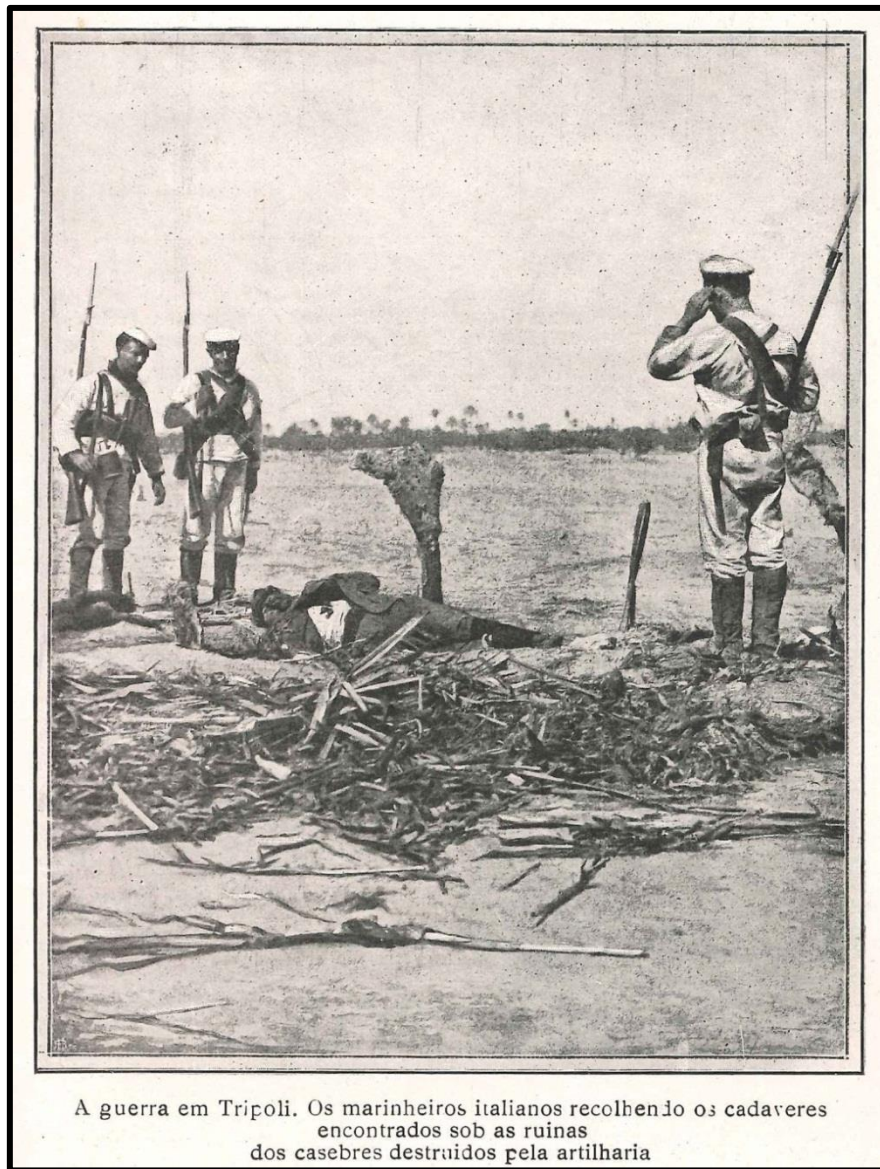
DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



A Ilustração Brasileira observava a Guerra Ítalo-Turca sob um ponto de vista conjuntural, explicando que essa “grande questão internacional parece que vai positivamente estender-se ao Mar Egeu e aos Dardanelos, ampliando consideravelmente não só o teatro da guerra como os perigos que dela podem resultar”. Considerava assim que seria “muito possível que a iniciativa da Itália, ocupando militarmente a Tripolitânia e a Cirenaica”, constituísse “apenas o início de um conflito muito maior, oferecendo ensejo a todos os Estados que têm pertencido à herança do ‘Homem doente’”. Apontava ainda que havia “outro problema muito mais grave”, ao explicitar que “o sultão da Turquia dispõe também do poder espiritual”, pois “é o papa de todos os muçulmanos”, de modo que poderia “apelar para seu poder religioso” em busca de mobilização. Citava que, por outro lado, “a Turquia tem inimigos por todos os lados, ou pelo menos está cercada de ambições perigosas”, detalhando o complexo “*status quo* nos Balcãs”. Em termos iconográficos, a magazine mostrava militares italianos recolhendo cadáveres e desembarcando em Trípoli, bem como a chegada de prisioneiros e refugiados turcos a Nápoles, uma granada italiana que caíra sem rebentar, trincheiras italianas nas proximidades de Trípoli e granadas da artilharia turca que caíram sem explodir⁸³.

⁸³ A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 1º dez. 1911.

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



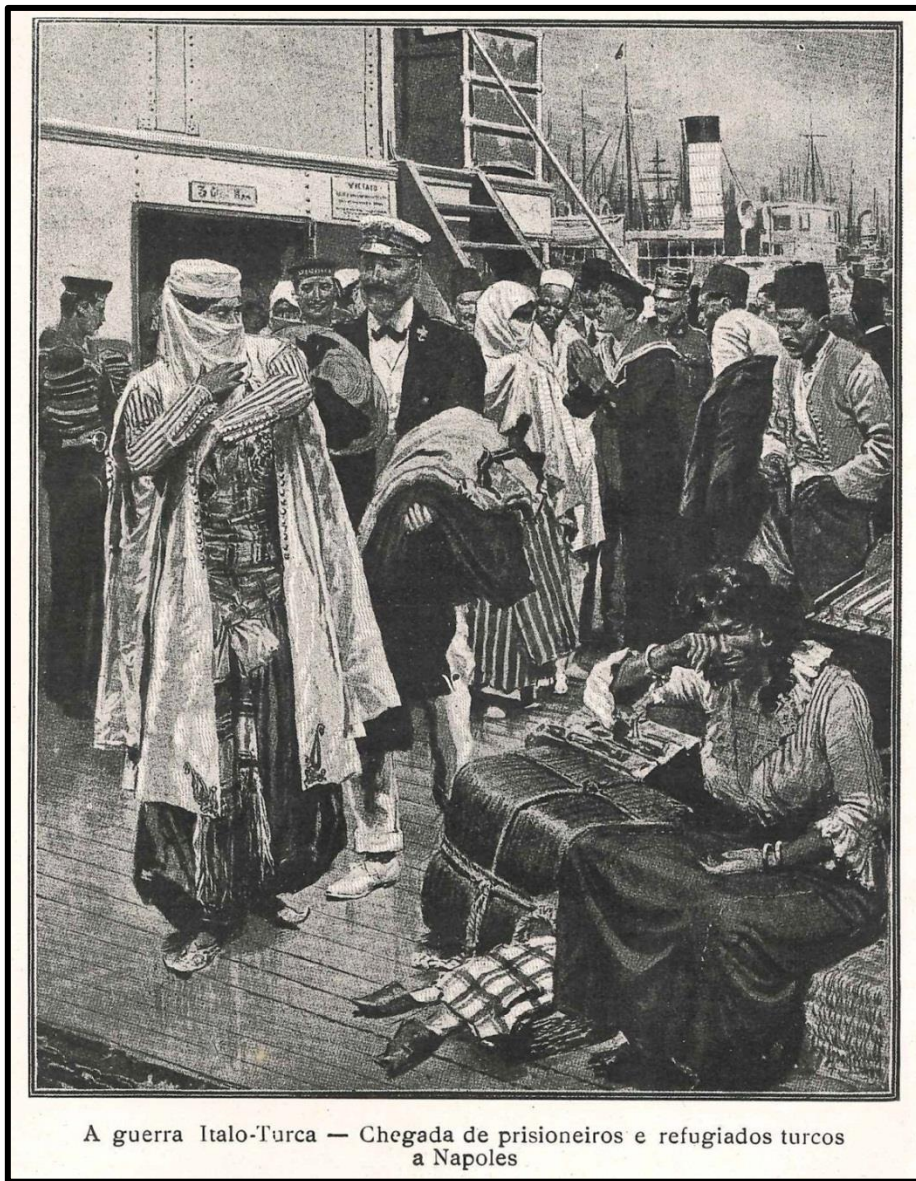


Bersaglieri desembarcando em Tripoli
com uniforme especial de campanha africana.

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



Granada italiana de grosso calibre, que cahiu
sem rebentar



A guerra Italo-Turca — Chegada de prisioneiros e refugiados turcos a Napoles

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA

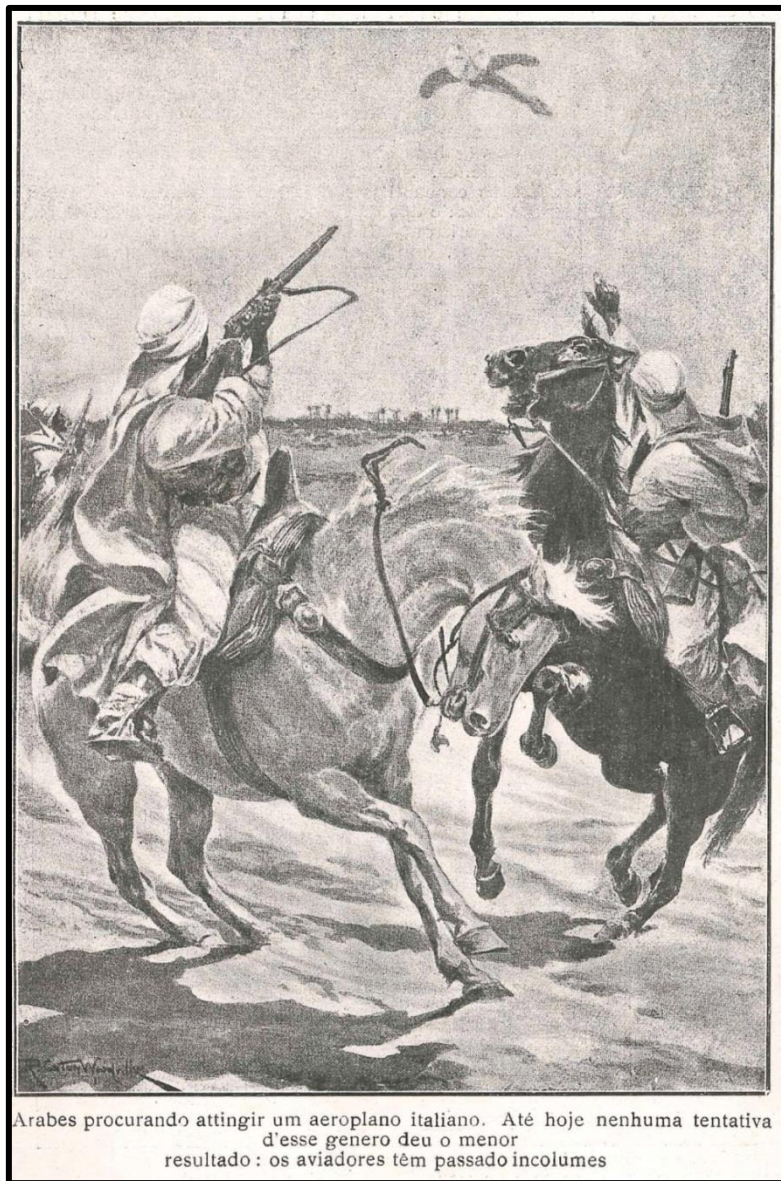


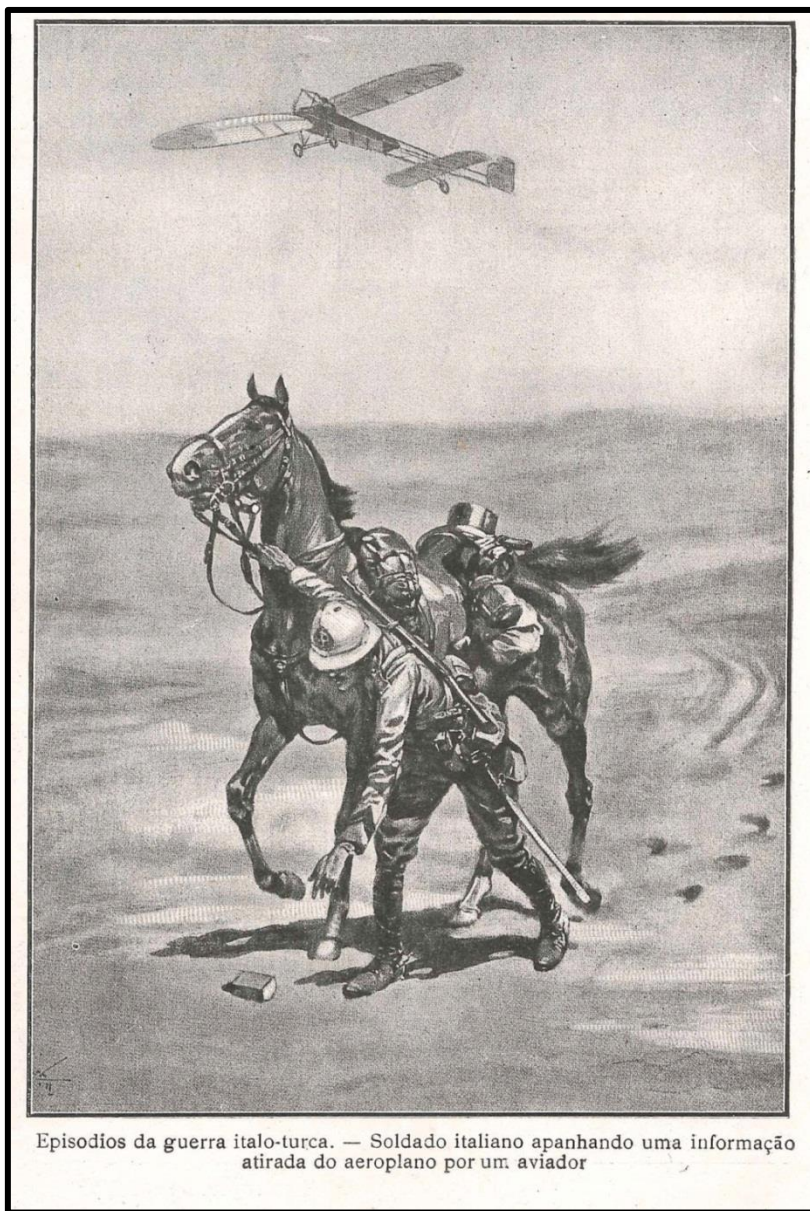
Em mais uma edição, a revista ilustrada carioca realizava uma análise acerca da Itália, explanando sobre “as formas de expansão italiana” e “o que a Itália procura na Tripolitânia”. Nesse sentido, explicava que faltava aos latinos “uma verdadeira colônia próxima da metrópole, de acesso fácil e para a

utilização de seus capitais”, de modo que a Tripolitânia, uma espécie de “prolongamento da Sicília” cumpriria muito a contento tal papel, vindo o país europeu a poder “dar a esse território vitalidade e tirar dele grandes recursos”. A parte imagética demonstrava cabalmente as enormes diferenças das forças em guerra, com os italianos combatendo em aviões, ao passo que os adversários montavam cavalos, de modo que o uso da aviação pelos europeus no confronto bélico também esteve em destaque. Igualmente aparecia o lado obscuro e hediondo da guerra, com os registros da repressão promovida por italianos, com cenas de vários fuzilamentos de inimigos, além do aprisionamento de mulheres e o pânico da população local diante da chegada dos invasores europeus. Houve ainda atenção para a movimentação de tropas italianas e até para a curiosidade de italianos recolhendo projeteis, indiferentes ao fogo cruzado⁸⁴.

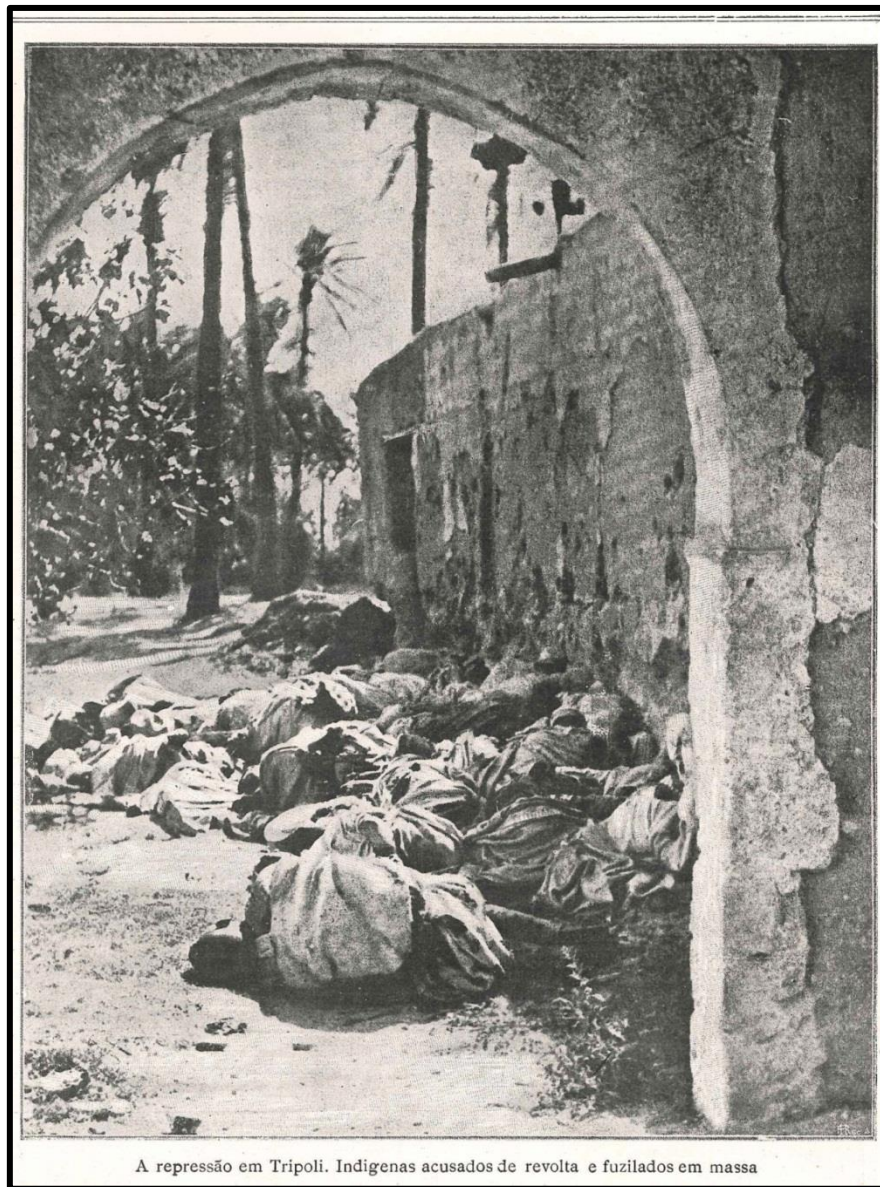
⁸⁴ A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 16 dez. 1911.

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



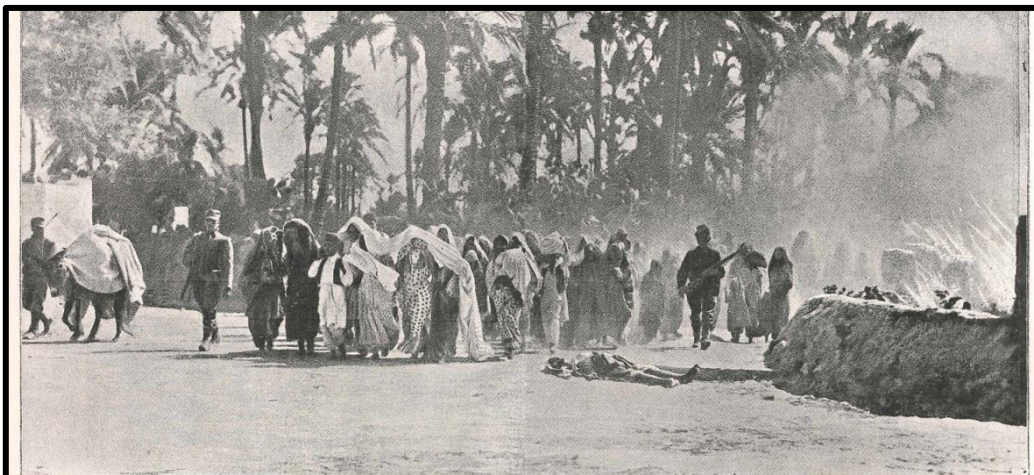


DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA

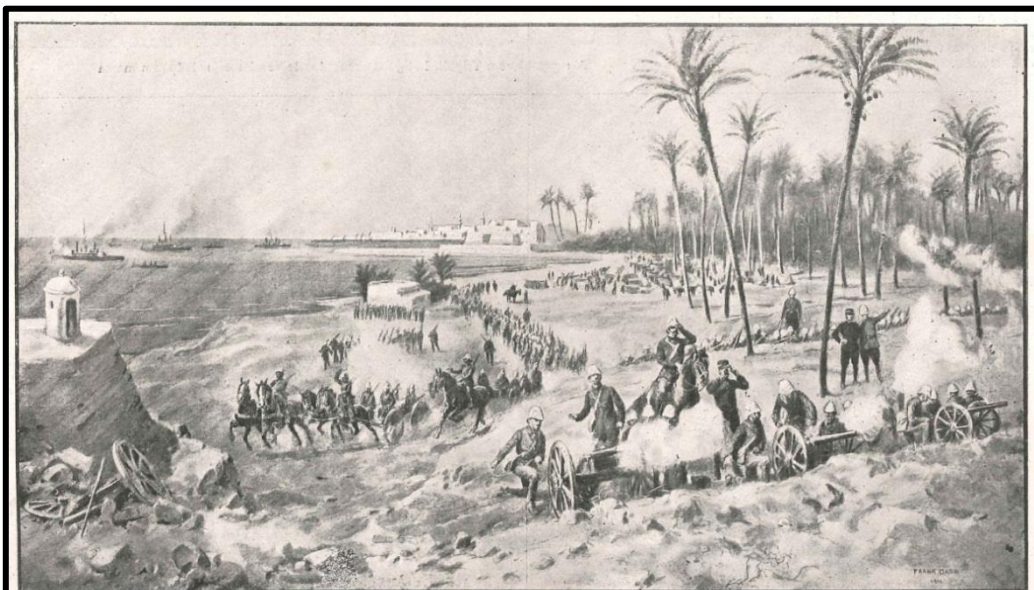


A repressão em Trípoli. Indígenas acusados de revolta e fuzilados em massa

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



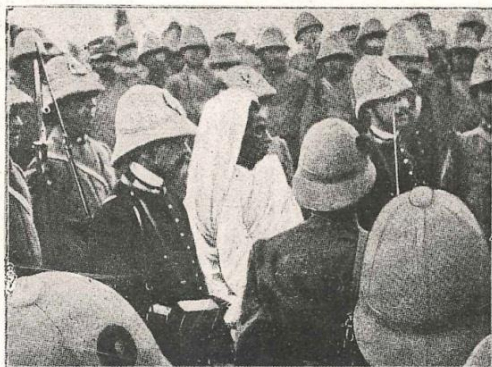
As mulheres dos oasis arabes aprisionadas pelos italianos e trazidas para Tripoli, tiveram que passar deante dos cadaveres de seus pais, irmãos e maridos, cahidos pelo caminho



As tropas italianas occupando com artilharia os oasis dos arredores de Tripoli.

EPISODIO DA GUERRA ITALO-TURCA

UM FUZILAMENTO DE ARABES, QUE AS TROPAS ITALIANAS CONSIDERARAM ESPÍOES



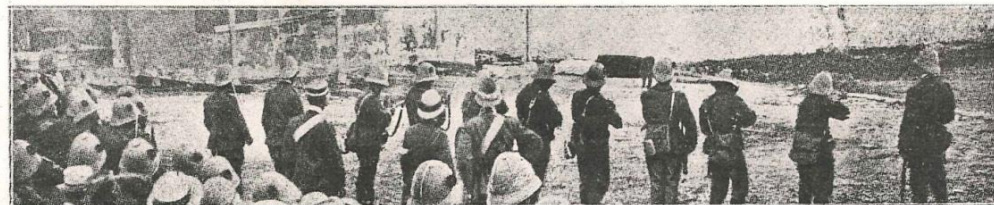
Accusados de terem feito fogo sobre um soldado italiano, os arabes foram conduzidos perante um conselho de guerra.



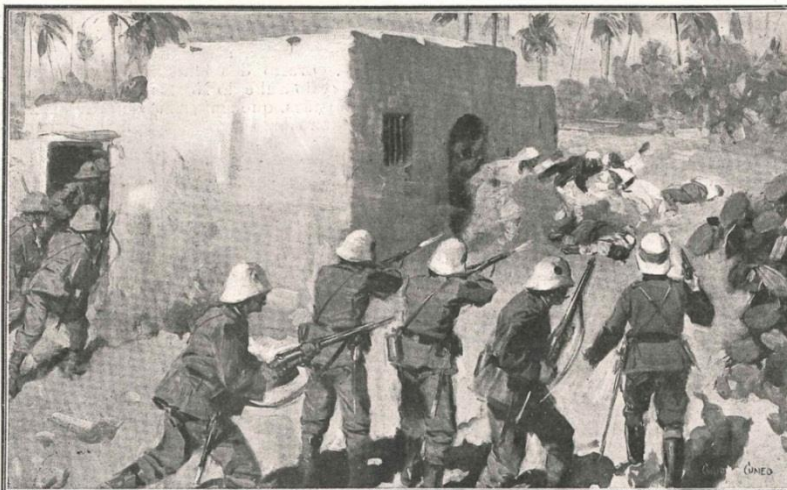
Condennados com o testemunho de uma creança de 8 annos, por intermedio de interpretes, foram immediatamente conduzidos para deante de um muro.



A' primeira descarga os arabes cahiram



Mas foi ordenado ainda tiro á vontade sobre os corpos cahidos



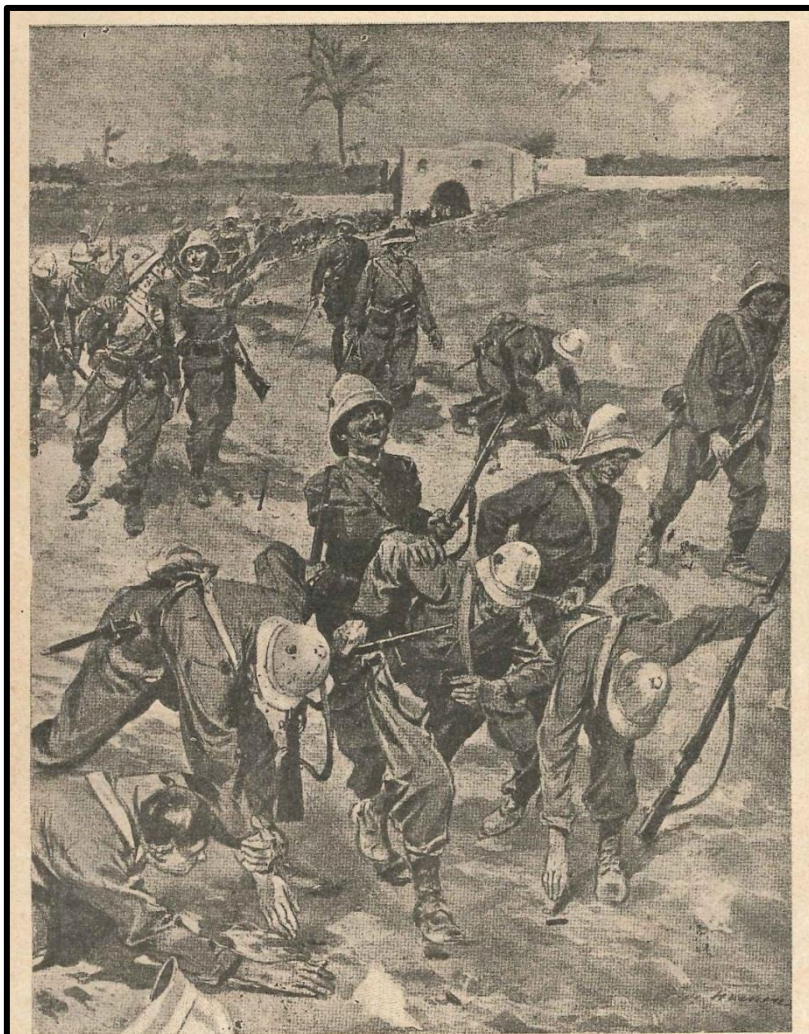
A repressão em Trípoli. Os italianos invadem uma casa por um lado e fuzilam os arabes que sahem pelo outro lado



O pânico da «Segunda-feira negra» em Trípoli.—Os que não tomavam parte no combate davam busca pelos consulados no quartelão europeu da cidade; quando os arabes do suburbio surgiram e juntando-se aos turcos houve matança desordenada pelas ruas, apesar dos esforços dos officiaes para evital-a.

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA





A INDIFFERENÇA DOS ITALIANOS DIANTE DO PERIGO — APANHAM AS BALAS
DO INIMIGO COMO RECORDAÇÃO
Entre dous fogos, o dos arabes e o dos turcos, os soldados italianos colhem
as balas e cartuchos
que cahiam sobre a areia, divertindo-se como creanças

Já nas proximidades da época da pacificação, *A Ilustração Brasileira* ainda mostrava cenas da guerra, como o desembarque e um parque destinado a automóveis militares utilizados pelos italianos. Mais uma vez observando o cenário internacional, a revista previa que “a Turquia, alarmada com a atitude dos pequenos estados da península balcânica, procura firmar a paz com a Itália”, vindo a abdicar “dos seus direitos sobre as províncias da África”⁸⁵. Em um novo “Correio da Europa”, o periódico demarcava que “a agitação nos Bálcãs é sem dúvida o assunto predominante do dia”, passando a descrever detalhadamente a complexa situação em tal região, demarcando o claro prejuízo para os interesses turcos⁸⁶. Alguns cenários do embate turco-italiano continuavam a ser divulgados, como a presença de tropas em um oásis e o uso de um balão de vigilância. Aparecia ainda o registro da assinatura de paz por parte dos representantes turcos e a notícia de que, firmada a paz, “a Turquia evacuou Trípoli e a Itália realizou a mais larga das suas aspirações com a anexação do vasto país africano”, diante do que não haveria “mais causa para derramamento de sangue”, aparecendo “um novo campo de ação aberto à atividade e à capacidade de trabalho dos latinos”⁸⁷. Também foi divulgada a fotografia dos ministros italianos assinando a paz e outra com os soldados latinos apressando-se “em fortificar toda a posição conquistada”⁸⁸.

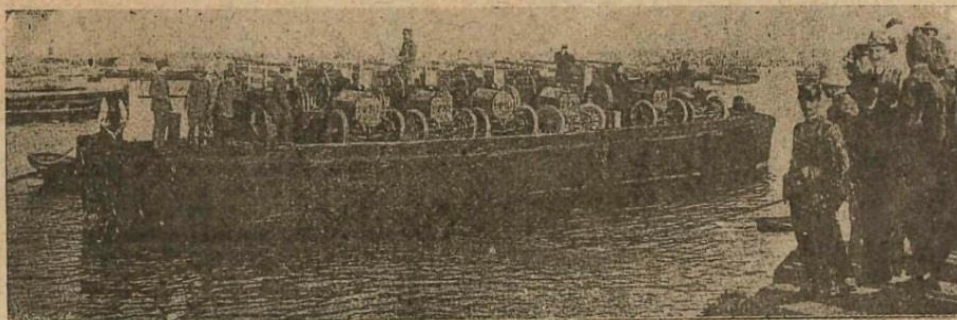
⁸⁵ A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 16 out. 1912.

⁸⁶ A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 1º nov. 1912.

⁸⁷ A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 16 nov. 1912.

⁸⁸ A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 1º dez. 1912.

A GUERRA TURCO-ITALIANA



Desembarque de automoveis militares destinados ao serviço do exercito italiano



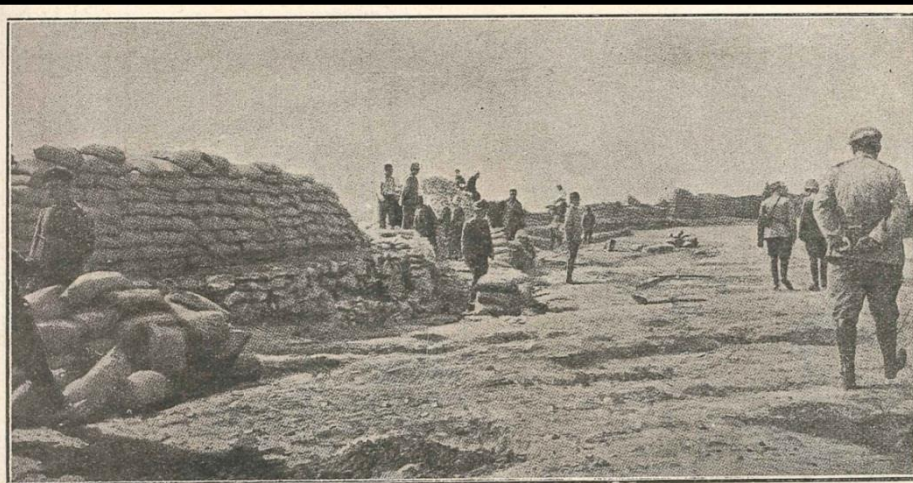
Parque de automoveis militares italianos, na Tripolitania

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA





Itália e Turquia—A paz em Ouchy, a 15 de Outubro. Os ministros italianos Fusinato, Bertolini e Volpi, assignam a acta respectiva



A guerra italo-turca — Dous dias depois da occupação de Zanzour. Os italianos apressam-se em fortificar toda a posição conquistada, servindo-se de saccos de areia

Entre 1910 e 1912, circulou em São Paulo a revista *Ilustração Paulista*, que se identificava em seu frontispício como “semanário popular de atualidades”. Tal publicação trazia em si o envolvimento com o modelo ilustrado francês, de proposta “mundana”, com um tom mais leve e ligeiro, típico das revistas ilustradas e mesmo das magazines com forte apelo comercial⁸⁹. Ao apresentar-se, o periódico questionava como a cidade de São Paulo, com “uma vida intelectual bem definida” não tivesse “ainda uma única revista do meio”, que refletia “em todos os aspectos da sua fecunda, acelerada” e “irradiante atividade”. Argumentava que a imprensa paulistana possuía quantidade significativa de edições especializadas, mas sem “uma só revista – revista”, ou seja, “uma revista geral”, que tivesse como “único e grande objetivo indivisível a vida da cidade e do Estado”. Visava assim a constituir, “acima de quaisquer instituições, o espelho e o expoente da vida em São Paulo”, e “uma revista de informação e de comentário leve”, contando com “períodos leves e ilustrações copiosas”. Anunciava como seus conteúdos fundamentais, a “reportagem geral e fotográfica”, bem como a “colaboração artística, zelosamente escolhida e literária, em que alguns nomes mais caros ao público se revezarão para regalo dos leitores”⁹⁰. Pretendia assim “mimosear semanalmente os leitores com uma revista à altura de sua cultura e dos progressos de São Paulo”⁹¹. Na mesma linha, o escopo da publicação seria o de “implantar em São Paulo uma revista ilustrada verdadeiramente popular”, oferecendo uma magazine “repleta de atraentes

⁸⁹ MARTINS, 2008, p. 92.

⁹⁰ ILUSTRAÇÃO PAULISTA. São Paulo, 22 out. 1910.

⁹¹ ILUSTRAÇÃO PAULISTA. São Paulo, 21 out. 1911.

novidades, em que sempre sobressaem os ativos trabalhos da nossa inigualável, insuperável, invejável reportagem fotográfica”⁹².

Sobre o confronto bélico turco-italico, a *Ilustração Paulista*, sob o título “Bilhetes do Bom Retiro”, publicou um chistoso texto que equivaleria a uma correspondência escrita em italiano. A carta afirmava que a Itália declarara guerra à Turquia pela questão de Trípoli, havendo a necessidade de fornecer uma “explicação completa” aos leitores sobre o ocorrido. Em tom de gracejo, ficava expresso que “Trípoli é uma pequena cidade de mascates, pertencente ao Império Otomano”, o que equivaleria ao “império onde vivem as pessoas que usam oito mãos”, ou seja, “*otto mani*”, em italiano, trazendo uma espécie de corruptela. Diante de tal situação, segundo o “bilhete”, como todos os cidadãos italianos possuíam apenas duas mãos, o seu rei se viu na necessidade de declarar a guerra, por não aceitar “aquela superioridade”. A correspondência expressava ainda que chegara a haver uma tentativa de negociação comercial pela posse da região da Tripolitânia, a qual teria sido infrutífera, levando o soberano italiano a atacar o país dos “*otto mani*”⁹³.

Em caricatura denominada “Itália – Turquia”, a revista paulistana mostrava dois habitantes do norte da África, mais especificamente do Marrocos, que vinha enfrentando o assédio das potências europeias, e de Trípoli, pretendida pela Itália, o qual denunciava a violência promovida contra si, ao

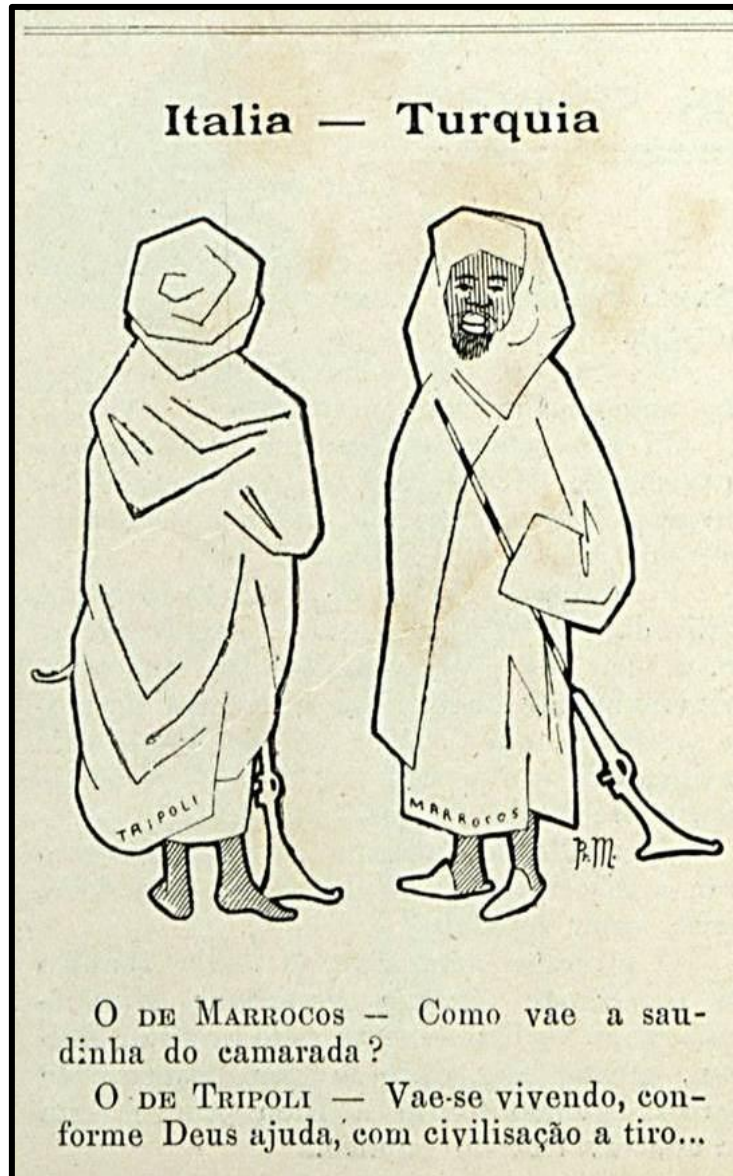
⁹² ILUSTRAÇÃO PAULISTA. São Paulo, 28 out. 1911.

⁹³ ILUSTRAÇÃO PAULISTA. São Paulo, 2 dez. 1911.

revelar que vivia com a ajuda de Deus e “com civilização a tiro”⁹⁴. Sob o título “A Guerra Ítalo-Turca (Nosso serviço especial)”, a publicação comentava chistosamente acerca do desencontro de informações – proposital ou não – quanto ao conflito, inclusive as fornecidas pelas agências de notícias – confundindo o nome de uma delas de *Havas* para *Favas*. Dizia assim que em Roma causara “sensação o fato de terem alguns jornais paulistas publicado uma lista de mortos e feridos das tropas italianas, porque esses jornais vinham mantendo o compromisso de só publicar tremendas derrotas dos turcos”. Na forma de uma “nota de redação”, o periódico argumentava que “a *Agência Favas* mandou-nos incompleto esse telegrama, dizendo apenas: ‘Escândalo publicação feridos mortos italianos’”, de modo que, “como o público vê, o nosso serviço especial é muito superior ao da *Agência Favas*, e com ele estamos gastando um *baralhão* de dinheiro”. Denunciava ainda os exageros dos comunicados impressos, como no caso dos jornais de Milão, que “comunicam do teatro da guerra que foi encontrado um regimento turco escondido dentro de um saco de farinha”, e “o regimento estava apavorado com os voos de aeroplano”, dentro do qual “viajavam 2.000 soldados italianos”. Em nota, concluía que “até a hora de fecharmos o expediente, não nos tinham chegado outros carapetões do mesmo tamanho”⁹⁵.

⁹⁴ ILUSTRAÇÃO PAULISTA. São Paulo, 21 out. 1911.

⁹⁵ ILUSTRAÇÃO PAULISTA. São Paulo, 28 out. 1911.

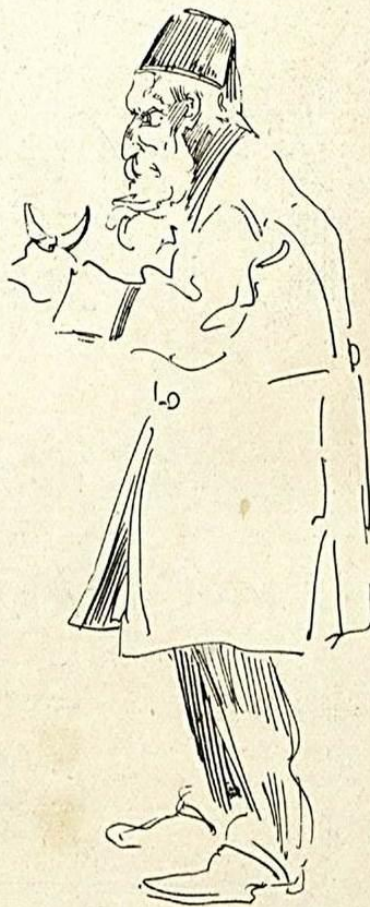


Outra caricatura apresentada pela *Ilustração Paulista*, intitulada “Em Trípoli”, mostrava um governante turco reclamando da situação vivida em seu país, cercado de inimigos, de modo que seria melhor migrar para o Brasil para atuar como mascate, destino bastante comum para os imigrantes de tal nacionalidade que se mudaram para os trópicos. Diante tal situação, o personagem afirmava: “Decididamente, já não se pode ser mais paxá nesta terra; vou mascatear em São Paulo, que é mais seguro!...”⁹⁶. Brincando com o sotaque dos integrantes da colônia turca no Brasil, geralmente vinculados às lides comerciais, o periódico publicava “*B’ra Dribol’*”, a qual se referia ao esforço de guerra dos otomanos, com a presença de um mascate que, sem deixar de carregar às costas seus produtos de vendedor, empunhava uma espingarda e marchava para o norte da África, uma vez que “o sultão, vendo-se em apuros, mandou chamar os reservistas...”⁹⁷.

⁹⁶ ILUSTRAÇÃO PAULISTA. São Paulo, 28 out. 1911.

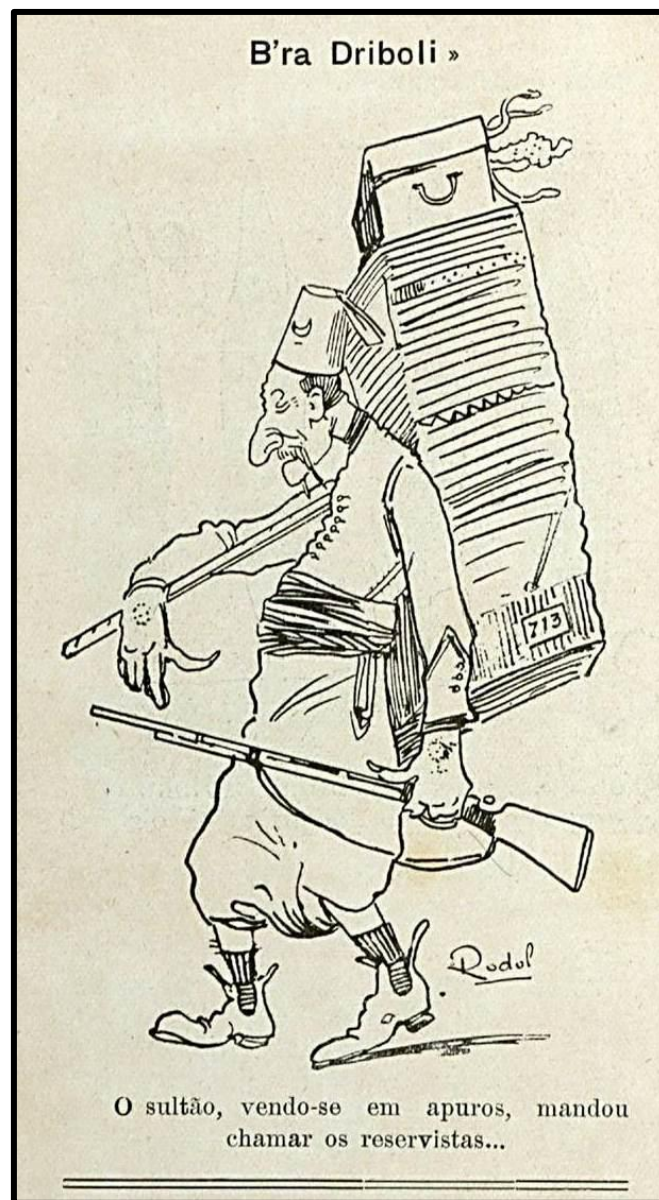
⁹⁷ ILUSTRAÇÃO PAULISTA. São Paulo, 18 nov. 1911.

EM TRIPOLI



— Decididamente, já não se pode ser mais pachá nesta terra; vou mascatear em S. Paulo, que é mais seguro!...

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



Mais uma vez realizando uma crítica interna ao próprio jornalismo, a publicação ilustrada divulgava por meio de gravura duas “Versões sobre a guerra”, uma delas apontando para vitórias absolutas dos italianos, enquanto a outra apresentava a versão diametralmente oposta. Nesse sentido, destacava um “telegrama de um jornal que *torce* pelos italianos”, o qual dizia que “no último combate travado próximo a Trípoli, morreram todos os turcos”; ao passo que a correspondência de um outro “jornal, que *torce* pelos turcos”, dizia que, “no último combate travado próximo a Trípoli, foram dizimadas todas as forças italianas”⁹⁸. Ainda no campo caricatural, a folha paulista trazia a conversa de dois indivíduos, “Em Constantinopla”, que comentavam a superioridade italiana no conflito bélico, no qual a derrota parecia certa, diante do que só haveria “um remédio”, ou seja, “Chamar João Francisco”, em alusão à expressão metafórica de fundo religioso, relacionada a lançar mão do recurso àquele que veio de longe, trazendo consigo as graças divinas. Em outra ilustração carregada de ironia, em referência à “paz universal”, um indivíduo observava quadro marcado pelas tantas guerras que tomavam conta do mundo à época, tecendo a consideração de que aquilo seria “o fim do mundo, sem dúvida alguma”⁹⁹. A ausência de edições da *Ilustração Paulista* nos meses finais de 1912 inviabilizava a observação de suas perspectivas quanto à pacificação do enfrentamento entre turcos e italianos.

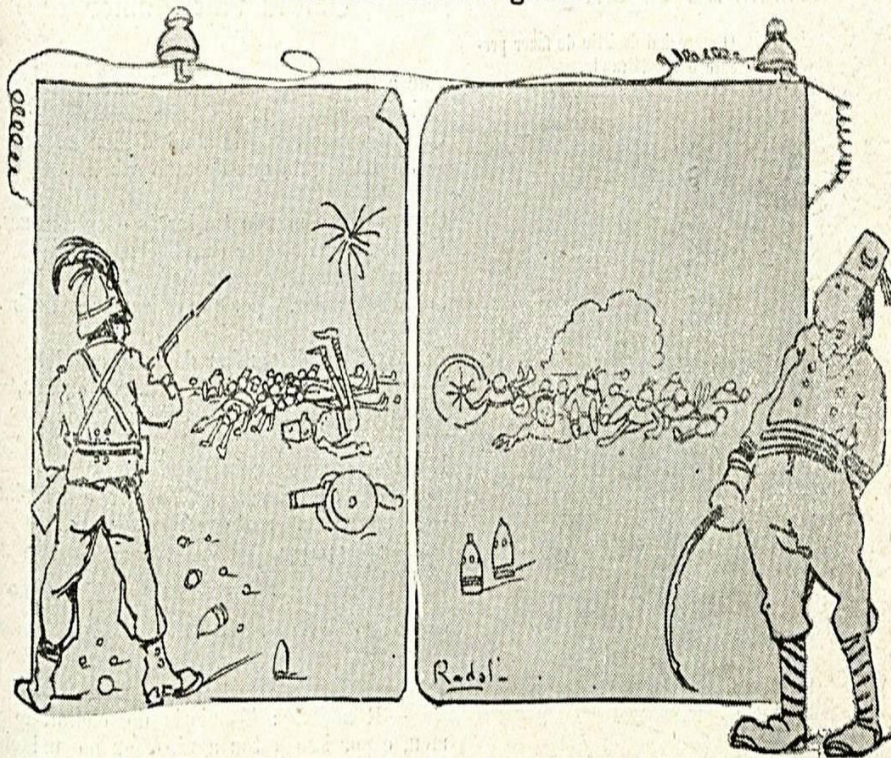
⁹⁸ ILUSTRAÇÃO PAULISTA. São Paulo, 18 nov. 1911.

⁹⁹ ILUSTRAÇÃO PAULISTA. São Paulo, 23 dez. 1911.

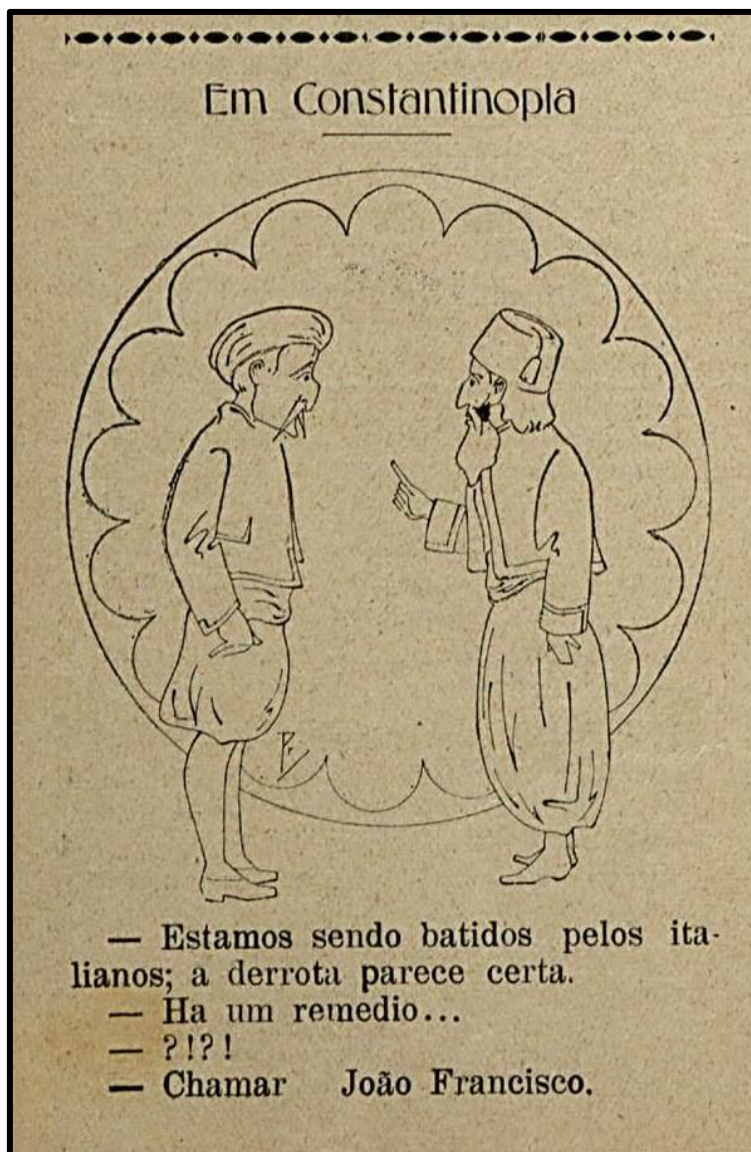
DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA

ILUSTRÇÃO PAULISTA

Versões sobre a guerra



- I. — Telegramma de um jornal que *torce* pelos italianos: — «Roma, 17 — No ultimo combate travado proximo a Tripoli, morreram todos os turcos».
- II. — Idem de um jornal que *torce* pelos turcos: — «Constantinopla, 17 — No ultimo combate travado proximo a Tripoli, foram dizimadas todas as forças italianas».





Ainda no conjunto desses periódicos esteve *O Pirralho*, editado na capital paulista entre 1911 e 1918, que se autodenominava no frontispício de “semanário ilustrado de importância... evidente”. Era um humorístico, social e político, além de literário, que trazia em suas páginas forte espírito satírico, ao criar admiráveis bonecos caricaturais¹⁰⁰. Fazia a linha da abordagem do artemundano e da política, iniciando com jornalismo panfletário, vindo a “literarizar-se”¹⁰¹. Como jornal satírico, teve relevância no cenário político ao manter o espírito da Campanha Civilista, uma das rupturas oligárquicas que antepôs Rui Barbosa a Hermes da Fonseca, na disputa pela Presidência da República. A folha teve alguma vocação modernista, sendo dirigida por um dos próceres do movimento, Oswald de Andrade, e contando com colaborações de integrantes do mesmo¹⁰². Seu perfil era o do jornalismo cultural, colocando em destaque a vida artística e cultural, tendo um espectro temático amplo, com seções sobre teatro, cinema e crítica literária. Também se notabilizou pela crônica de costumes, trazendo ainda o humor com muita verve e revelando uma vertente crítica¹⁰³.

A redação da folha dizia que “*O Pirralho* é uma crila inteligente e, sobretudo, moderno”, que “de política entende pouco”, tendo “birra do Hermes”¹⁰⁴. Quanto à sua oposição ao avanço do militarismo, afirmava, em tom figurado,

¹⁰⁰ SODRÉ, 1999. p. 299 e 344.

¹⁰¹ MARTINS, 2008, p. 156 e 453.

¹⁰² PILAGALLO, 2012. p. 74.

¹⁰³ ELEUTÉRIO, 2008. p. 99.

¹⁰⁴ O PIRRALHO. São Paulo, 12 ago. 1911.

como se fosse a criança que inspirava seu título, que era “civilista porque tem medo de soldado”¹⁰⁵. Definia-se como um “trocista”, que “pôs em polvorosa a *alta mediocridade* da Pauliceia”, atacando também críticos teatrais, políticos, juristas, médicos, jornalistas e acadêmicos. Demarcava que, “sempre a rir, tinha “em uma das mãos a pena, que fere, rasga a epiderme e cavouca a medula” e, “na outra o lápis do caricaturista, que, ridiculizando, pôs em atitudes de momo os magnatas da política”¹⁰⁶. Mantendo a inspiração demarcada por seu título, o periódico garantia que haveria “de ser eternamente o peralta endiabrado, que, destemido e valente, atira pedras aos néscios e malvados e, quando não pode machucá-los, faz caretas que provocam ódios de morte”. Dizia ser “sempre temido pelos politiquinhos ineptos e sujos, pelos artistas de fancaria e pelos literatos de meia tigela, que, infelizmente, nesta terra não raro são incensados”¹⁰⁷.

Uma das primeiras inserções acerca do confronto turco-italiano por parte de *O Pirralho* aparecia na sua capa, na qual dois representantes das respectivas colônias de cada um dos países se enfrentavam tête-à-tête. A redação do periódico também cumprimentou um jornalista italiano que atuava em São Paulo, “socialista ardente e sincero”, por sua “nobilíssima atitude na questão ítal0-turca”, tendo “atacado com desassombro raro e terrível sarcasmo a política fanfarrona e ridícula” do governo italiano. Com base no humor, a publicação

¹⁰⁵ O PIRRALHO. São Paulo, 2 set. 1911.

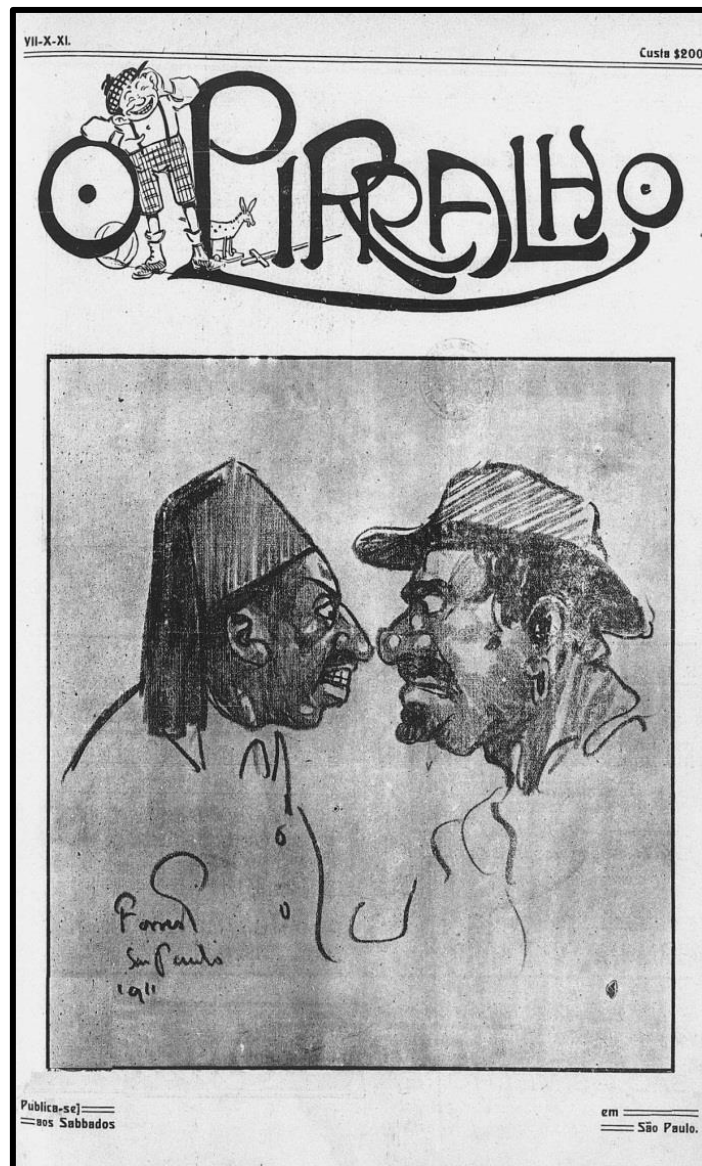
¹⁰⁶ O PIRRALHO. São Paulo, 3 ago. 1912.

¹⁰⁷ O PIRRALHO. São Paulo, 16 ago. 1913.

Paulista editava em suas páginas "*O Biralha*", ou seja, um "*xornal allemong*", cujas matérias eram redigidas com um forte sotaque germânico, como no caso da caricatura "*O guerres Idalo-Durgo*", em que se encontravam dois comerciantes, um deles italiano que oferecia macarrão ao outro, por este estar fraquinho, enquanto o turco, em contrapartida, fazia a oferta de um sabonete para que providenciasse um banho, de modo a aliviar sua sujeira. Na mesma edição, a folha mostrava "os dois pândegos", com os retratos caricaturados dos governantes de Turquia e Itália. Sob o título "*L'enfant terrible*", *O Pirralho* tecia críticas ao imperialismo, através de caricatura prenhe em ironia, na qual as potências europeias, de armas à mão, perseguiram a representação da paz, pretendendo matar e esfolar aquele "perturbador do sossego e do progresso"¹⁰⁸.

¹⁰⁸ O PIRRALHO. São Paulo, 7 out. 1911.

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



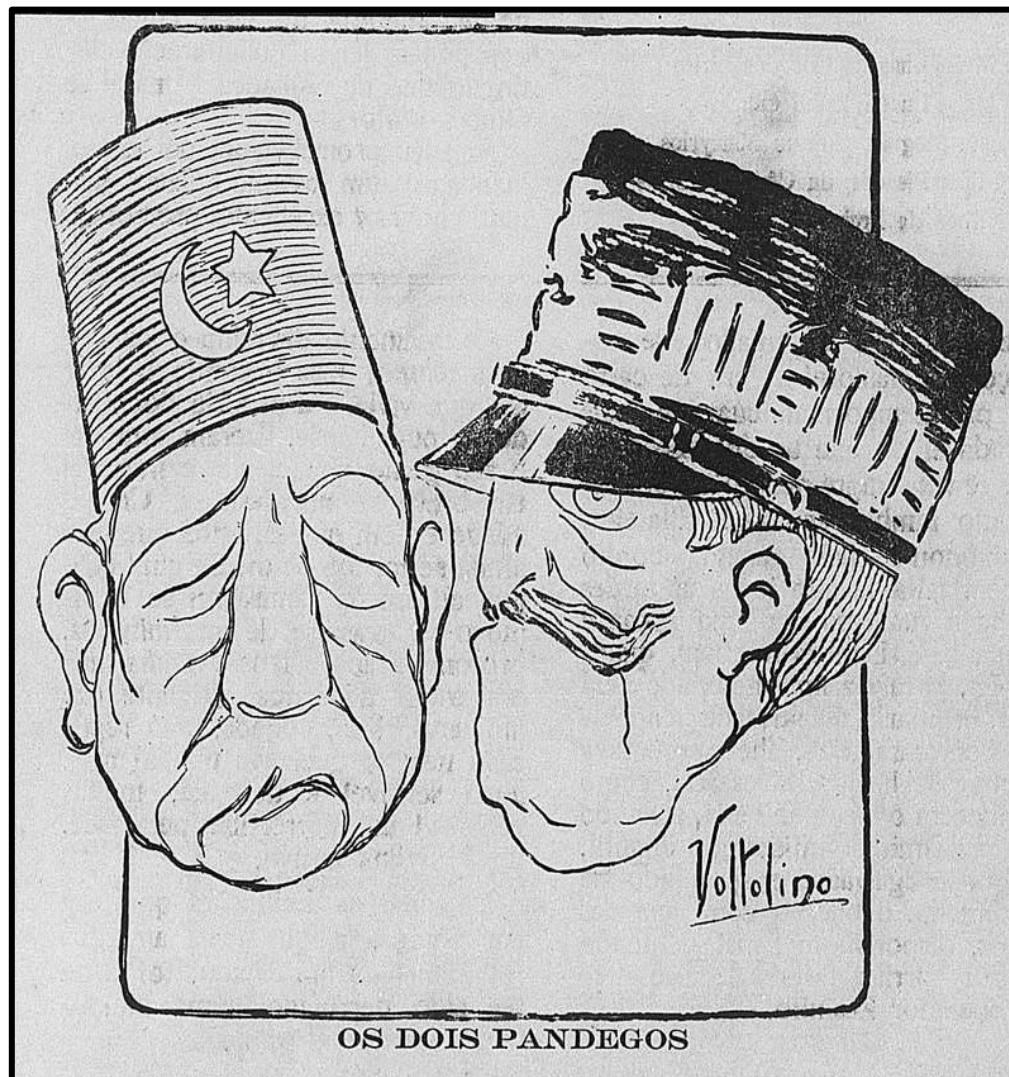
O guerres Idalo-Durgo



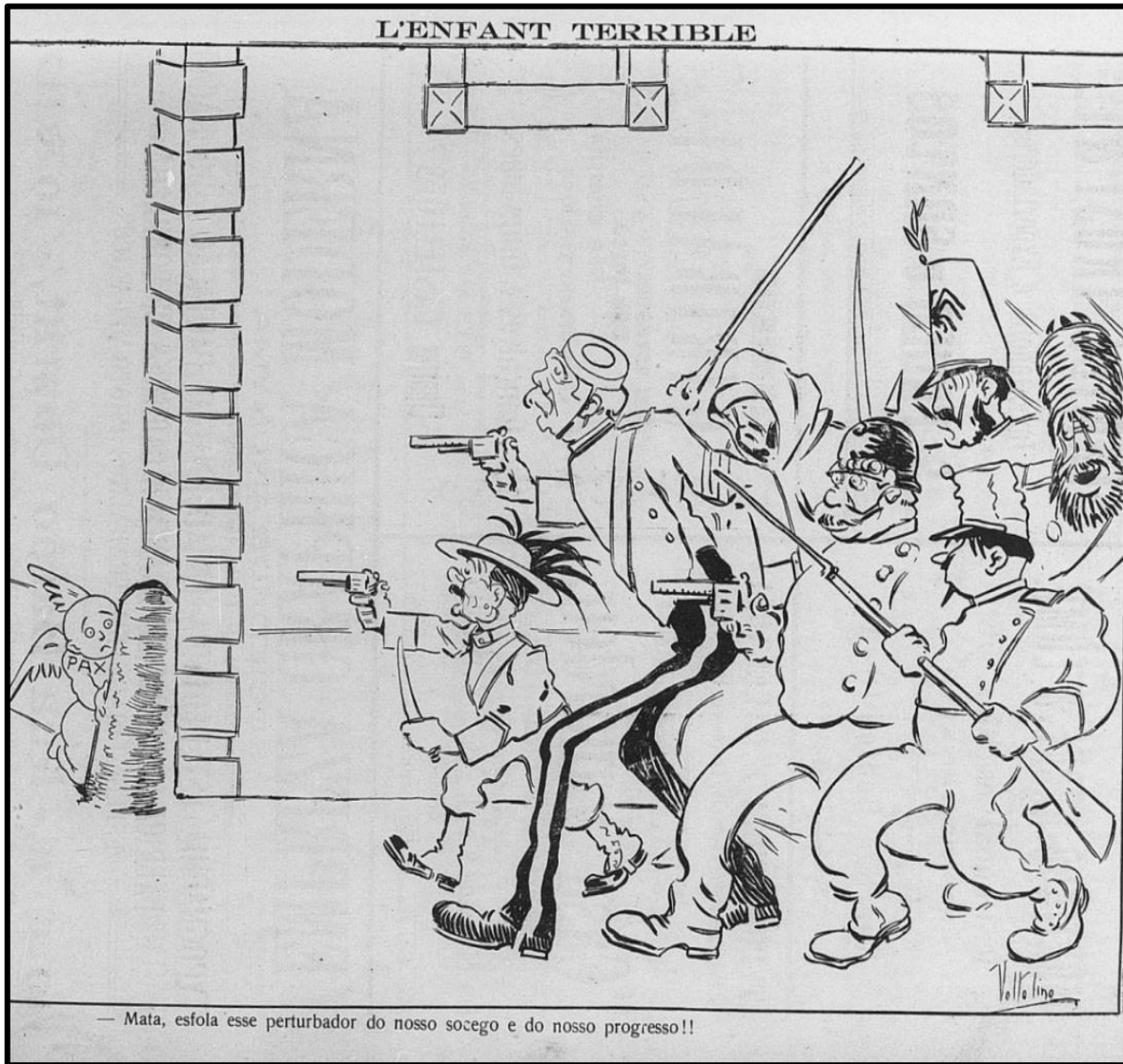
O daliano: Foze esdar bresisando gomer magarrongs borgause gue esdá muido vraguinhes!...

O durgo: Foze nong. Foze bresisa sabunede borque bresisa domar panho borque esdá borgo!..

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



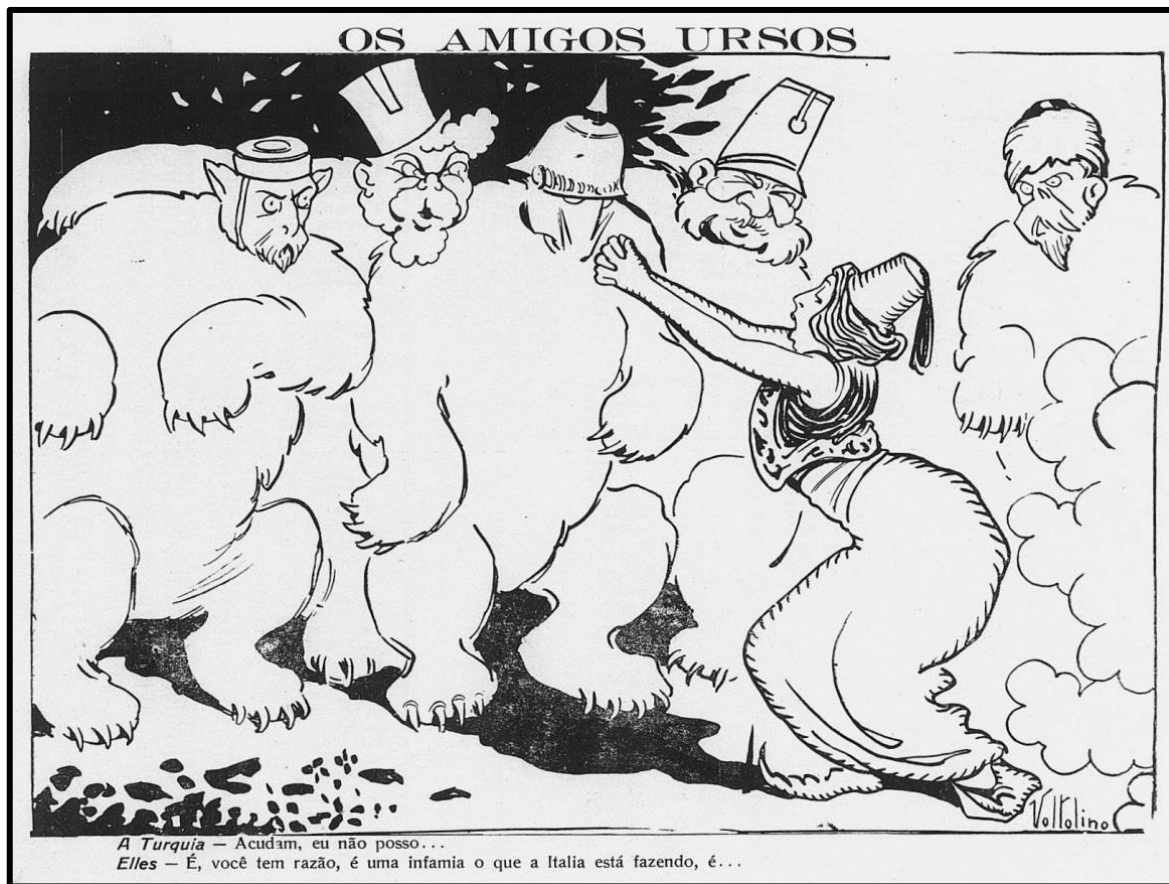
OS DOIS PANDEGOS



DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA

O suplemento de *O Pirralho*, o “*xornal allemong O Biralha*”, em tom de gracejo e abordagem nonsense, apontava para uma inimaginável “intervenção da Guatemala na Guerra Ítalo-Turca”, bem como destacava a impossível proposta de um general turco da realização de “uma briga entre um italiano e um turco para decidir equitativamente a guerra” entre os dois países. Mantendo a mesma linha, o periódico publicava uma suposta carta de membro da colônia italiana, que, em sotaque muito carregado, reclamava da cobertura da imprensa a respeito do conflito turco-italiano. Em mais uma crítica caricatural às potências europeias, eram representadas como “amigos-ursos”, ou seja, falsos e traiçoeiros, por deixarem a Turquia, que pedia ajuda, entregue à sua própria sorte perante a agressão italiana¹⁰⁹.

¹⁰⁹ O PIRRALHO. São Paulo, 14 out. 1911.

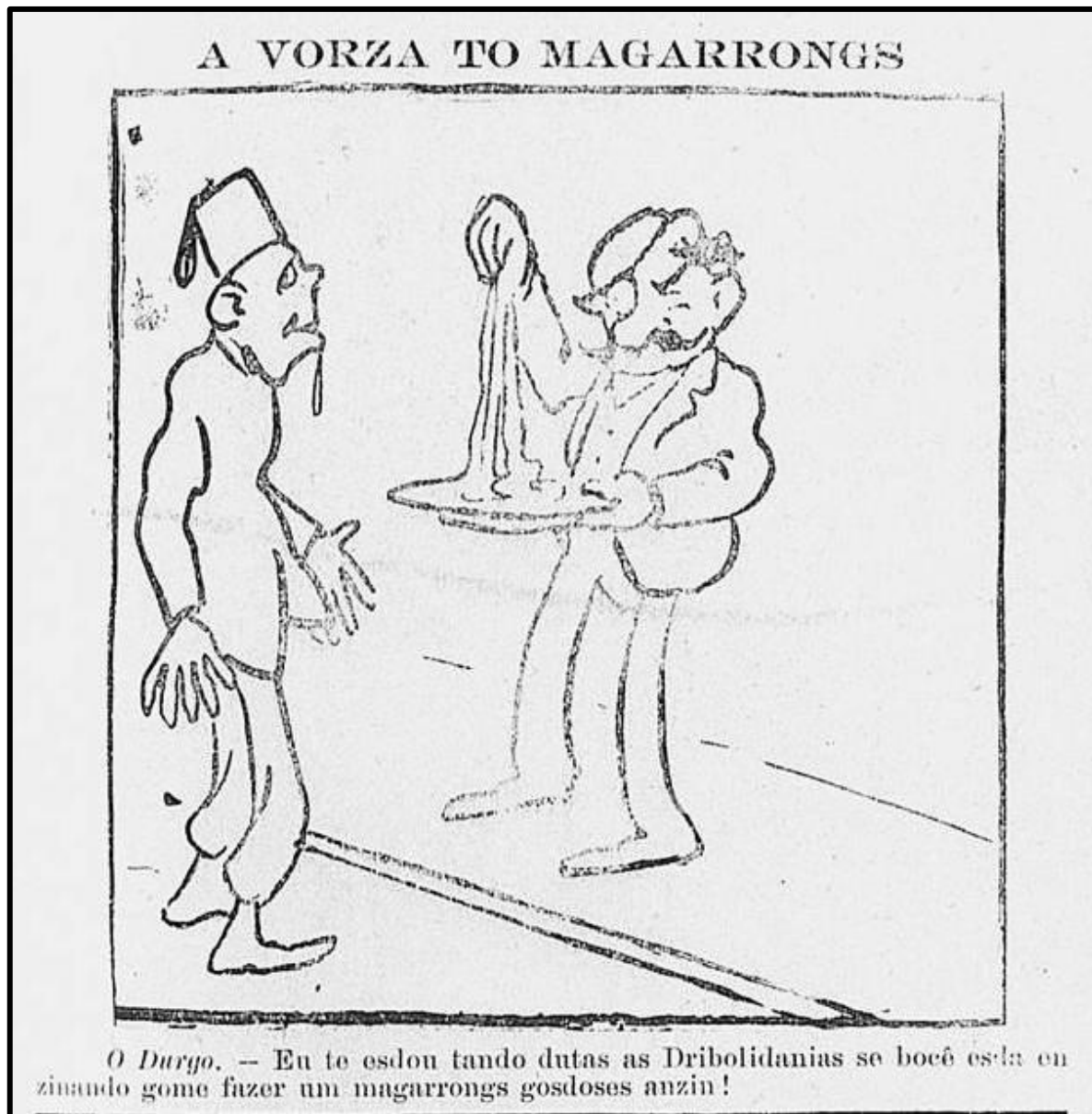


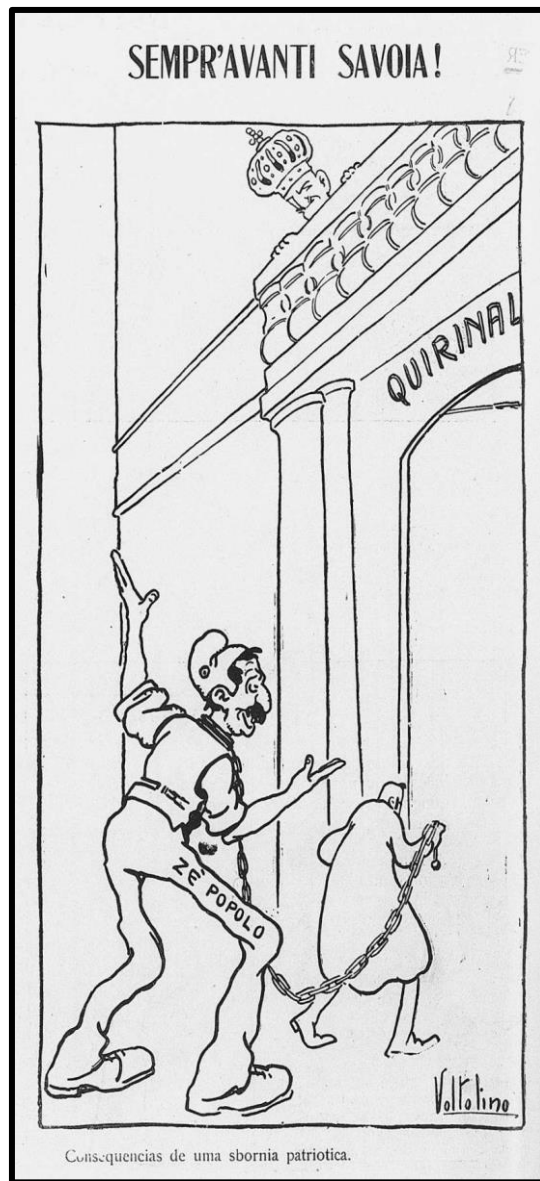
Em outra edição de "O Biralha", era divulgado que "estavam sendo formadas grandes companhias italianas para civilizar a Tripolitânia", comentando com comicidade que o mesmo deveria também ser feito em relação ao Brasil. A mesma "fonte" divulgava que fora realizada "uma grande subscrição

pública” para dotar a Turquia de uma esquadra capaz de combater os italianos, o que era tratado com galhofa, tendo em vista que tal aquisição demoraria um longo tempo para realizar-se. O “*xornal allemong*” ainda trazia duas caricaturas, nas quais, em termos absurdos, um italiano propunha trocar a Tripolitânia por uma receita de macarrão, enquanto um turco pedia calma à esquadra italiana, solicitando que ela esperasse por dois anos, para que a Turquia também pudesse obter a sua. O olhar crítico de *O Pirralho* estendia-se à Itália, cujo governo estaria acorrentando o povo, forçando-o a lutar aquela guerra, cujos custos seriam altos, surgindo como “consequências de uma esbórnica patriótica”. As transformações políticas que ocorriam à época na Turquia eram igualmente apreciadas, com uma visão censória para com os jovens turcos, quanto à falta de “valentia”, enquanto um “velho turco” negociava com o soberano italiano para tomar providências contra aqueles¹¹⁰.

¹¹⁰ O PIRRALHO. São Paulo, 21 out. 1911.







DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



Em outra carta de um integrante da colônia italiana no Brasil, mais uma vez em pesado sotaque expresso por meio da grafia, tendo em vista a política intervencionista que o Presidente brasileiro, Hermes da Fonseca, executava, surgia a proposta de que tal autoridade pública realizasse também uma intervenção junto à Turquia, como solução para o encerramento do conflito bélico¹¹¹. Por meio da caricatura “Em Trípoli”, o periódico gracejava com a disputa internacional, observando como extremamente limitadas as possibilidades de progresso trazidas pelos italianos, com a invasão perpetrada contra o norte da África, apontando para “as vantagens industriais da ocupação italiana”, considerando-as como pífias¹¹². O tom de ridicularização para o confronto permanecia em representação caricatural que se referia à estratégia italiana de distribuir água nas terras invadidas¹¹³.

¹¹¹ O PIRRALHO. São Paulo, 4 nov. 1911.

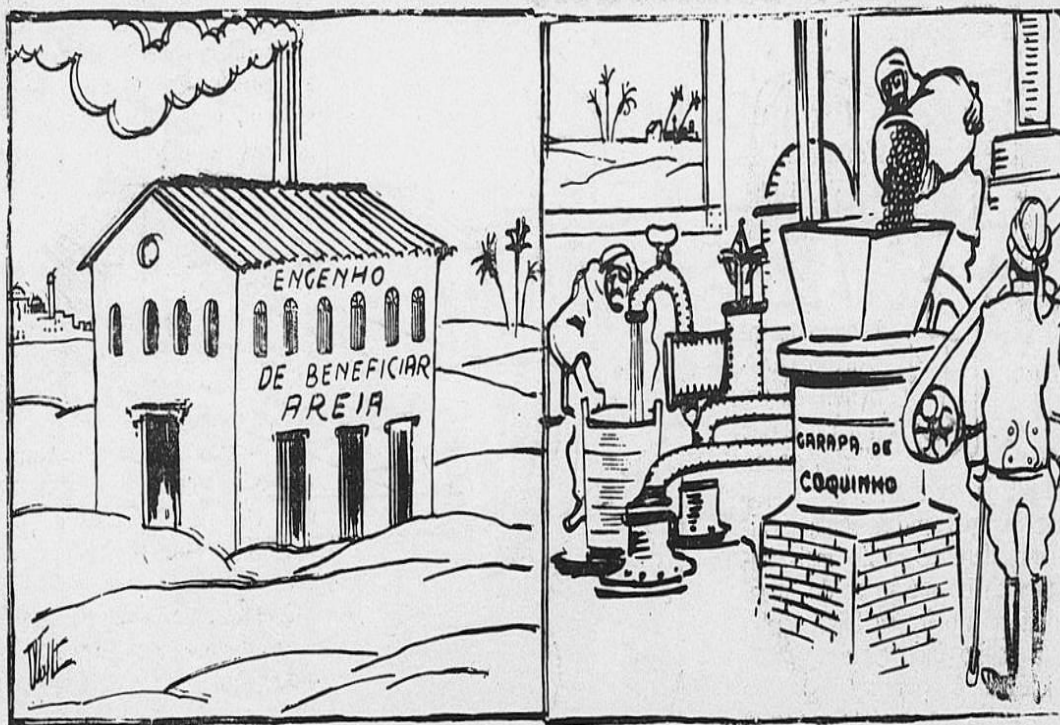
¹¹² O PIRRALHO. São Paulo, 11 nov. 1911.

¹¹³ O PIRRALHO. São Paulo, 18 nov. 1911.

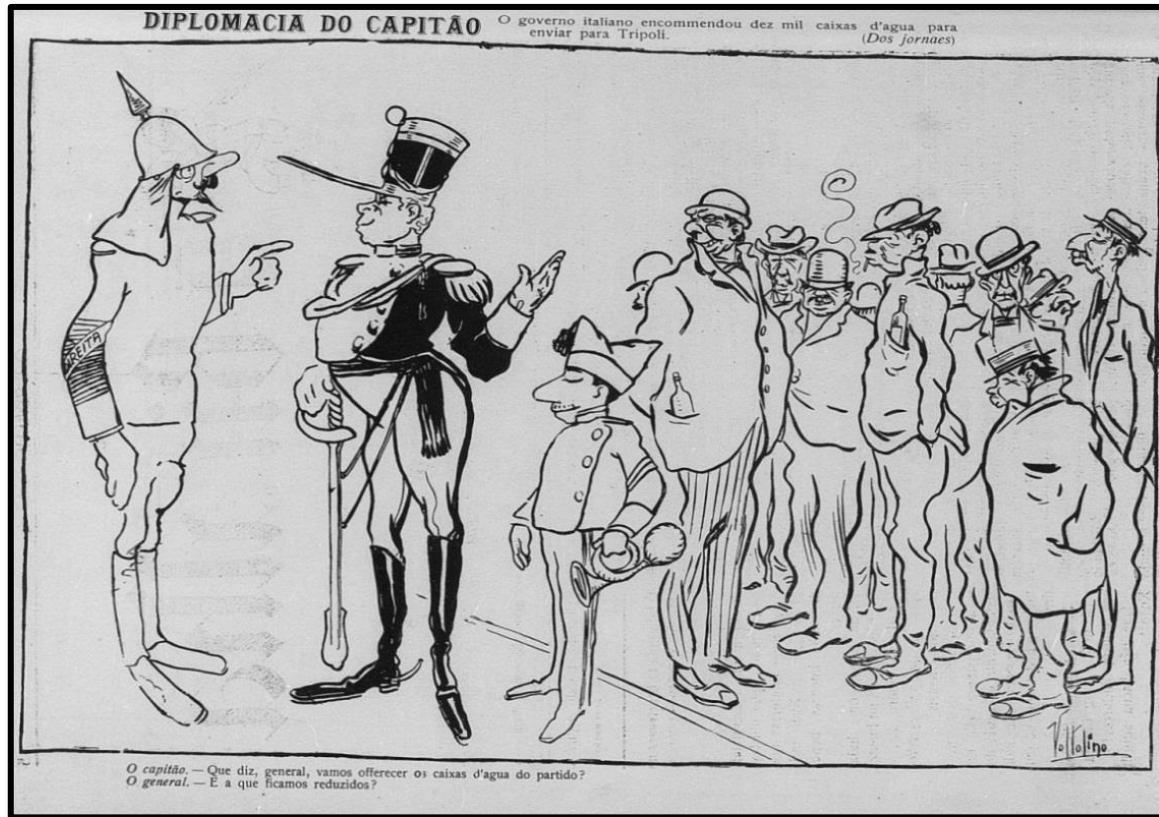
10

O PIRRALHO

EM TRIPOLI



As vantagens industriais da ocupação italiana



Em mais um número de *O Biralha*, a publicação paulista tratava com chiste o impacto da presença de aeroplanos italianos na guerra da Tripolitânia, uma vez que os locais estariam considerando que os aviões seriam enormes galinhas, prontas para atacá-los. Ainda quanto à presença da força aérea dos latinos nos céus do norte africano, *O Pirralho* apresentava caricatura acerca dos “Dois heróis da guerra”, que teriam sido aqueles “que mataram mais turcos nos

últimos combates”, referindo-se a representantes da imprensa paulista, favoráveis à causa italiana. Por outro lado, uma nova carta de integrante da colônia italiana no Brasil reclamava da posição de jornais brasileiros em relação ao enfrentamento bélico¹¹⁴. Sob o título “Vegetação da Tripolitânia”, o periódico mostrava duas improváveis cenas da guerra, uma delas demarcando que “a luta não está limitada às forças de terra e mar”, pois os jornalistas também estariam a engalfinharem-se entre si, “pela conquista dos furos fotográficos”. O conjunto ilustrativo trazia ainda desenho no qual um norte-africano desdenhava da presença de um automóvel trazido pelos italianos para o combate, o qual se encontrava atolado nas areias, terreno propício para deslocamentos com a utilização de camelos¹¹⁵. As disputas imperialistas também foram demonstradas na forma de gravura, como ao retratar “A Itália no Mediterrâneo”, a qual avançava como um homem alado para as terras africanas, enquanto os demais países teriam chegado “tarde para chupar o dedo”¹¹⁶. Diante da crise na conjuntura turca, o periódico trazia a figura do sultão turco pronto “para restaurar o seu velho governo civilizador”, apontando em verdade para o conservadorismo, autoritarismo e política repressiva imposta por tal governante. A crítica estendia-se também aos “velhos turcos” que, em oposição aos “jovens” pretendiam romper com o regime constitucional¹¹⁷.

¹¹⁴ O PIRRALHO. São Paulo, 18 nov. 1911.

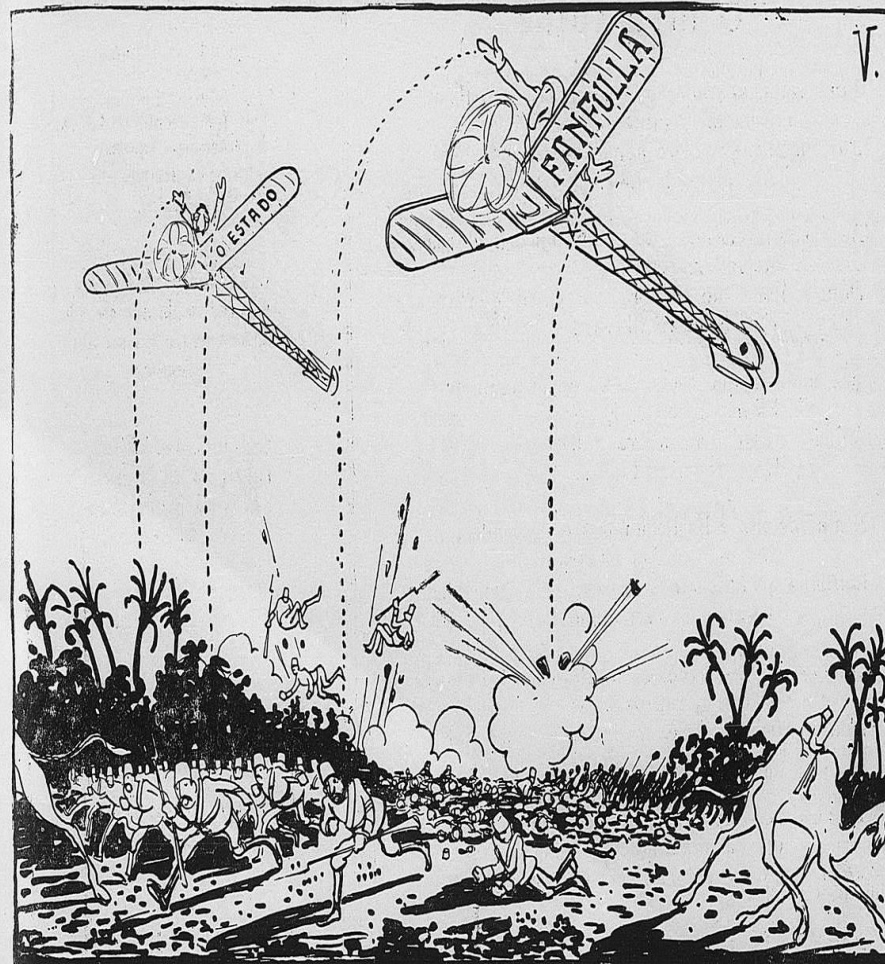
¹¹⁵ O PIRRALHO. São Paulo, 25 nov. 1911.

¹¹⁶ O PIRRALHO. São Paulo, 2 dez. 1911.

¹¹⁷ O PIRRALHO. São Paulo, 9 dez. 1911.

O PIRRALHO

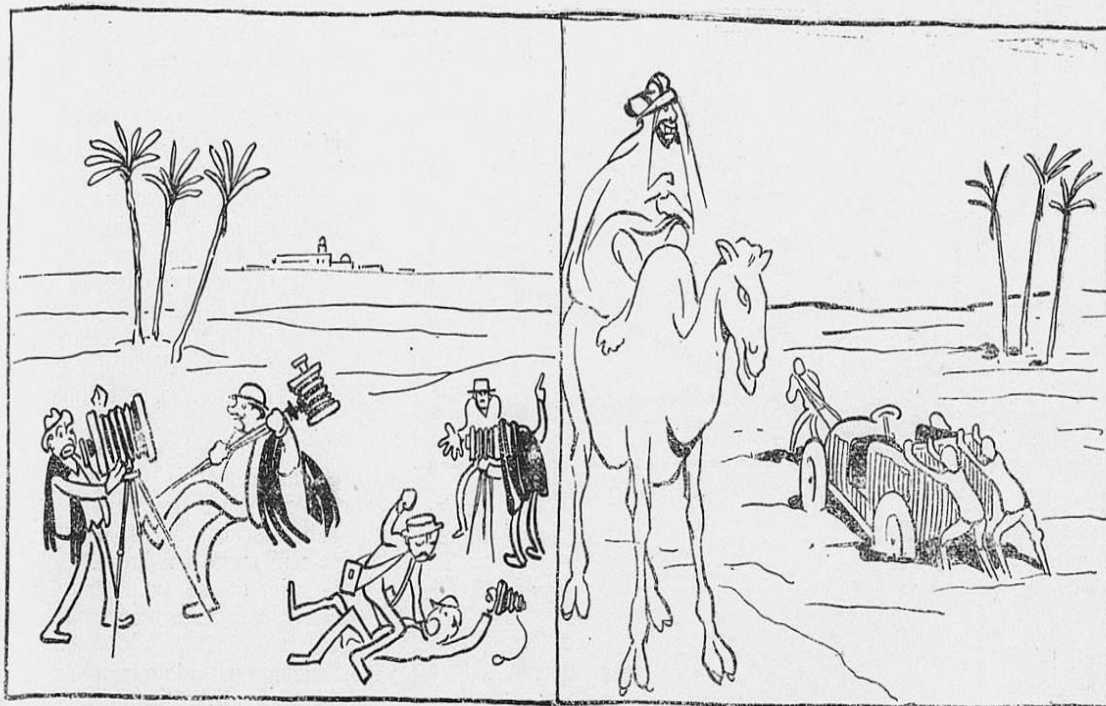
Dois heróis da guerra



Os que mataram mais turcos nos últimos combates.

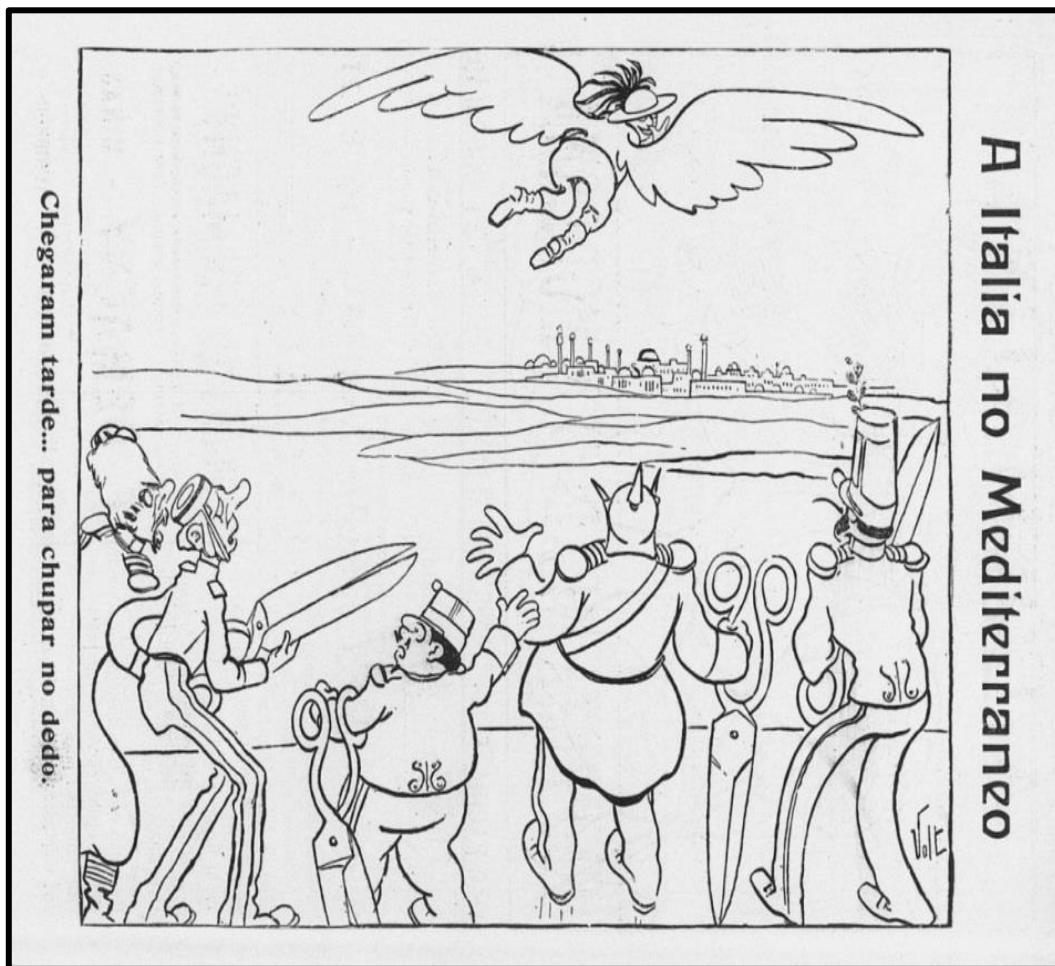
O PIRRALHO

Vegetação da Tripolitania



Como se vê a lucta não está limitada as forças de terra e mar, os jornalistas também luctam pela conquista dos furos photographicos.

— Qual automovel!
— Aqui só se anda de camello.



DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA

ABDUL - HAMID



Prepara as malas para restaurar o seu velho governo civilizador...



A crítica interna à imprensa no que tange às informações/opiniões expressas por outros jornais acerca da Guerra Ítalo-Turca permaneceu presente nas páginas de *O Pirralho*. Foi o caso da jocosa caricatura “Pobre Dante”, segundo a qual a colônia italiana em São Paulo estaria precisando “alugar um turco” para entender o que um dos periódicos paulistas dizia a respeito do conflito. Em sentido oposto a folha se referia a um clube formado por indivíduos oriundos da colônia italiana, no qual todos se consideravam como “*tripolitanos puro-sangue*” – buscando demarcar a incorporação do território norte-africano – os quais, em suas reuniões discutiam “um pouco de tudo até se cair na palestra favorita – *tripolitanos invencíveis*”. Ao mesmo tempo, a publicação constatava que, em meio a tal agremiação, era “engraçado o interesse e os planos terríveis que se formam contra a pacata *Turquia Brasileira*”, em alusão à colônia turca no país tropical¹¹⁸.

¹¹⁸ O PIRRALHO. São Paulo, 30 dez. 1911.

Pobre Dante



A colonia italiana precisa alugar um turco para saber o que o Fanfulla quer dizer.

Nas proximidades do processo de pacificação do confronto ítalo-turco, *O Pirralho* continuava a se manifestar contrariamente à veracidade questionável de notícias divulgadas na imprensa brasileira a respeito do conflito, como ao se referir ironicamente a um jornal segundo o qual, “em um ano de guerra com a Turquia, a Itália matou, segundo cálculos fidedignos, oitocentos sextilhões de turcos”. Em um pequeno verso, a folha apontava para as más condições em que se encontrava a Turquia, comparando-a à situação brasileira, que também seria péssima tendo em vista a atuação do Presidente, marechal Hermes da Fonseca, contra o qual o periódico matinha perene campanha de oposição. O versinho dizia: “Sim senhor! de dia a dia,/ Vão as coisas na Turquia/ Passando de pior a mal.../ Pelo que, em tanta guerra,/ Desconfio que essa terra/ Tem também um marechal...”. A Guerra dos Bálcãs passava a ocupar espaço significativo nas páginas do semanário, ao demonstrar que a situação turca ficava cada vez mais grave¹¹⁹. De acordo com tal perspectiva, a publicação humorística chegava a trazer um governante turco diante de um mapa, encontrando-se “incomodado na Europa” e “com saudades da Ásia”¹²⁰. As dificuldades da Turquia também foram representadas em conjunto de desenhos que estariam a expressar o conteúdo de uma entrevista com especialista na região, propondo-se a apresentar uma “correspondência telegráfica ilustrada”. Quanto aos ataques sofridos pelos turcos, o periódico chegou a mostrar a Turquia como um Gulliver, amarrado por liliputianos, em alusão aos países balcânicos, prontos a despachá-

¹¹⁹ O PIRRALHO. São Paulo, 26 out. 1912.

¹²⁰ O PIRRALHO. São Paulo, 2 nov. 1912.

lo em direção à Ásia¹²¹. Concluía assim *O Pirralho* que a Guerra Ítalo-Turca fora extremamente prejudicial para os interesses turcos, cujo império via-se cada vez mais dilapidado.

¹²¹ O PIRRALHO. São Paulo, 9 nov. 1912.



Pirella

A "paixa" do Medeiros

A entrevista do nosso enviado especial em Paris, com o illustre sociologo turcophilho Medeiros e Albuquerque. Correspondencia telegraphica illustrada.

Depois de nos receber com a amabilidade que tanto o caracteriza, começou o illustre jornalista a descrever a pureza e santidade do lar turco.

Falou-nos com entusiasmo da bravura dos otomanos, instruidos com proficiência pelo sempre galhardo exercito allemão.

Disse nos tambem que o patriotismo dos turcos, não raro os leva a actos de verdadeiro heroismos e até de loucura.

Fiz-nos ver o esultante gadeiteiro, que os turcos são os mais activos negociantes de tapetes e gollarinhos bra biscoço

Disertou longamente sobre o prospero estado financeiro do mais glorioso imperio do mundo.

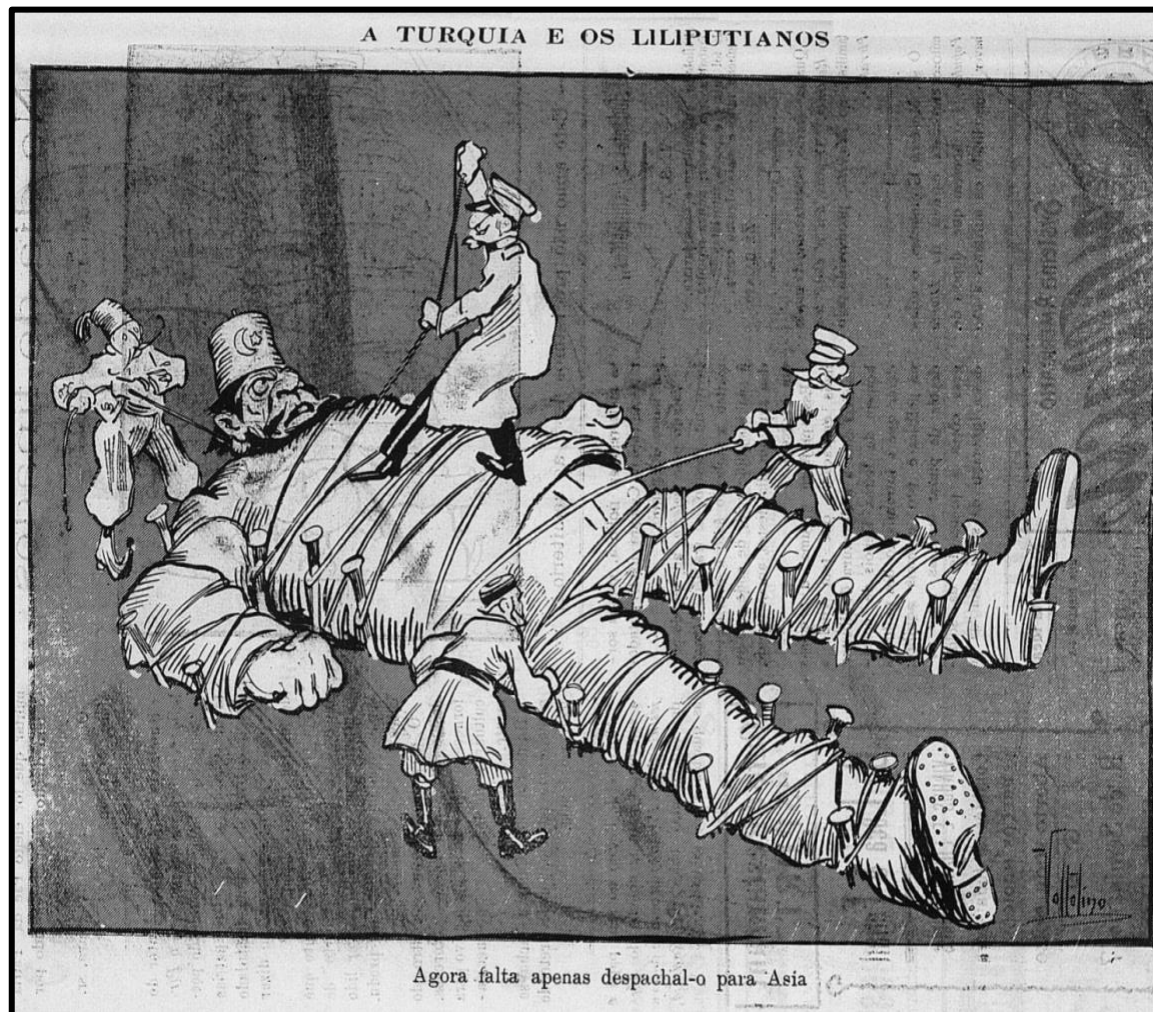
Da dedicação, munificencia e bondade do governo ottomano para com os vassallos, não se encontra outro exemplo no mundo inteiro.

A actividade do povo mussulmano é simplesmente assombrosa.

Em caso de aperto, a diplomacia intelligente e penetrante, desempenha um papel importantissimo.

Nenhum povo do mundo mostrou tanta disciplina e patriotismo como o ottomano (com vistas dos jovens e velhos turcos).

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA



Entre 1911 e 1913 foi editado no Rio de Janeiro o *Álbum de caricaturas*, que viria a denominar-se *O Gato – Álbum de caricaturas*, ou simplesmente *O Gato*. Constituiu uma influente revista ilustrada, sendo uma publicação extremamente cuidada e com uma diagramação inovadora para a época¹²². Teria atingido significativa popularidade, chegando sua redação a noticiar a constante chegada de cartas “de cumprimentos e felicitações” pelo seu “inigualável sucesso”, fator que fazia com que fosse “a sua tiragem escandalosamente aumentada”¹²³. Conforme seu próprio título, a estrutura editorial da revista privilegiava o segmento iconográfico de expressão da arte caricatural, que superava amplamente em número de páginas o conteúdo textual. A partir da prática da caricatura, o periódico realizava a crítica política, bem como a social e de costumes, utilizando-se de textos breves e legendas cáusticas e eivadas de ironia.

A primeira presença da Guerra Ítalo-Turca no *Álbum de caricaturas* foi em gravura de capa, na qual o rei italiano, dizendo ao outro personagem que não precisava ter medo, tentava enfiar um indivíduo identificado com a Tripolitânia em uma bota, em alusão à busca por incorporar o território norte-africano ao mapa da Itália, sempre lembrado pelo formato aproximado com aquele tipo de calçado; a cena era complementada pela presença de governante turco que, ao largo, observava de braços cruzados, ou seja, sem atitudes mais efetivas. Na

¹²² LAGO, Pedro Corrêa do. *Caricaturistas brasileiros (1836-2001)*. 2.ed. Rio de Janeiro: Marca d'Água, 2001. p. 94.

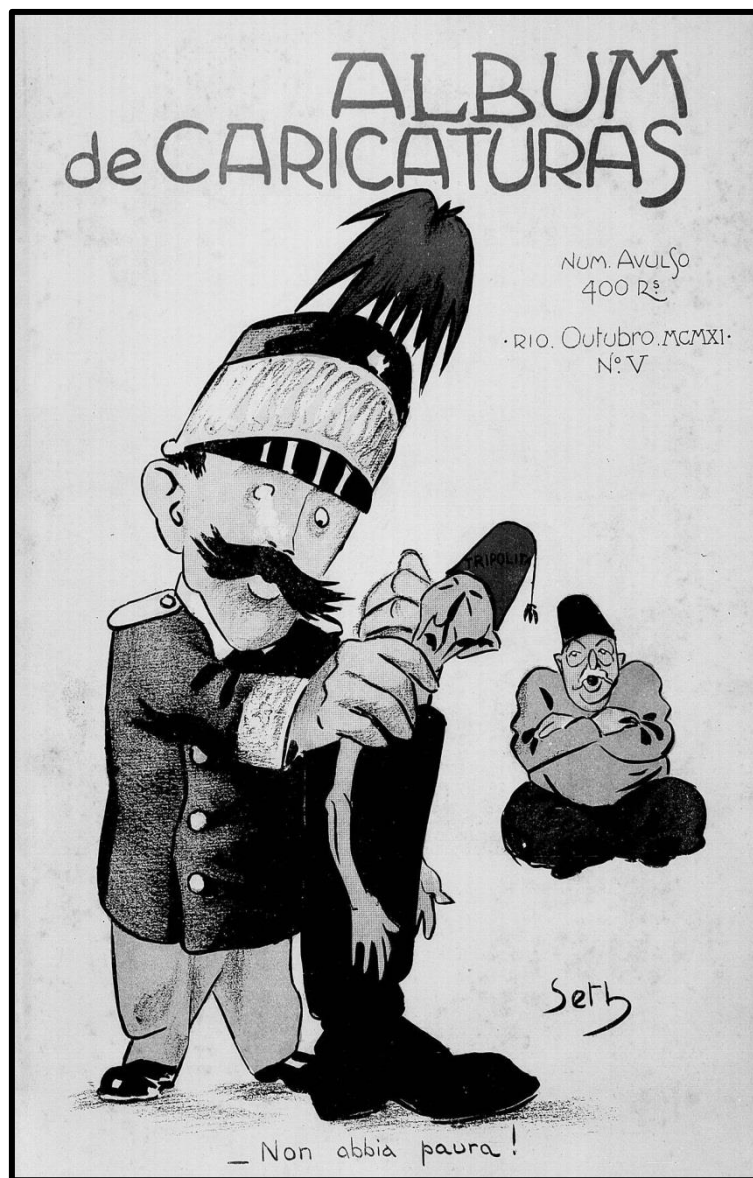
¹²³ O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS. Rio de Janeiro, 25 nov. 1911.

forma de “Desenhos de uma criança”, o periódico mostrava a disputa em pauta como um turco e um latino em uma gangorra, a qual tinha por base um projétil, em referência ao caráter bélico da situação, sintetizado na legenda: “Eis aí como fica o equilíbrio europeu ameaçado...”. Já em “Os iconoclastas”, a folha criticava o imperialismo europeu que estaria a atentar contra a paz, com a Itália chegando por último, mas tentando marcar sua posição¹²⁴. Traçando um paralelo entre os tempos pretéritos e os contemporâneos, em “Os conquistadores”, a publicação caricata trazia ilustração a qual explicava que “antigamente quando não se conhecia ainda esse conto do vigário que é a ‘diplomacia’, os conquistadores bárbaros eram valentes e combatiam francamente e sem medo”, o que teria mudado naquele início de século XX, quando os “civilizados” agiam traiçoeiramente, como seria o caso dos italianos que, escondidos atrás de um “acordo internacional” atirava em um turco pelas costas¹²⁵. A coragem dos italianos também era contestada por parte do *Álbum*, ao mostrar um soldado latino, que se apavorava e fugia ao ver um turco imaginário, a partir de formato esboçado nas nuvens¹²⁶.

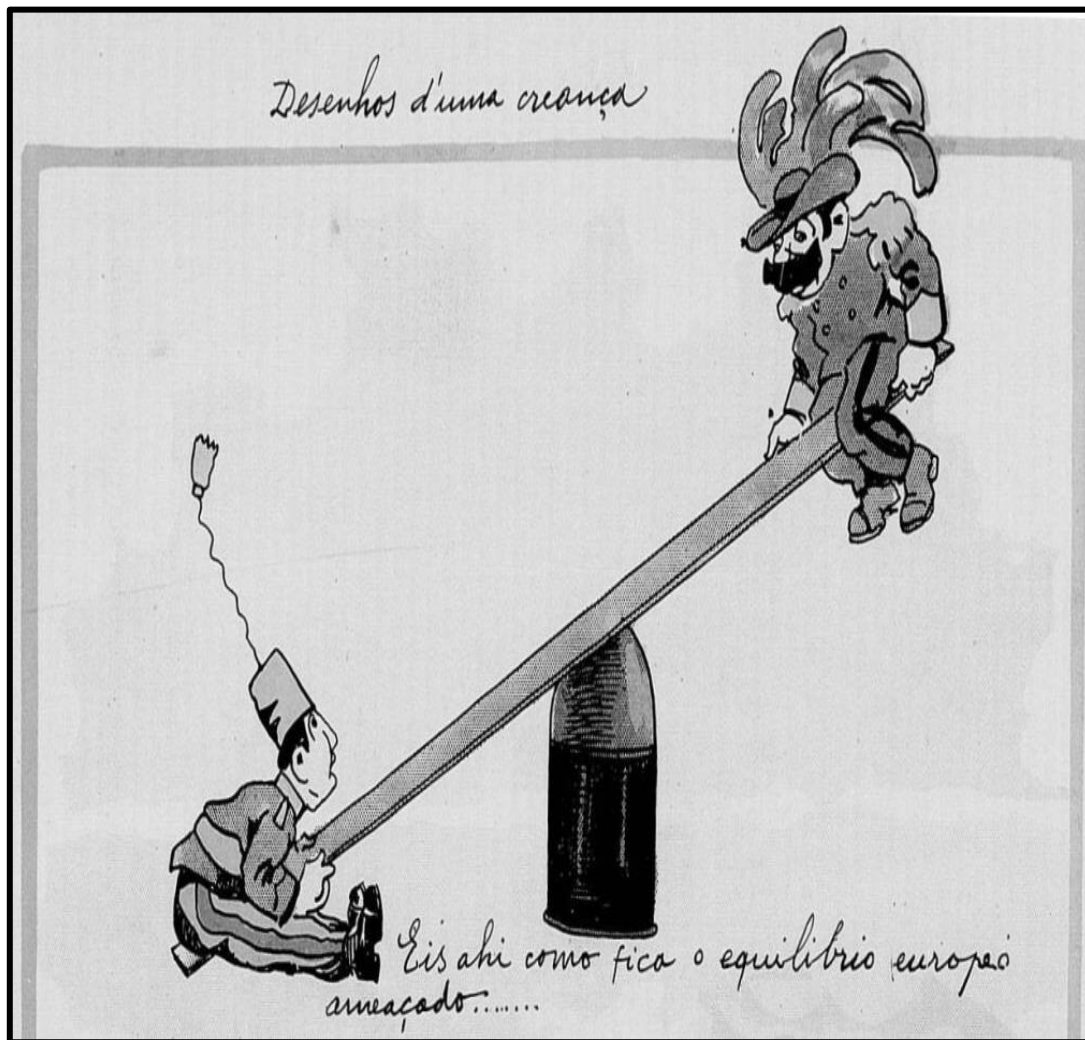
¹²⁴ *ÁLBUM DE CARICATURAS*. Rio de Janeiro, out. 1911.

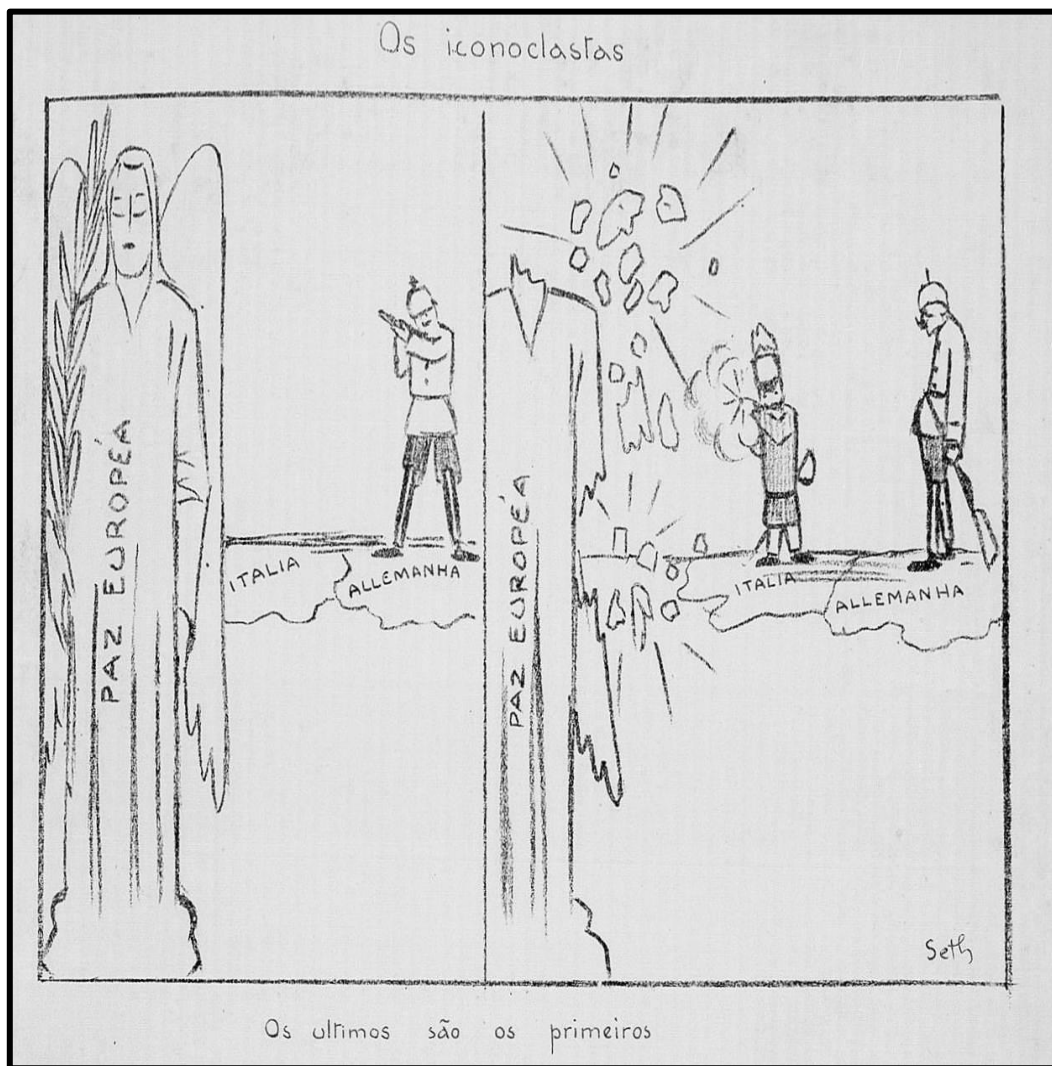
¹²⁵ *O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS*. Rio de Janeiro, 1º nov. 1911.

¹²⁶ *O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS*. Rio de Janeiro, 8 nov. 1911.

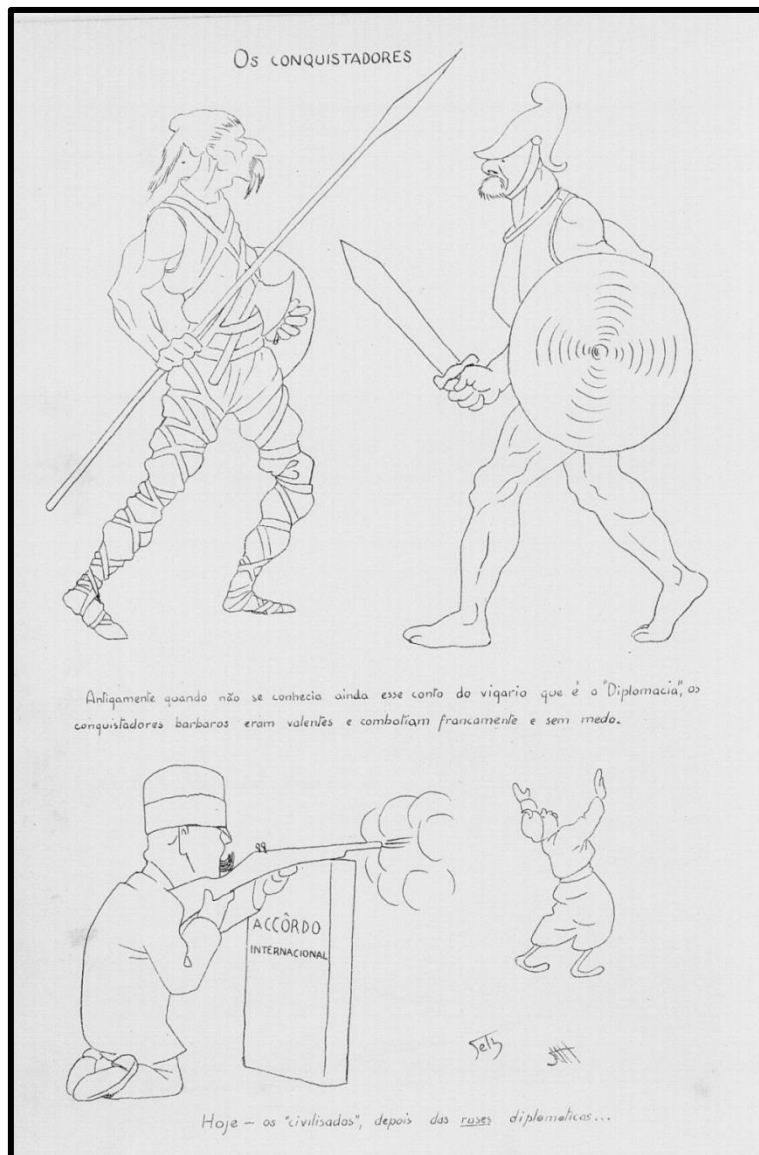


DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA





DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA





O olhar crítico para com as atitudes imperialistas europeias foi representado por *O Gato*, com a figura de um explorador do Velho Continente, identificado como “O urso branco”, que violentava uma nativa africana, imagem associada à legenda “Como o europeu conquista na África”, comparando a ação invasiva com um estupro. Na seção “Noticiário”, o periódico divulgava um fictício telegrama expedido por italiano à redação da folha, com conteúdo em tom de gracejo, que criticava a ação dos soldados italianos na Tripolitânia, em meio aos quais teria passado a reinar o tédio, de modo que o suposto interlocutor solicitava às autoridades latinas que enviassem exemplares do *Gato* para o front, de modo a distrair os militares no teatro de operações¹²⁷. “A Guerra Ítalo-Turca” era resumida ainda por caricatura carregada de ironia, na qual o governante turco dormia, enquanto seu sonho era povoado por vários representantes das potências europeias. Ainda em tom irônico, a folha mostrava um norte-africano de espada em punho correndo atrás de um explorador europeu, que fugia com as riquezas obtidas a partir da exploração colonial, com a legenda de que “São selvagens que matam cristãos”. Já no desenho seguinte, belonaves e um soldado italiano atacavam um nativo na Tripolitânia, com a expressão de que “São cristãos que civilizam selvagens”, Assim, a partir da expressão caricata era colocada em dúvida a categorização de povos em selvagens e civilizados¹²⁸.

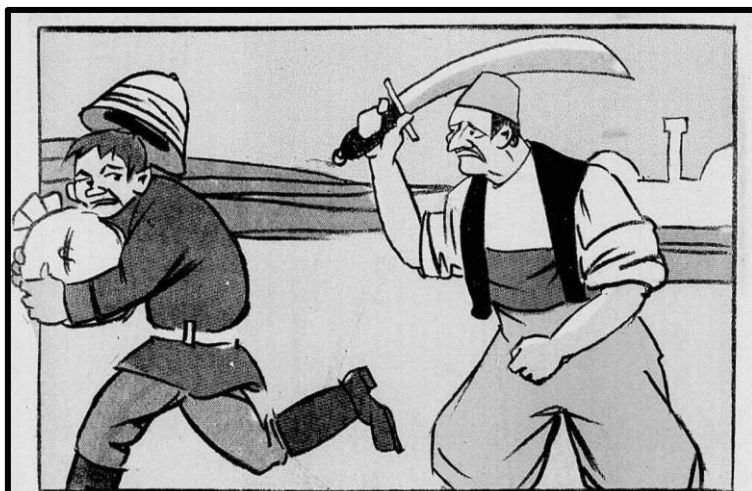
¹²⁷ O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS. Rio de Janeiro, 15 nov. 1911.

¹²⁸ O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS. Rio de Janeiro, 2 dez. 1911.

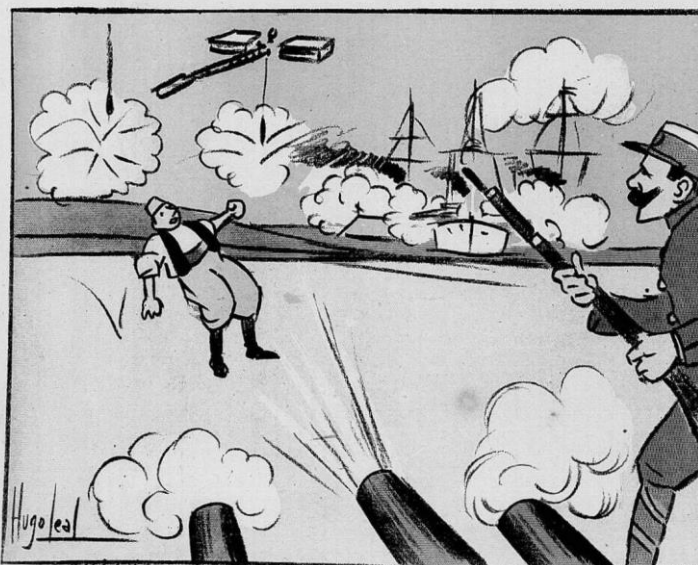


DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA





São selvagens que matam christãos...



São christãos que civilisam selvagens...

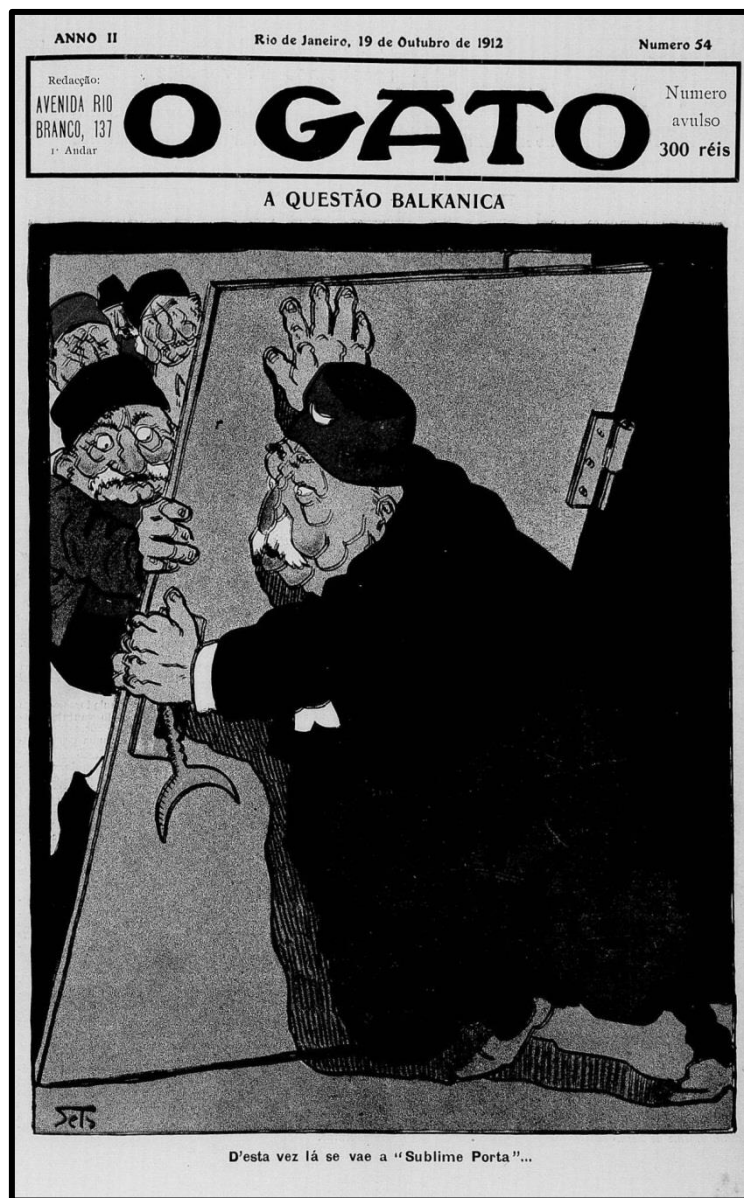
Passado um ano de duração do conflito, já na época da pacificação, *O Gato* fazia referência às Guerras Balcânicas, que levariam a Turquia a aceitar a paz com a Itália, tendo em vista a pressão contínua que sofreria de parte de seus vizinhos. Nesse sentido, a capa do periódico mostrava o governante turco tentando inutilmente segurar uma porta cujas dobradiças não resistiam diante da pressão dos invasores. Levando em conta a denominação secular que era atribuída ao território otomano, a folha comentava que “Desta vez lá se vai a ‘Sublime Porta’”. A respeito da Turquia, a publicação apresentou a matéria “Sobre as margens do Bósforo – como são os suplícios na Jovem Turquia”. No texto, “os jovens turcos” eram definidos como “bárbaros”, em um quadro pelo qual, “de dia para dia, a sua tirania é marcada por novas crueldades”. Dizia que “os próprios jornais turcos relataram há tempos a triste aventura de um adido da legação grega em Constantinopla”, que fora “acusado pelo governo jovem turco de vender bilhetes de loteria para o aumento da esquadra grega”. Tal grego teria sido preso e “sob as unhas de seus pés e de suas mãos enterraram pequenas cavilhas de madeira”. Comentava também que “os jovens turcos acabam de se mostrar ainda mais cruéis para com um súdito búlgaro”, que viajava pela Macedônia, vendendo retratos de um governante búlgaro e outro grego, o que, “aos olhos dos jovens turcos equivalia a uma excitação à revolta contra o potentado otomano”. Esse búlgaro teria sido aprisionado e torturado até os limites da dor¹²⁹. A capacidade militar dos turcos diante dos italianos, levando aqueles a aceitar a paz, e perante os países balcânicos, era colocada em dúvida

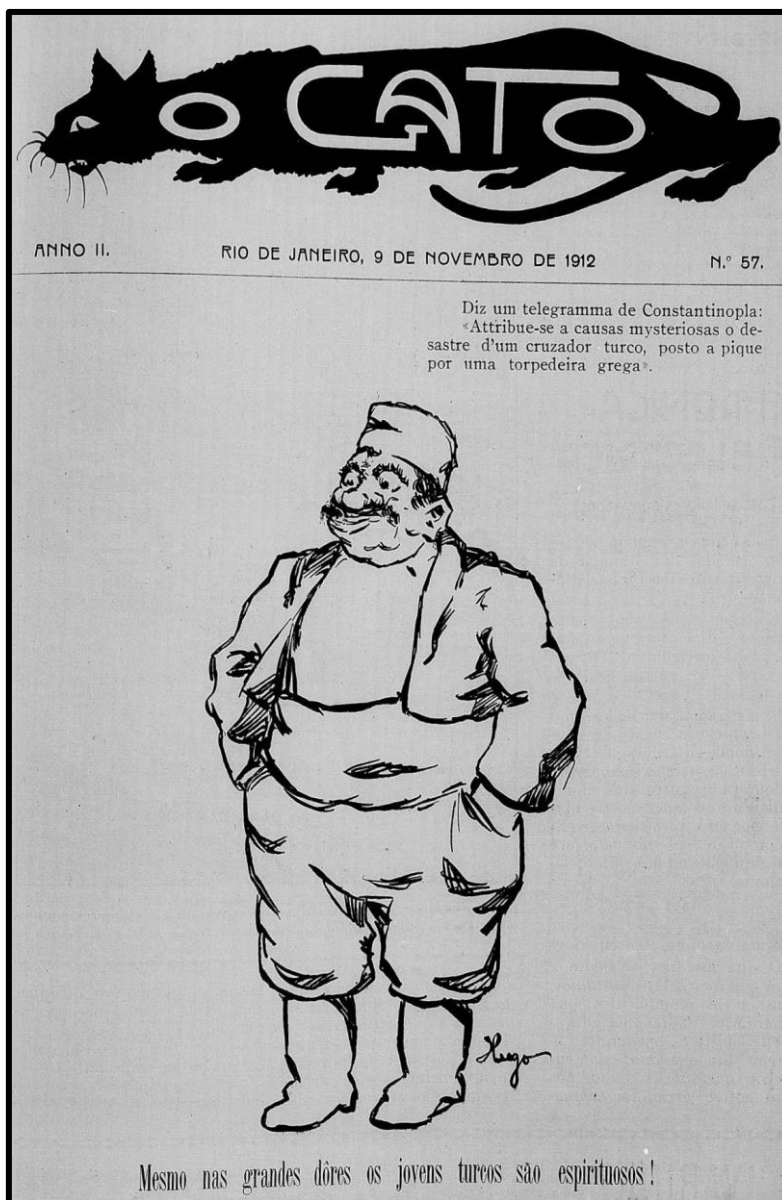
¹²⁹ O GATO. Rio de Janeiro, 19 out. 1912.

por *O Gato*, que em sua capa mostrava um otomano em trajes típicos e de mãos ao bolso, em sinal da inação, sendo a cena acompanhada pela legenda “Mesmo nas grandes dores os jovens turcos são espirituosos!”, apresentando assim tal incapacidade como a principal causa da derrota turca frente aos latinos¹³⁰.

¹³⁰ O GATO. Rio de Janeiro, 9 nov. 1912.

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA





DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA

O *Jornal Ilustrado* foi uma revista publicada na condição de “suplemento mensal do *Jornal do Comércio*”, sendo editado no Rio de Janeiro entre 1911 e 1914. A publicação que deu origem a tal impresso, o *Jornal do Comércio*, constitui uma longa publicação brasileira, tendo iniciado as suas edições em 1827, passando ao longo do tempo por diversos progressos de ordem técnica. Na virada do século XIX ao XX, seguia o modelo da imprensa da época, passando por diversas inovações técnicas e definindo certa estrutura empresarial, chegando já a contar como um dos jornais mais vendidos do Rio de Janeiro¹³¹. Nas décadas iniciais dos Novecentos, era exaltado pelo seu primor editorial, de modo que, em todas as suas seções, seria possível encontrar o brilho próprio a um periódico de ponta, sendo tudo tratado com inteligência e conhecimento especial, vindo a tornar-se objeto de aplicada curiosidade pública¹³². A partir do projeto do *Jornal Ilustrado*, o perene *Jornal do Comércio* pretendia diversificar sua produção gráfico-editorial, trazendo ao público leitor uma edição que promovesse uma revista mensal dos acontecimentos transcorridos em tal período, primando por uma grande qualidade gráfica, com a inclusão de ilustrações em significativa quantidade, além de imprimir várias das gravuras em cores, notadamente no que tange às inserções publicitárias.

Tal suplemento publicou fotorreportagem acerca da Guerra Ítalo-Turca, trazendo registros fotográficos que mostravam uma aldeia destruída pelos

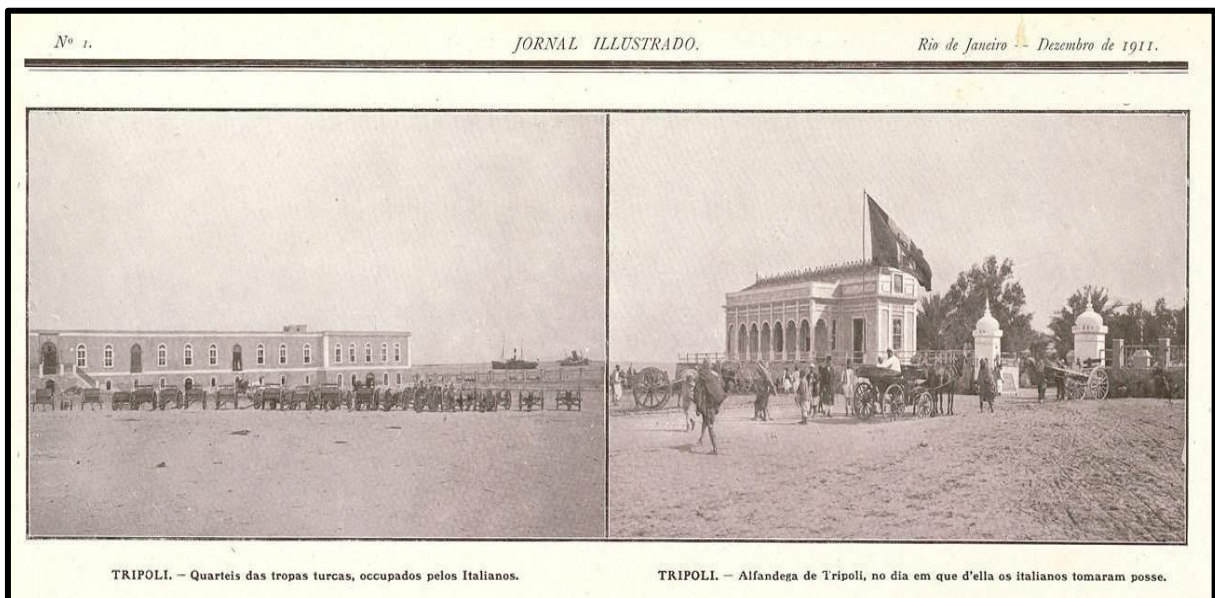
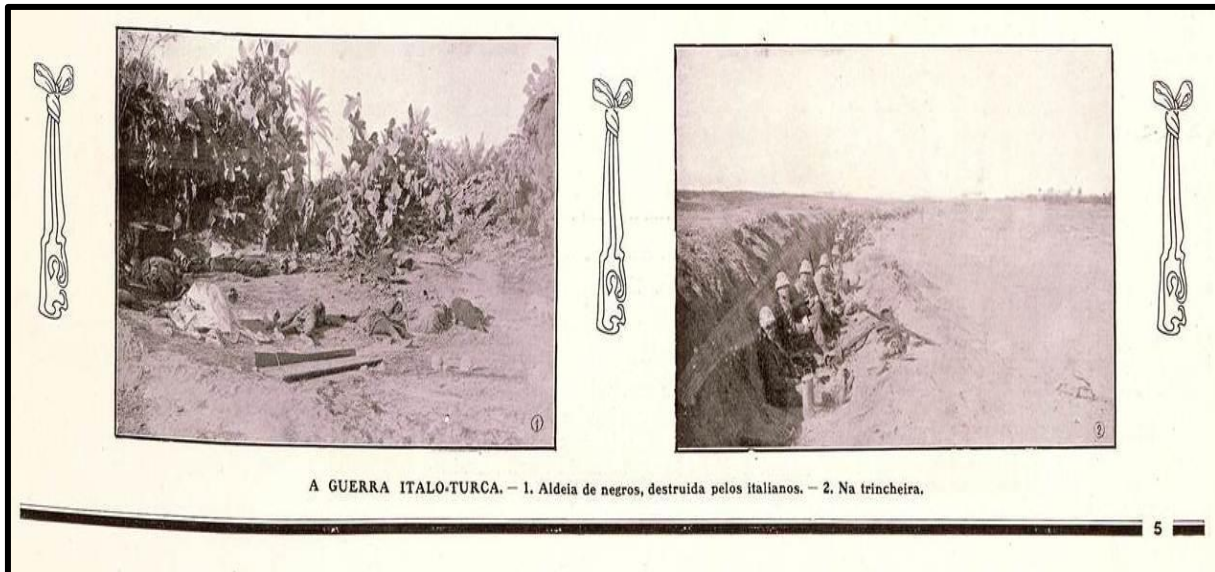
¹³¹ SODRÉ, 2007. p. 109 e 266.

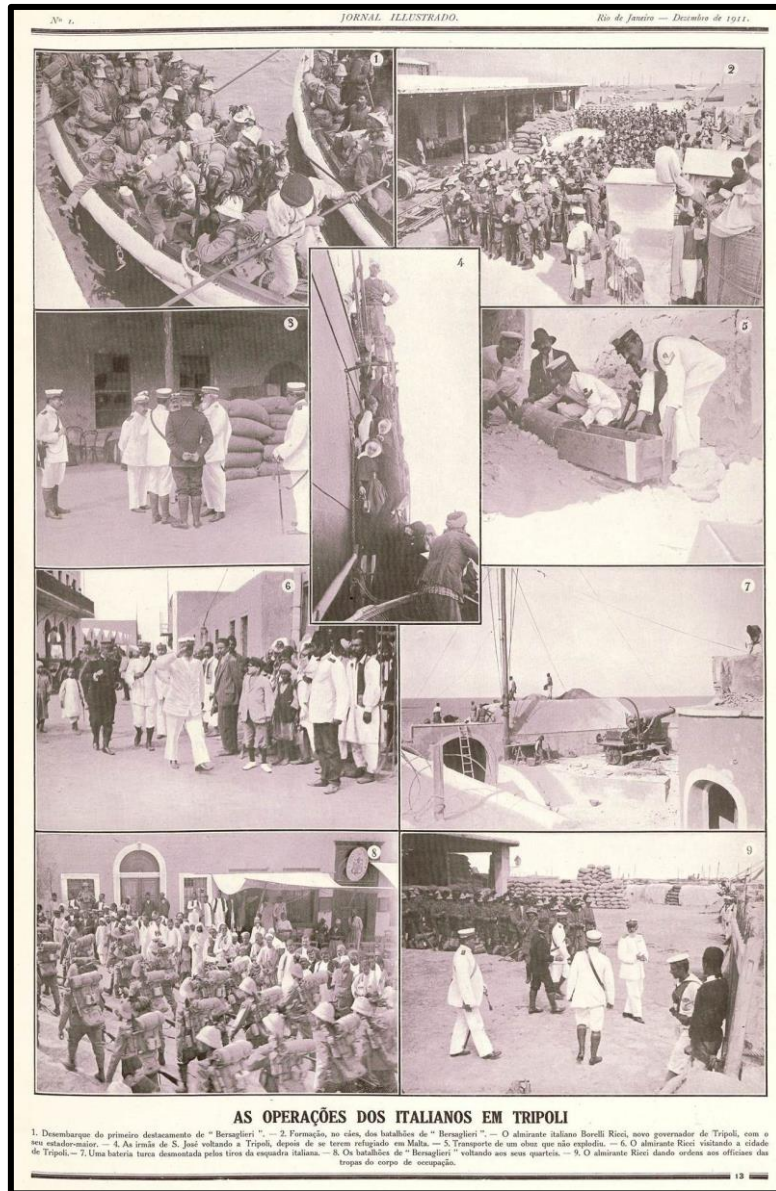
¹³² ALMEIDA, Pires de. O *Jornal do Comércio*. In: *A Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, a. 3, n. 58, 16 out. 1911, p. 137.

italianos e uma trincheira em que se protegiam militares, além de prédios turcos em Trípoli, tomados pelos invasores. Um conjunto de fotografias intitulado “As operações dos italianos em Trípoli”, envolvia ações de desembarques, marchas e presenças de autoridades militares latinas. Segundo o *Jornal Ilustrado*, o conflito vinha chamando atenção dos leitores para o contexto otomano, o que justificava a edição de uma matéria específica, no campo da curiosidade, sobre “A mulher turca”. Nessa linha, o periódico afirmava que “os acontecimentos políticos atraíram ultimamente a atenção dos ocidentais para tudo quanto se refere à Turquia”, de modo que, “à curiosidade das investigações não escapou a mulher turca, ente misterioso que a tradição e os costumes conservam confinado”, evitando a “direta observação dos estrangeiros”¹³³.

¹³³ JORNAL ILUSTRADO. Rio de Janeiro, dez. 1911.

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA
BRASILEIRA





Para a redação do artigo a respeito da situação feminina na Turquia, a revista/suplemento citava escritora que passara muito tempo no Oriente, tendo “ensejo de conhecer a sociedade feminina otomana e estudar o seu caráter, os seus hábitos, as suas condições de vida”. De acordo com a narração, era “um erro supor que as atuais condições” das turcas “representam uma consequência dos princípios do islã”, uma vez que seriam, “em grande parte, devidas a velhos costumes orientais, que não se relacionam com as leis de Maomé”. Afirmava que, em comparação com as mulheres de outras regiões, “a otomana goza de vantagens, pois tem, ao menos, a certeza de receber do marido um tratamento mais cortês e mais humano”, sem deixar de constatar que, ainda assim, “a otomana ganharia se trocasse as suas condições com as de mulher ocidental”. Era lastimado que “a cultura de espírito” não era da “mais desenvolvida nas turcas”, pois, “no império otomano nenhum valor se tem dado até agora à instrução da mulher”, havendo para ela uma “completa ausência de conhecimentos de ordem artística, literária ou científica”. Tal carência de “cultura intelectual” levaria à “frivolidade das ocupações” entre as representantes do sexo feminino, como no caso das “casas ricas”, onde elas dedicavam-se a cuidar “do vestuário e dos divertimentos”. Em relação a “algumas mulheres turcas da última geração”, teria sido observado um “certo descontentamento quanto às suas condições atuais” e “uma vaga e mal definida aspiração a uma vida diferente”¹³⁴. A descontinuidade da edição do periódico no

¹³⁴ JORNAL ILUSTRADO. Rio de Janeiro, dez. 1911.

ano de 1912 não permite observações do mesmo quanto ao processo de término do enfrentamento turco-italiano.

Assim, várias das revistas ilustradas publicadas no Rio de Janeiro e em São Paulo trouxeram ao seu público leitor informações/opiniões acerca da Guerra Ítalo-Turca. Cada qual com seu estilo e escopo editorial e condições técnicas de impressão buscaram expressar detalhes menos ou mais profundos a respeito do conflito. A preferência foi pelos textos em geral mais breves, mormente em comparação com os longos editoriais e artigos dos jornais diários; pela prática do fotojornalismo, em um quadro de intentar trazer através da fotografia aquilo que se considerava como uma propalada reprodução do real; e pela inserção da arte caricatural, com suas densas doses de crítica, ironia, jocosidade e sarcasmo. Os temas abordados foram variados, envolvendo desde questões estratégico-militares; passando pela discussão das relações internacionais e o jogo de forças entre as potências imperialistas; e chegando a pormenores do cotidiano e curiosidades em relação ao enfrentamento bélico e a cada uma das partes que compunham o confronto. Foram expressas visões de oposição ao imperialismo europeu, com críticas aos avanços sobre o território africano, e ainda outras, que não chegaram a se opor ao mesmo, considerando que seria uma condição natural a submissão dos povos ditos “atrasados” por parte daqueles considerados como mais “adiantados”. No seio da discussão também aparecia a velha categorização elaborada por Morgan no século XIX, que envolvia os termos selvageria, barbárie e civilização, aplicando-os especificamente na relação entre dominados e dominadores oriunda das

DOIS CONFLITOS BÉLICOS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA BRASILEIRA

intervenções imperialistas. Os alcances e limites das tropas em guerra e a tentativa de colocar à disposição da leitura e da observação iconográfica algumas cenas do teatro de operações foram outros dos elementos constitutivos dessas magazines. Transformando-se praticamente em uma moda daquele início dos Novecentos e compondo um gênero jornalístico em ascensão no conjunto da imprensa brasileira, tais revistas ilustradas cariocas e paulistanas, por meio de construções textuais e imagéticas, intentaram trazer para aqueles que as consumiam determinados cenários daquela longínqua guerra que se desenvolvia no entorno da Bacia do Mediterrâneo.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

